



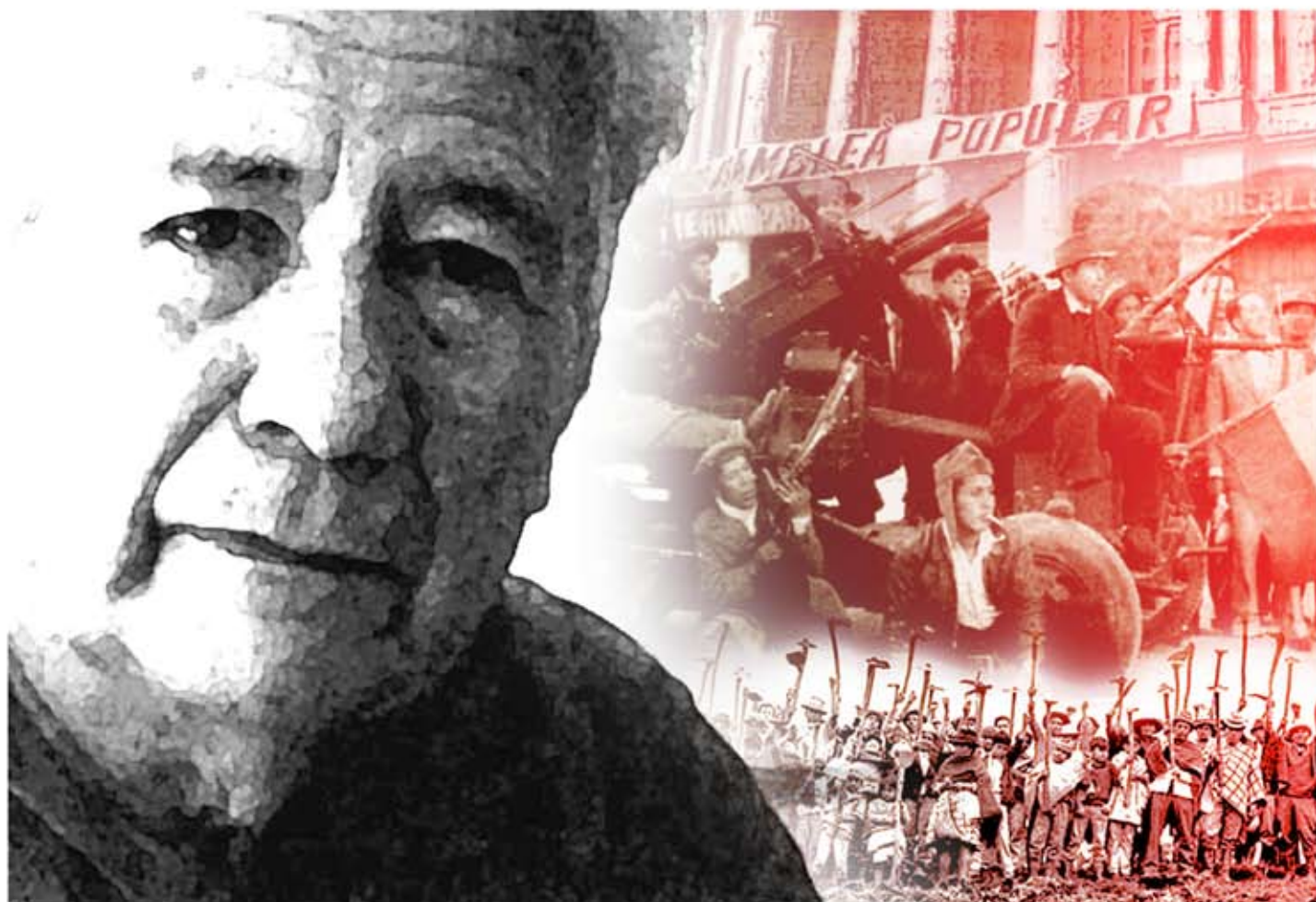
Boletim do

# **Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional**

Publicação do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional  
Versão em Português - maio de 2019 - R\$ 5,00

## **10 anos da morte de Guilhermo Lora**

**Dirigente trotskista boliviano, que dedicou sua vida à  
revolução proletária e ao internacionalismo marxista**



## 10 anos do falecimento de Guillermo Lora

Esta é uma edição especial do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional, dedicada à memória do militante marxista-leninista-trotskista Guillermo Lora. Conservamos a tradição de nos reverenciarmos diante de Marx, Engels, Lênin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht, principalmente. Guillermo Lora faz parte desses cérebros que se voltaram inteiramente e por toda uma vida à luta pela edificação do socialismo científico e, portanto, da vitória da revolução proletária. Têm em comum o esforço de construir o Partido Mundial da Revolução Socialista. Guiados pelo internacionalismo proletário, procuraram resolver, de acordo com as particularidades de seus países, a formação do partido revolucionário.

Embora não tenha sido o fundador do Partido Operário Revolucionário, na Bolívia, Guillermo Lora foi quem assentou as suas sólidas bases programáticas. E, para isso, levou a militância porista a se vincular ao proletariado mineiro. Ainda jovem e iniciando a sua formação no marxismo, enfrentou a tarefa de organizar o partido como vanguarda consciente da classe operária. Pode-se dizer que o POR teve um segundo nascimento na década de 1940, cinco anos após a sua fundação, em junho de 1935. Lora teve a clareza de reconhecer no trotskismo a continuidade do marxismo-leninismo, momento em que o estalinismo saía fortalecido da Segunda Guerra Mundial, e em que Trotsky havia sido assassinado, a mando de Stalin. Esse momento tem particular importância para a consolidação do POR e da história do trotskismo na América Latina.

É na Bolívia que as teses e o Programa de Transição da IV Internacional serão aplicados e desenvolvidos no fogo da luta de classes, encarnada pelos mineiros e radicalizada pelos levantes camponeses. A história do POR guarda uma relação carnal com os levantes nas minas e no campo. É na situação de enfrentamento revolucionário das massas, o que obrigou o governo a recorrer a massacres, que o POR interveio no Congresso da Federação Mineira, e conseguiu aprovar as Teses de Pulacayo. O ano de 1946 constituiu um marco na construção do partido e na evolução do movimento operário boliviano. O POR, à margem da IV Internacional, havia dado um passo de importância estratégica para a afirmação do trotskismo na Bolívia e para o movimento mundial do proletariado. O isolamento do partido, em um país de economia capitalista muito atrasada, impossibilitou que influenciasse amplamente o movimento revolucionário internacional e, em especial, o da América Latina. Lora reconhece que tal limitação prejudicou o desenvolvimento do partido, mas, principalmente, a sua influência na afirmação da IV Internacional, fragilizada e desorientada, com o assassinato de Trotsky.

A Revolução de 1952, que testou, pode-se dizer, definitivamente, as diretrizes programáticas do POR, coincidiu com a crise no seio da direção da IV Internacional, que levaria ao revisionismo pablista e à sua cisão. O afastamento do POR desse processo não o livrou de seus impactos. Em plena Revolução de 1952, o revisionismo se manifestou no interior do partido. O pablismo capitulou diante do nacionalismo burguês, o que era explicável, uma vez que, como revisionista, abandonava a caracterização do estalinismo como contrarrevolucionário. O aparato pablista provocou duas cisões no POR. Lora liderou o combate ao liquidacionismo, que alterava o programa partidário, e o levava à adapta-

ção ao nacionalismo pequeno-burguês radical. Podemos concluir que o pablismo foi testado e derrotado na Bolívia, em meio a um período de agudização da luta de classes, que vai da Revolução de 1952 à Assembleia Popular de 1971. Essa tarefa não pôde ser cumprida pela fração da IV Internacional, que rechaçou as teses revisionistas de Michel Pablo.

O fato, no entanto, do trotskismo na Bolívia, que se desenvolvia no seio das massas, não ter participado dos embates no interior da IV Internacional limitou seu alcance, no momento em que se desintegravam as bases do Partido Mundial da Revolução Socialista. Dizemos que limitava, relativizando o isolamento, porque a luta de classes radicalizada na Bolívia e a presença do POR influenciaram em alguma medida o movimento revolucionário na América Latina. Ainda que lentamente, dada a profundidade da crise de direção revolucionária mundial, as conquistas do POR vêm se generalizando e encarnando no trabalho do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional.

É preciso considerar que o fracasso da Revolução de 1952 e a impossibilidade da Assembleia Popular ter conquistado o poder, sob a direção do POR, retardaram a influência do marxismo-leninismo-trotskismo na América Latina. O revisionismo e o centrismo, que se desprenderam em inúmeros agrupamentos da IV Internacional desintegrada, continuaram e continuam a obstaculizar o reconhecimento das conquistas do POR boliviano.

Lora orientou, sistematicamente, as seções do Comitê de Enlace a elaborarem seus programas. Somente assim, poderiam penetrar e se constituir no seio do proletariado e impulsionar a luta pela reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista. Esse programa, por ser internacionalista em seus fundamentos, implica dialeticamente o cumprimento da tarefa de superar a crise de direção revolucionária, reconstruindo a IV Internacional. Concretamente, a orientação internacionalista de Lora às seções levou ao trabalho de constituição dos programas nacionais, e à luta por confluir com os instintos comunistas do proletariado. Essa tarefa, certamente, está a caminho e, sem dúvida, depende também do avanço político e organizativo do Comitê de Enlace.

Está ainda para ser melhor entendida a importância dos esforços de Lora em desenvolver o conteúdo histórico e programático da estratégia dos Estados Unidos Socialistas da América Latina. Um dos conflitos do dirigente trotskista com os revisionistas se deu em torno ao caráter da revolução nos países semicoloniais de economia capitalista combinada. O que, naturalmente, exige a tática correspondente, que é a da frente única anti-imperialista. O centro desse embate, no fundo, era e é o do internacionalismo proletário.

Nesses 10 anos de falecimento de Lora, a crise mundial do capitalismo se potenciou e pôs à luz do dia as conquistas programáticas do POR boliviano. Os 70 volumes das Obras Completas são um rico patrimônio do proletariado, que compõe o percurso do socialismo científico de Marx, Engels, Lênin, Trotsky e outros revolucionários. Os escritos de Lora são parte dessa gigantesca elaboração do marxismo. A justa homenagem a Guillermo Lora é a mesma que prestamos aos grandes revolucionários, que estabeleceram a teoria e o programa da revolução mundial do proletariado.

Guillermo Lora vive na luta pela reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista!

*Pelo Comitê de Enlace, Atilio de Castro - 1º de Maio de 2019*

# Uma vida dedicada ao Partido Operário Revolucionário

*Guillermo Lora – 1922-2009*

O dirigente do Partido Operário Revolucionário da Bolívia faleceu no dia 17 de maio de 2009. Reproduzimos algumas lições deixadas por Guillermo Lora, publicadas no folheto “90 anos de seu nascimento – esboço biográfico do líder do Partido Operário Revolucionário”.

Ao longo de seus 87 anos, Lora seguiu um longo caminho na construção do verdadeiro partido bolchevique. Cada problema, cada situação e cada conjuntura foram analisados e respondidos por escrito, com o respaldo de inumeráveis documentos de investigação que fundamentava suas posições. Com critério científico, criticou aqueles que desviaram para o “ativismo” puro, mostrando que, para fazer política, é necessário conhecer a realidade social, inserir na massa explorada, ganhar militantes e fazer um impecável trabalho de propaganda.

Convencido do papel organizador do jornal para o Partido, fundou em 1947 a “Luta Operária”, convertido anos depois no Jornal “Massas”. Criou os editoriais do Massas e da Mola do Diabo, escreveu uma infinidade de análises e balanços, projetos de teses para organizações sindicais e outros que foram publicados em suas folhas chamadas “A Colmeia”. Também se preocupou em divulgar a obra e pensamento de outros autores por meio da coleção “Folhas de meu Arquivo”. Sua impressionante Obra, de consulta obrigatória para os estudiosos da história boliviana e para os marxistas, está concentrada na valiosa coleção de 67 tomos <sup>(1)</sup>, sob o título de “Obras Completas”, editada por ele mesmo.

Em sua permanente ação para construir o partido bolchevique e superar a crise do POR, tanto no plano político como organizativo, seus últimos escritos e, sobretudo, os de 2005 a 2008, constituem uma valiosa análise autocrítica de toda experiência do trotskismo boliviano. No último período de sua vida, se esforçou para que os poristas compreendessem a necessidade de trabalhar no movimento operário. Através de seus escritos, traçou as principais linhas de autocrítica e estudo que deveriam empreender os marxistas para superar os erros cometidos pelo trotskismo no passado e, assim, fortalecer o trabalho da vanguarda operária.

Nas últimas reflexões, Lora fez esforço para responder a questão de que por que o POR não conseguiu alcançar seu objetivo histórico. Esses escritos, que não se encontram nas Obras Completas, traçam três linhas fundamentais de autocrítica: 1) O trabalho do Partido na transformação do instinto em consciência; 2) O trabalho do Partido Internacional; 3) O problema organizativo.

Para Lora, a raiz de todos os erros cometidos na história do POR é não ter compreendido o fenômeno do instinto comunista. Essa incompreensão levou à confusão entre instinto e consciência de classe (...) O POR tomou as radicais ações instintivas dos operários por expressões de sua consciência, o que o fez descuidar de seu próprio papel dentro da inter-relação dialética classe-Partido e, portanto, a uma insuficiente maturação como direção dos explorados. Diz: “O instinto comunista dorme nas entranhas da classe operária e desperta (...) quando se agudiza a luta de classes, fundindo-se com a teoria marxista”. É errôneo confundir ambas as coisas, pois o instinto, para sobreviver e desenvolver, necessita ser convertido em política revolucionária, política de alcance insurrecional. O POR deve concentrar-se integralmente no trabalho de tornar seus militantes operários em criadores de teoria.

Sobre o problema internacional, Lora afirmava que, atualmente, vivemos os efeitos da depressão mundial do movimento revolucionário, em função da opinião pública, de confundir estalinismo com comunismo. O POR deve contribuir na marcha para potenciar a IV Inter-

nacional. O movimento da IV Internacional desapareceu pela ação das correntes barbarizadoras voltadas à sua destruição. Assinala que, em 1971, o POR não pôde consumir a revolução proletária, quando a realidade lhe era favorável e havia conseguido se afirmar como direção das massas, devido à debilidade da IV Internacional. O alto preço que pagou o trotskismo por essa derrota continua vigente, pois se traduziu no retraimento do poderoso partido boliviano. A lição consiste em que o desenvolvimento da Internacional só pode se dar por meio da ação dialética de suas seções nacionais. A potencialização recíproca dos partidos trotskistas é a única via para a revolução comunista.

Em relação ao problema organizativo, Lora ressaltou a falta de revolucionários capazes de dirigir as lutas das massas, reflexo de uma militância que não assimilou o marxismo como prática revolucionária consciente. Esse fenômeno põe em evidência, sobretudo, que a militância não tem conseguido assimilar com profundidade a teoria marxista da revolução. Conclui dizendo que o POR terá de encontrar o caminho para superar esses problemas por meio da assimilação autocrítica de sua própria experiência, tanto nacional como internacional.

A vida de Lora foi marcada por prisões e exílios. A sua atuação na greve mineira e Massacre de Catavi, uma das mais duras provas suportadas pelo proletariado mineiro e seu Partido, lhe impôs o exílio no Chile e Uruguai, passando pela Argentina. No exílio escreveu “O que sucedeu em Catavi”, um memorável testemunho sobre a repressão do governo da oligarquia. Vale lembrar que, em 1961, o líder do POR foi confinado em Puerto Villarroel, onde, sob sua influência, os presos realizaram uma greve de fome em protesto às condições sub-humanas em que eram obrigados a viver. Em quase todo o país, foram realizadas manifestações, greves e paralisações de fábricas em apoio aos dirigentes presos.

Nessa breve homenagem ao dirigente do POR, não poderíamos deixar de assinalar o papel do jovem Lora na elaboração das Teses de Pulacayo. Em meio a uma onda de greves e de radicalização das massas, foi realizado o Congresso extraordinário da FSTMB, em Pulacayo. O documento foi aprovado. As Teses de Pulacayo caracterizam pela primeira vez o país como “capitalista atrasado” e, partindo das reivindicações dos mineiros, desenvolve sobre uma realidade concreta o Programa de Transição, reafirmando a estratégia da Ditadura do Proletariado. Afirma, porém, que as Teses de Pulacayo não puderam encabeçar a marcha dos explorados para a conquista do poder, em função da debilidade política e organizativa do POR. No entanto, de acordo com as resoluções de Pulacayo, se formou o bloco Mineiro Parlamentar, Lora foi um dos deputados. A experiência do dirigente porista confirma as teses leninistas sobre a atuação revolucionária no parlamento burguês. Sua atuação lhe valeu a cassação do mandato, juntamente com os companheiros do Bloco Mineiro, sua expulsão da Bolívia e o exílio.

O Partido Operário Revolucionário do Brasil se esforça para assimilar os ensinamentos deixados por Guillermo Lora. Temos consciência de que a melhor forma de reconhecer o incansável trabalho de Lora é construir o POR no Brasil, como parte da constituição do Partido Mundial da Revolução Socialista.

*(Extratos do folheto – “90 anos de seu nascimento”, publicado pelo Partido Operário Revolucionário da Bolívia)*

(1) Depois de sua morte, foram editados mais três tomos



**Aos trabalhadores e explorados do país e do mundo**

## **Faleceu Guillermo Lora O Programa da Revolução Boliviana continua em pé e mais forte do que nunca**

O Comitê Central do Partido Operário Revolucionário (POR) comunica o falecimento de nosso Secretário Geral, camarada Guillermo Lora Escobar.

A vida de Guillermo é um exemplo de consequência revolucionária, de uma vida dedicada inteiramente à causa dos oprimidos da Bolívia e do mundo, à luta pela emancipação do proletariado e do conjunto dos explorados.

O pensamento revolucionário de Guillermo Lora foi forjado na luta do proletariado boliviano, particularmente do mineiro, é a expressão consciente dos objetivos históricos da única classe revolucionária de nossa época. A partir das Teses de Pulacayo, passando pela Assembleia Popular, até nossos dias, a

elaboração teórica e a ação de Guillermo Lora e seu partido, o POR, constitui em essência o conhecimento das leis da Revolução Boliviana, que será obra da nação oprimida, politicamente dirigida pelo proletariado.

Essa contribuição está marcada nos 67 tomos de suas Obras Completas, na qual Guillermo Lora permanecerá vivo. Ele vive na luta dos trabalhadores e de todos os oprimidos, como guia que assinala o caminho para materializar o Governo Operário-Camponês, que será a ditadura dos oprimidos contra os opressores, a ditadura do proletariado, o socialismo a caminho do comunismo, a sociedade de homens livres sem opressores e sem oprimidos.

O movimento operário latino-americano e mundial tem na vida e obra de Guillermo Lora uma valiosa contribuição teórica e prática para iluminar o caminho da reconstrução da Quarta Internacional, como Partido Mundial do Proletariado.

Camarada Guillermo, herdamos de ti o exemplo e o caráter do que é um militante revolucionário profissional e continuamos na luta até materializar a revolução de que o país necessita para ser livre.

*La Paz, 17 de maio de 2009  
Comitê Central do Partido Operário  
Revolucionário*

## **Pronunciamento do CERQUI (Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional) frente ao falecimento do camarada Guillermo Lora**

Reivindicamos a militância internacionalista do camarada, a sua fidelidade inquebrantável ao marxismo-leninismo-trotskismo, ao Programa de Transição da IV Internacional. Diferentemente das seitas que se declaram trotskistas, seu internacionalismo o vinculou ao proletariado mineiro e à construção do POR Boliviano. Este internacionalismo em que se traduziu sua fidelidade ao Programa de Transição lhe valeu a sanha de todos os revisionistas do trotskismo, que fizeram do ataque ao POR boliviano sua razão de existência.

O camarada Guillermo foi um verdadeiro exemplo de militante profissional, que dedicou sua vida a dar expressão consciente ao proletariado revolucionário.

Sua contribuição monumental ao programa da revolução na Bolívia é um guia que devem tomar os revolucionários de todo o mundo, seu trabalho teórico transpassou as fronteiras nacionais, tem servido e servirá para as futuras gerações de revolucionários como uma referência inevitável.

Seu trabalho paciente ajudou a formar a vanguarda militante da classe operária. Seus trabalhos são matéria de estudo e sobretudo sua militância, traduzindo os processos mais profundos da classe operária e das massas, dando-lhes expressão consciente.

Guillermo sempre insistiu que os marxistas têm de transformar a experiência na luta de classes em teoria. Seu trabalho rigoroso e sistemático enriqueceu o marxismo, tal como fizeram Lênin e Trotsky. As Obras Completas de 67 tomos são uma prova de seu trabalho de militante profissional. A militância deve tirar proveito desse enorme trabalho de elaboração marxista.

O proletariado mundial perdeu um quadro excepcional. Nossa tarefa é dar continuidade a seu legado.

**Camarada Guillermo Lora,  
Até a vitória da revolução proletária!**

*17 de maio de 2009*



**Manifesto do Partido Operário Revolucionário (POR)****Aos oprimidos do Brasil**

*O POR vem perante a classe operária, aos camponeses e a juventude comunicar o falecimento de Guillermo Lora Escobar, dirigente do Partido Operário Revolucionário, da Bolívia.*

No Brasil, esse revolucionário é conhecido apenas pela militância de esquerda. Isso se deve a que nosso partido ainda não se organizou no seio da classe operária. Mas, na Bolívia, Guillermo Lora é reconhecido nacionalmente pelos longos anos organizando o POR, ligando-se aos operários mineiros, atuando nos principais acontecimentos históricos, formando quadros poristas, ministrando cursos marxistas na Universidade Popular, publicando regularmente livros, folhetos, panfletos etc., polemizando com os agentes da burguesia, enfrentando prisões e exílio.

Em setembro de 1990, Guillermo Lora esteve em São Paulo com o objetivo de discutir a formação do POR brasileiro. Percorreu conosco bairros operários e uma ocupação de sem-teto. Realizou palestras em sindicatos, na USP e na Biblioteca Municipal de Diadema.

O dirigente porista fez a defesa da construção do Partido internacionalista, analisou a situação mundial marcada pela crise estrutural do capitalismo e seus violentos impactos sobre as economias atrasadas, da qual se concluiu a necessidade da classe operária liderar um movimento anti-imperialista e anticapitalista.

Nesse momento, o PT se fortalecia como partido eleitoral, tendo Lula à frente. Naturalmente, foi motivo de análise e discussão. Lora enfatizou que, diferentemente da Bolívia, as ilusões democráticas dos explorados estavam presentes. Mas que o PT, mascarado de reformismo, se curvava diante do grande capital. Nossa jovem organização deveria prestar atenção nas ilusões dos explorados e combater sem trégua a política burguesa do PT.

Lora insistiu na premissa de que só poríamos em pé um partido revolucionário penetrando no seio da classe operária e formulando o programa da revolução de ditadura do proletariado. Havia de assimilar o método do Programa de Transição da IV Internacional, aplicá-lo de acordo com as particularidades do Brasil e conhecer profundamente a realidade que pretendemos transformar. De forma que não se tem como construir o partido revolucionário sem se conhecer as leis da economia e da história.

Em uma das reuniões, Lora concentrou atenção na concepção leninista do partido. Expôs a necessidade da elaboração coletiva do jornal Massas, de ser um organizador das atividades e lido pelos operários. Desde o início, o POR deveria se organizar em células, que permitissem a elaboração coletiva, as decisões sobre o que fazer, a aplicação da linha partidária, a educação da militância à disciplina e à proteção contra a ação repressiva do Estado, manejando o trabalho clandestino e aberto, ilegal e legal, de acordo com a situação política. Insistiu na importância decisiva de nos formarmos como militantes profissionais, no sentido leninista daqueles que dedicam suas vidas à luta revolucionária.

O POR boliviano foi fundado em junho de 1935, tendo à frente José Aguirre Gainsborg. Mas assumiu plenamente a feição de partido desde o momento em que se ligou aos operários das minas. Em 1946, Guillermo Lora, ainda muito jovem, por meio da delegação de Llallagua, participou do Congresso Extraordinário da Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB). Contribuiu com a redação das Teses de Pulacayo, que foram aprovadas pelos mineiros. Lora insistia em dizer que ape-

nas redigiu aquilo que a classe operária ditou. Entendemos, por isso, que a classe operária instintivamente comunista, porque está em choque contra a exploração e a propriedade privada dos meios de produção, expressou no Congresso da FSTMB o programa de sua libertação e de toda sociedade.

As Teses de Pulacayo permitiram ao POR dar um salto à frente e avançar a independência de classe do proletariado, expressar a luta dos camponeses e demais explorados.

Em 1952, as massas em luta derrubaram o governo. Mas a maioria se coloca por detrás do nacionalismo burguês do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Guillermo Lora, à frente do POR, desenvolveu a luta política contra o nacionalismo e demonstrou que esta política burguesa não poderia arrancar a Bolívia do atraso econômico, libertá-la do imperialismo, resolver o problema da terra e acabar com a miséria das massas. A posição do POR foi confirmada pelo fracasso do MNR e pela sua capitulação diante do imperialismo. Neste combate, veio à luz a Central Operária Boliviana. Como porista, Lora batalhou para sua constituição e assegurar que sua direção estivesse nas mãos da classe operária.

---

“ *Lora insistiu na premissa de que só poríamos em pé um partido revolucionário penetrando no seio da classe operária e formulando o programa da revolução de ditadura do proletariado. Havia de assimilar o método do Programa de Transição da IV Internacional, aplicá-lo de acordo com as particularidades do Brasil e conhecer profundamente a realidade que pretendemos transformar. De forma que não se tem como construir o partido revolucionário sem se conhecer as leis da economia e da história.* ”

---

Em 1971, um novo levante permitiu que se constituísse a Assembleia Popular. Mais uma vez, o POR defendeu a supremacia da classe operária e a sua condução política. Trabalhou para que a Assembleia Popular se conformasse em um poder oposto ao Estado burguês e ao governo nacionalista de Torres. Tratava-se de preparar as condições para a revolução social. O golpe sangrento do general Hugo Banzer liquidou organizativamente a Assembleia Popular. Mas não as posições políticas do POR boliviano que, como em 1952, se confrontaram com as do nacionalismo. O livro *“Da Assembleia Popular ao Golpe Fascista”*, de Guillermo Lora constitui, ao lado da *“Revolução Boliviana”*, dedicado a 52, uma extraordinária análise das leis da história manifestas na Bolívia. O dirigente do POR se mostrou capaz de aplicar o método do materialismo histórico, como fizeram Marx e Engels, nas revoluções de 1848 e 1871 (Comuna de Paris), na França e na revolução alemã.

Essa síntese, por si só, é suficiente para mostrar aos explorados de nosso país a importância de Guillermo Lora para a classe operária mundial. Mas não poderíamos deixar de constar a luta

do POR contra o foquismo, que se caracteriza pela política de armar um grupo seletivo de militantes à margem da classe operária e pretender assim tomar o poder. A Bolívia foi escolhida por Che Guevara para esse objetivo.

O POR foi obrigado a responder ao foquismo, demonstrando que só a insurreição do proletariado e seu armamento podem derrotar a ditadura de classe da burguesia. A guerrilha de Che não foi propriamente guerrilha – método de resistência armada dos explorados –, mas sim foquismo, por isso um método estranho ao marxismo. No Brasil, as tentativas foquistas de luta contra a ditadura militar, impropriamente chamadas de guerrilha urbana ou guerrilha do Araguaia, tiveram o mesmo destino que as da Bolívia. O livro de Lora “Foquismo e Revolução” tem o mérito de analisar a fundo o castro-guevarismo e seus erros fundamentais, numa situação de confronto entre o POR e o movimento foquista alimentado desde Cuba.

Não poderíamos deixar também de dizer aos trabalhadores que, na Bolívia, o POR impôs a derrota ideológica ao estalinismo, corrente de Josef Stalin responsável pela destruição da III Internacional e restauração do capitalismo na ex-União Soviética.

Guilherme Lora conservou a lucidez até os últimos momentos de sua vida. Em um dos últimos congressos do POR, apresentou uma resolução política, em nome do Comitê Central, em que caracterizava o recente governo de Evo Morales e seu partido MAS como caricatura do nacionalismo. Assim, o POR se levantou como

oposição revolucionária ao governo burguês de Evo. Demonstrou que Evo não tocaria na grande propriedade privada dos meios de produção e que por isso acabaria abaixando a cabeça perante o imperialismo. Neste exato momento, o MAS se encontra em profunda crise e as previsões do POR se confirmam.

Por tudo isso, o POR se tornou um consistente pilar da reconstrução da IV Internacional.

Guilherme Lora foi um militante marxista exemplar. Encarnou plenamente o militante profissional. Alcançou a unidade da teoria e prática. Foi rigoroso com os militantes poristas, mas antes consigo próprio. Deixou para o proletariado mundial uma obra de 67 volumes, ainda incompleta. Vergastou constantemente a burguesia. Desancou os corruptos reformistas e burocratas. Mostrou a inconsequência dos esquerdistas que não foram capazes de se vincular ao proletariado. Seu legado está encarnado pelo POR boliviano. Em parte, ainda pequena, temos assimilado sua obra. Temos muito a aproveitar dessa gigantesca herança. Guilherme Lora morreu como um homem simples, completamente destituído de ambições pessoais. Guilherme Lora vive em seu trabalho marxista incansável em seus exemplos de militante leninista.

***Operários, camponeses, juventude e demais oprimidos, somem-se à tarefa de construir o Partido Operário Revolucionário e reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.***

### Partido Operário Revolucionário - (POR-Argentina)

## Frente ao falecimento do camarada Guilherme Lora

A história da Bolívia e sua atualidade têm grande importância para o movimento revolucionário mundial. História essa que é a do próprio proletariado, particularmente o mineiro, em sua contínua e obstinada luta para materializar a revolução social, que tem como protagonista fundamental o POR boliviano e seus construtores, como o camarada Guilherme Lora.

É um dos poucos países onde o trotskismo, após o assassinato de Trotsky, pôde constituir-se em um verdadeiro partido-programa. O que lhe permitiu compreender as leis do desenvolvimento da revolução social no país e forjar o partido de quadros revolucionários profissionais, de combate, capaz de inserir e fundir-se no seio do movimento operário, por meio de seu programa, cuja elaboração segue os ensinamentos da Revolução Permanente e do Programa de Transição, temperado no calor da luta de classes.

Na Argentina, as posições políticas, o programa e a experiência de que significam forjar um verdadeiro quadro revolucionário profissional, a exemplo do POR Boliviano, tem servido de guia para todos aqueles militantes que, desde a ditadura e passando por diversas correntes, viam como se abandonava, tergiversava ou manipulava, o caminho da revolução social.

Para nós, camaradas e militantes da Argentina, a vida de Lora, sua obra, seu exemplo, são a força para continuar a construção do POR em nosso país e da Quarta Internacional, que se expressa e está viva no Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI).

**Até a vitória da Revolução Proletária!**

17 de maio de 2009

Partido Operário Revolucionário (Argentina)

**Publicado o livro:**

## REPOSTA MARXISTA ÀS OPRESSÕES

As distintas opressões têm em comum a raiz de classe da **opressão social**. As suas particularidades exigem respostas que levem ao programa da revolução proletária. Este livro sustenta essa premissa marxista, que se choca frontalmente com o conservadorismo e o reformismo burgueses.



**R\$ 35**

ADQUIRA  
COM NOSSO  
DISTRIBUIDOR

## Guillermo Lora e a Assembleia Popular

A Assembleia Popular, inaugurada em 1971, na Bolívia, marcou o ponto alto de radicalização e independência política das massas bolivianas, após à Revolução de 1952. Foi resultado de um esforço monumental de preparar a via para a revolução proletária. As massas em luta, em defesa de suas condições de vida e contra o saque imperialista, constituíram seu próprio organismo de poder. Nessa experiência, foram retomadas as formas de auto-organização que marcaram a história boliviana, como os ayllus indígenas que voltaram a aparecer nos momentos de radicalização na luta no campo, com os cabildos em que a população se juntava em lutas anticoloniais e, sobretudo, com a viva experiência do proletariado. Há uma linha de continuidade entre a elaboração de um programa revolucionário, por parte dos mineiros, em 1946, com a aprovação das Teses de Pulacayo no Congresso da Federação de Mineiros, a formação da COB como organismo soviético na Revolução de 1952 e a Assembleia Popular. Em todas essas experiências, destaca-se a presença do POR, seu programa e sua expressão concentrada na figura de Guillermo Lora. Assim como diz Plekanov sobre os indivíduos que cumprem grandes papéis históricos, Lora foi aquele que pôde ver mais longe e resolver os problemas científicos colocados na tarefa de sepultar o capitalismo. Desde jovem, procurou aprender com o instinto comunista das massas operárias, traduzindo-o em programa, teoria e organização revolucionária.

A Assembleia Popular durou apenas 113 dias. Foi instalada em 1º de Maio de 1971, teve poucos dias de deliberação, em junho e julho, e teve seu desenvolvimento bloqueado pelo golpe militar de 21 de agosto, comandado pelo coronel Hugo Banzer. Em sua preparação, a atuação do POR e de Lora foram decisivas. Com a morte do ditador Barrientos, em 1969, as organizações operárias e estudantis voltaram a se organizar depois de um período de massacres operários e intensa perseguição aos sindicatos e partidos. Em abril de 1970, no XIV Congresso da Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros Bolivianos (FSTMB), por meio da tese do POR, foi feito um balanço da Revolução de 1952, seu fracasso e a necessidade de lutar pelo socialismo. A tática frentista aprovada dizia que era necessário formar uma *“frente nacional de trabalhadores, camponeses e forças revolucionárias em torno da COB, que oriente, promova e conduza o processo de libertação do país”*. O documento aprovado também caracterizava a abertura democrática do General Ovando como limitada, exigia a nacionalização dos meios de produção e rejeitava a via do co-governo *“que fechou o caminho da classe operária à conquista de todo o poder”*.

No IV Congresso da COB, iniciado em 1º de Maio, foi aprovada a chamada Tese Socialista cujo fundamento é o programa do POR, com algumas emendas do PCB. Esta foi a base programática da Assembleia Popular. O sindicalista Juan Lechin teve sua trajetória desde 1952 analisada pelos presentes no Congresso (apoiou o golpe de Barrientos e ocupou cargos centrais nos governos do MNR, Movimento Nacionalista Revolucionário), mas a permanência de sua influência sobre camadas proletárias foi percebida, ao chegar ao Congresso, foi aplaudido e eleito presidente da COB.

Em meio a uma grande instabilidade política, o general Juan José Torres (do setor nacionalista-reformista do exército) assumiu a presidência. A reunião ampliada da COB instituiu o seu Comando Político e do Povo, composto por vários partidos políticos, dentre os quais o PDCR (Partido Democrata Cristão Revolucionário), POR, MNR (fração anti Victor Paz, depois expulsa), PCB, PRIN (Partido Revolucionário da Esquerda Nacional), PCML (Partido Comunista Marxista

Leninista) e grupo Espártaco. O Comando apresentava ao governo suas reivindicações. Em seu interior, Lora trabalhava para materializar a frente aprovada nos congressos da FSTMB e da COB. Outros partidos, como o PCB, MNR e PRIN procuravam uma via de submissão ao governo Torres, que prontamente ofereceu o co-governo para a COB. A posição de Lora de rejeitar a metade dos ministérios não foi vitoriosa, porém, ele conseguiu convencer os demais a aprovar critérios como a indicação de nomes por Assembleias, com mandato imperativo e revogável. Os ministros não podiam ser do Comando, o que esvaziava as aspirações dos burocratas. Diante destas condições, Torres recuou. Vemos então que, sem a atuação do POR, esta experiência repetiria os erros da revolução de 1952, levando novamente à conciliação de classes.

Em janeiro de 1971, setores direitistas do exército tentaram tirar Torres da presidência, a tentativa de golpe foi respondida com uma greve nacional dos trabalhadores e a força da população nas ruas, convocada pela COB, destoando da falta de iniciativa de Torres. Mostrava-se assim, como combater um golpe, com total independência de classe. Os milhares de trabalhadores nas ruas marchavam bradando “Socialismo”, em suas faixas se lia: “armas ao povo”, “Minas para o Estado”, “Paredão para os inimigos do povo”, “Morra o imperialismo norte-americano”, “Operários ao poder”, “Morte aos fascistas”.

---

“ (...) a Assembleia “foi uma elevada expressão da nação oprimida pelo imperialismo (...) correspondia ao bloco de várias classes sociais, em cujo seio o proletariado não passava de uma pequena minoria, por isso se fez necessário lhe dar um tratamento privilegiado no voto e cuidar para que a nova organização proclamasse que seus fundamentos programáticos eram os adotados pela COB e pela Federação de Mineiros a fim de garantir sua direção política”.

---

Afastada a saída do co-governo, em 11 de janeiro, o Comando da COB propõe a criação da Assembleia Popular como uma tentativa consciente de impulsionar a auto-organização e constituição do poder operário e popular a partir das mobilizações contrárias ao golpe do setor mais direitista do exército, que quase derrubou Torres. A Assembleia seria composta por 212 delegados, sendo 60% de delegações operárias. Segundo Lora, em Lições da Assembleia Popular (1984), a Assembleia *“foi uma elevada expressão da nação oprimida pelo imperialismo, quer dizer, correspondia ao bloco de várias classes sociais, em cujo seio o proletariado não passava de uma pequena minoria, por isso se fez necessário lhe dar um tratamento privilegiado no voto e cuidar para que a nova organização proclamasse que seus fundamentos programáticos eram os adotados pela COB e pela Federação de Mineiros a fim de garantir sua direção política”*. O campesinato apenas começava a romper com o pacto militar-camponês, firmado em abril de 1964. Torres, inclusive, tentou, sem sucesso, utilizar os camponeses para neutralizar a Assembleia Popular.

Fragilizado, Torres procurou incluir a iniciativa das massas radicalizadas como uma prévia de sua Assembleia Nacional Constituinte, mas a Assembleia Popular recusou o papel de coadjuvante nos planos do presidente. No documento “A Assembleia e o poder executivo”, de 26 de abril de 1971, lê-se: *“A Assembleia Popular não tem nada em comum*

com a projetada Assembleia Nacional e para continuar não precisa da bênção constitucional nem da presidencial. [...] É decisão da Assembleia Popular atuar como verdadeiro órgão de poder das massas e do proletariado, ou melhor, que deixa de ser parlamento para converter-se em autoridade capaz de resolver os problemas e, ao mesmo tempo, executar suas decisões através dos métodos próprios da classe operária”.

No 1º de Maio de 1971, Torres, que tentou se colocar à frente da marcha dos trabalhadores, com sua fanfarra, fazendo com que os operários marchassem no lugar para que o presidente se distanciasse. Assim, a abertura da Assembleia Popular ocorreu no próprio Palácio Legislativo, sem a presença de Torres, sob a escolta de mineiros armados. Estavam presentes delegados de diversas organizações sindicais, populares e partidárias. O dirigente ferroviário David Quiñonez expôs as bases constitutivas e objetivos da Assembleia Popular e o quadro de representação das delegações. As classes proprietárias não tinham direitos políticos. A fala de Guillermo Lora, na abertura, teve como ênfase extrair as lições dos momentos históricos anteriores, sobretudo da Revolução de 1952. Ao mesmo tempo, mostrou como a COB em 1952 personificou a dualidade de poderes que, naquele momento, se resolveu em favor do MNR. Fazer e superar a experiência com o nacionalismo e a política de conciliação de classes era decisivo para evitar que a Assembleia fosse levada a apoiar Torres.

Após a abertura da assembleia, foi definido que a primeira sessão seria realizada em 22 de junho, pelas condições políticas para efetivar a eleição de delegados, ampliar a abrangência da Assembleia e pelas condições financeiras, uma vez que o organismo surgia com o princípio da independência política e financeira ante a burguesia e seus partidos. Neste intervalo, a mobilização social era crescente. As organizações de massa se fortaleciam a partir de órgãos de democracia direta. Fazendas eram tomadas em Santa Cruz, com a iniciativa da União dos Camponeses Pobres (UCAPO). Sedes de organismos ligados aos EUA eram ocupadas por universitários. Assembleias de base nos acampamentos nas minas em todo o país elegeram 52 delegados de base e 6 da federação. A direita, vendo as iniciativas das massas, intensificou a conspiração para dar um golpe em Torres e esmagar a Assembleia. No início de junho, a COB deflagrou um estado de alerta e a Central Departamental de La Paz anunciou o alerta armado.

Na primeira sessão da Assembleia, o programa do POR apareceu nas resoluções aprovadas nas assembleias mineiras sobre a Universidade Única e o controle operário da mineração. A delegação trazia também um projeto, redigido pelo POR-Masas e os dirigentes operários do PCB de nacionalização e integração das empresas mineradoras e de fundição. Os ferroviários se pronunciaram defendendo a Assembleia Popular e manifestaram sua disposição a organizar as milícias armadas do povo. O POR, por mais que tivesse um destacado papel político na organização e elaboração dos documentos, tendo como principais dirigentes Guillermo Lora, Filemon Escobar (que depois liderou uma cisão no partido) e Jorge Lazarte, era bastante minoritário entre as delegações.

A Assembleia Popular analisou e aprovou o documento Bases de Constitución de la Asamblea Popular, que já circulava desde fevereiro de 1971 e serviu de base para a eleição dos delegados. O documento afirmava que a Assembleia Popular deveria ser um “órgão indepen-

dente de poder popular”, de fiscalização do poder executivo [ponto incluído pelo PCB, cujo objetivo era o de manter o apoio crítico a Torres] e que “executará as decisões utilizando os métodos próprios da luta de classes operária”; resgatar o papel e funcionamento original da COB na sua fundação em 1952: uma Assembleia Popular que “se manifestou na ação executiva própria, sem se condicionar ao governo da nação”. O projeto de Assembleia criticava as formas tradicionais de parlamento: “a Assembleia Popular não pode ser uma variante do parlamento burguês, tanto em seu conteúdo como em suas funções”. Resgatando a tradição antiimperialista do movimento operário boliviano, propunha-se a “atuar conjuntamente com o executivo contra o fascismo e o imperialismo”. Também criticava a divisão dos três poderes do Estado, que seria destinada a preservar a ordem social existente: “Em todas as revoluções populares, foi destruída a separação dos poderes”.

Nessa sessão, foi aprovada por unanimidade uma resolução, apresentava por Guillermo Lora, que alertava para o perigo do golpe militar e a necessidade de uma preparação do movimento popular e sindical, propunha a greve geral e a violência revolucionária para enfrentar os golpistas. A resolução número 1, publicada no jornal, ocupado pelo sindicato dos jornalistas, El Diario, de 23 de junho de 1971 orientava:

1- Frente à eventualidade de um golpe, a Assembleia Popular, como expressão do poder operário, assumirá a direção política e militar das massas em combate e lutará para expulsar do país definitivamente a direita, o fascismo e o imperialismo.

2- Afirmamos que os trabalhadores da Bolívia oporão a violência dos oprimidos à violência reacionária dos exploradores.

3- O alerta de todo o povo revolucionário e seus quadros de direção não será levantado enquanto não seja derrotado o imperialismo.

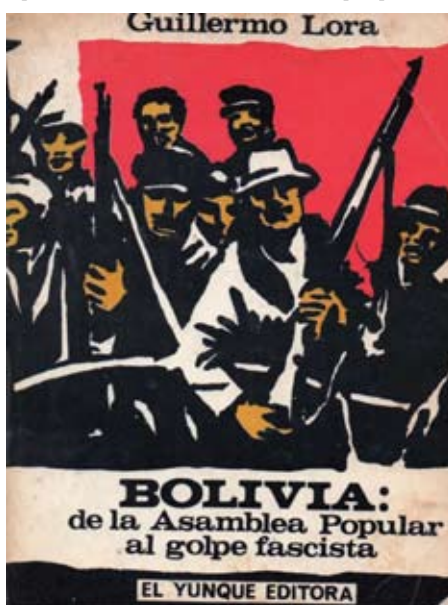
4- A Assembleia Popular reitera sua convicção de que a direita não deixará de conspirar, usando instrumentos civis e militares até quando se mantenha incólume seu poder

econômico.

5- Em caso de golpe de Estado, a Assembléia Popular determina que a primeira resposta das massas trabalhadoras será a greve geral e a ocupação imediata dos locais de trabalho”.

A divisão no interior da assembleia entre um bloco pequeno-burguês, que tentava direcioná-la para o foquismo, e o bloco mineiro que encarnava as posições do POR foi em grande medida seguida pelo PCB, e um bloco influenciado pelo nacionalismo mais inclinado ao apoio a Torres. Essa composição se refletiu na eleição de Juan Lechin como presidente da assembleia, derrotando o candidato apoiado pelo POR e PCB. Mesmo com as enormes diferenças programáticas entre os dois partidos, neste momento, havia uma circunstancial aproximação tática. O programa e as resoluções da Assembleia correspondiam ao programa do POR. Mais uma vez, outras organizações, pela pressão destas ideias em suas bases, encampavam as propostas do POR, levando a uma confusão que dificultava sua constituição como direção física.

Ainda no dia 28, a Assembleia Popular debateu o relatório da Comissão de Investigação dos Crimes Políticos, que se iniciou com a apuração do assassinato do líder mineiro trotskista Isaac Camacho, do dirigente da construção civil Adrian Arce e de outros dirigentes sindicais. Conforme publicado no Jornal Masas, de 13 de julho de 1971, o relatório da comissão definia:



*“A investigação do assassinato de Isaac Camacho e outros líderes operários e dos próprios massacres foi sumamente difícil porque os mecanismos de repressão do Estado continuam controlados pelos que atuaram durante os governos de Barrientos (1964-1968) e Ovando (1969-1970). Deve-se advertir que os verdadeiros autores intelectuais destes crimes foram os mencionados generais, os grupos políticos que os rodeavam e também parte da alta hierarquia militar. No caso de Camacho, o mínimo que se pode dizer é que os autores de seus desaparecimentos foram seus carcereiros. Deve-se assinalar com clareza como peças-chaves de seu assassinato Barrientos, Ovando, Antônio Arguedas, Rafael Loayza e todos os elementos que tiveram cargos de importância no aparato repressivo, como Lessin Mendez Maremberg, Abraham Baptista, etc.”*

A conclusão tomada pela Assembleia era de que os trabalhadores não poderiam confiar na polícia e nem nos tribunais de Justiça que eram mecanismos de dominação da oligarquia. Por isso, afrontando um importante ramo do Estado burguês, o judiciário, aprovou-se a constituição dos Tribunais Populares Revolucionários para responder à inoperância e cumplicidade da justiça burguesa.

No dia 29 de junho, os mineiros apresentaram sua proposta de resolução sobre o controle da mineração. Tal medida era parte da discussão sobre como colocar nas mãos do movimento operário o controle da economia do país, começando pelo seu setor-chave, a mineração. Em relação à bandeira de controle operário majoritário da mineração, os mineiros convenceram o restante dos delegados de que a proposta tinha significação política e econômica, pertinente a todos os trabalhadores. Em 1971, a indústria mineira era responsável por 80% das divisas da Bolívia. Formou-se também uma comissão de trabalho para preparar um projeto de estatização dos meios de produção do país.

Estava na pauta da última sessão nacional da Assembleia Popular, em 02 de julho, a questão militar. Houve uma discussão detalhada sobre a constituição de uma milícia armada e popular, tendo como referência a tradição iniciada na Revolução de 1952. Naquela ocasião, o aparato repressivo foi dissolvido e substituído por milícias organizadas pela COB. Tanto em 1952 como em 1969-71, o exército também foi atravessado pela luta de classes, seguindo a polarização entre o proletariado e a burguesia. A Comissão de Segurança e Milícias propunha a estruturação de um aparato próprio de autodefesa da Assembleia Popular. Sua estrutura teria um Comando Supremo das milícias, comandos de operações, regionais, especialistas, mineiros, inteligência e logística, além de armas e artilharia para que existisse um verdadeiro braço armado do proletariado. As organizações que estavam apostando na concepção foquista colocavam como prioridade o armamento imediato. Guillermo Lora, em seu balanço sobre as posições dos foquistas e maoístas afirmou:

*“Tudo isso era puro aventureirismo suicida que iria esmagar as massas e a própria revolução. A proposta trotskista era outra e muito concreta: aprofundar muito mais a mobilização das massas, de maneira que os camponeses, por exemplo, se alistassem efetivamente na luta, e que o empuxo dos explorados abrisse as fissuras no exército até o ponto de neutralizá-lo ou quebrá-lo”.*



**“ A Comissão de Segurança e Milícias propunha a estruturação de um aparato próprio de autodefesa da Assembleia Popular. Sua estrutura teria um Comando Supremo das milícias, comandos de operações, regionais, especialistas, mineiros, inteligência e logística, além de armas e artilharia para que existisse um verdadeiro braço armado do proletariado.**

A via buscada pela Assembleia era a de fraturar o exército, processo que dependia mais da luta política, naquele momento, do que qualquer enfrentamento militar. Este processo começava a ocorrer. Em julho de 1971, militares de baixa patente publicaram o Manifesto dos Cabos e Sargentos do Exército, em que denunciavam as péssimas condições de atuação, com humilhações e sobrecarga. O agrupamento clandestino Vanguarda Militar do Povo lançou um manifesto, em 13 de agosto de 1971, opondo reivindicações dos soldados, cabos e sargentos aos privilégios dos oficiais em que afirmava:

*“Muito rápido chegará o dia da prova, oportunidade em que seremos os artífices dos escombros de um organismo de vulgar repressão contrarrevolucionária, servil e dócil às ordens do Pentágono e seus lacaios de dentro e fora do país. Edifiquemos uma instituição a serviço e defesa da verdadeira revolução”.*

A conspiração golpista ocorria abertamente, sem que Torres tivesse qualquer iniciativa para freá-la. Em um documentário, Hugo Banzer explicava contra o quê o golpe se voltava.

*“No momento, o problema mais sério era a Assembleia do Povo que era o governo de fato. Apareceu o Exército de Libertação Nacional atuando em um e outro lado. Dizia-se que o Poder Judiciário seria substituído pelos Tribunais Populares de bairro. Toda essa informação me chegava e me dava muita pena pela situação do país.”*

Acabar com a Assembleia Popular estava entre as prioridades norte-americanas, junto com a destruição do governo de Salvador Allende no Chile e de Juan Velasco no Peru. Banzer foi treinado na Escola das Américas, no Panamá e na Escola de Cavalaria Blindada no Texas, nos finais dos anos 1960 atuou como adido militar em Washington. Após derrubar Torres, Banzer foi recompensado com subvenções e ajuda da administração de Nixon. Com a divulgação em 2009 de documentos, outrora sigilosos, revelou que o Departamento de Estado liberou cerca de US\$ 500 milhões para garantir a adesão de políticos e oficiais

das Forças Armadas ao golpe. A CIA transferiu o dinheiro aos membros do alto escalão no dia em que o golpe começou em Santa Cruz. Os grupos paramilitares atuaram por meio do Exército Cristão Nacionalista e a “guarda pretoriana” do grupo de Banzer. O segundo grupo era comandado por Klaus Barbie, recrutado pela CIA, nazista conhecido como “o carniceiro de Lyon” (o governo Banzer recusou o pedido de extradição do governo francês), além de nazistas, o bando militar era composto também por neofascistas e terroristas italianos, suboficiais criminosos e anticomunistas e indivíduos recrutados no lumpesinato.

No dia 19 de agosto de 1971, 80 mil pessoas atenderam ao chamado do Comando Político em La Paz para resistir ao golpe. Torres temia armar as massas. Atacou a esquerda, acusando-a de ter recusado uma aliança anteriormente e permitiu que o alto comando militar conspirasse livremente. Depois de o povo exigir por 12 horas que o governo entregasse armas, o presidente entregou 400 velhos fuzis aos dirigentes da COB. A resistência ao golpe esteve nas mãos das forças sociais organizadas em torno da Assembleia Popular. Foram cinco dias de combate. Sem divisão do exército ou acesso às armas, a vitória do proletariado era praticamente impossível, o que levou a

um recuo das forças revolucionária. O golpe de Banzer deixou como saldo imediato 110 mortos e 600 feridos. O regime que se estabeleceu nos sete anos seguintes foi marcado pela repressão. Mais de 14 mil pessoas foram presas sem ordem judicial, mais de 8 mil foram torturadas e mais de 2 mil foram executadas ou desaparecidas. O golpe também teve apoio da ditadura brasileira, como parte do que depois, em 1975, seria oficializado como o Plano Condor. Muitos dos militantes de esquerda conseguiram se exilar, organizando no exterior a Frente Revolucionária Antiimperialista (FRA), organização que contou com o empenho decisivo de Lora. Como mais uma com-

provação de que esta experiência da Assembleia Popular teve como motor político a ação do POR, sobretudo entre os mineiros. Posteriormente, quase todas as correntes renegaram esta experiência. Porém, por ter sido uma experiência das próprias massas em luta, que construíram seu organismo de poder, a Assembleia Popular marcou profundamente o movimento operário. Seus próximos levantes não começarão do zero. Retomarão a via da organização independente. Neste sentido, assimilar a experiência das massas e a viva elaboração de Lora que protagonizou, registrou e analisou toda esta experiência, é uma necessidade de todo revolucionário consequente.

## **Pôr em pé o Partido Mundial da Revolução Socialista**

**(Apontamentos para um balanço da experiência)**

### **A crise de direção revolucionária**

Trotsky colocou o problema, após a constatação da decomposição da *Internacional Comunista* e de seus partidos dirigidos pelo estalinismo, circunstância que se somou à quebra política da socialdemocracia (II Internacional) e das direções tradicionais do movimento operário que, convertidas ao reformismo burguês, se transformaram em máscara “socialista” do capital financeiro imperialista europeu.

No Programa para a fundação da IV Internacional, mais conhecido como *Programa de Transição*, se afirma:

*... A orientação das massas está determinada, de um lado, pelas condições objetivas do capitalismo em decomposição; de outro, pela política traidora das velhas organizações operárias. Destes dois fatores, o fator decisivo é, sem dúvida, o primeiro: as leis da história são mais poderosas que os aparelhos burocráticos. Por mais diversos que sejam os métodos dos sociais traidores – da legislação “social” de Leon Blum, às falsificações judiciais de Stalin –, eles não conseguirão jamais quebrar a vontade revolucionária do proletariado. Cada vez mais, seus esforços desesperados para deter a roda da história demonstrarão às massas que a crise de direção do proletariado, que se transformou na crise de civilização humana, só pode ser resolvida pela IV Internacional. (Programa de Transição, 1938).*

**“ Com a morte de Trotsky e após a segunda guerra mundial, a IV Internacional se fragmentou, incapaz de resolver as divergências internas, e de responder aos novos acontecimentos da guerra e pós-guerra, no marco de unidade programática. O centralismo democrático não pôde ter vigência. A IV Internacional não chegou a funcionar como o Partido Mundial da Revolução Socialista, destinado a substituir à III Internacional, degenerada pelo estalinismo.**

Para enfrentar a tarefa, Trotsky propôs o método que concentra toda a experiência de luta do período anterior, particularmente a experiência da socialdemocracia russa e dos bolcheviques dirigidos por Lênin, e que implicava a superação da velha separação entre o “programa mínimo”, ou seja, a luta por reformas e reivindicações imediatas do proletariado e, o “programa máximo” que era o programa de realização das tarefas socialistas do proletariado:

*A tarefa estratégica do próximo período – período pré-revolucionário de agitação, propaganda e organização – consiste em superar a contradição entre a maturidade das condições objetivas da revo-*

*lução, e a imaturidade do proletariado e de sua vanguarda (confusão e prostração da velha direção, falta de experiência da nova). É necessário ajudar as massas, no processo de suas lutas cotidianas a encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa da revolução socialista. Esta ponte deve consistir em um sistema de reivindicações transitórias, que parta das condições atuais e da consciência atual de amplas camadas da classe operária e conduza, invariavelmente, a uma só e mesma conclusão: a conquista do poder pelo proletariado. (Programa de Transição, 1938).*

O fato é que nenhum dos partidos que, nesse momento, constituíam a IV Internacional chegou a encarnar a tradição do bolchevismo e o Programa da IV Internacional. Com a morte de Trotsky e após a segunda guerra mundial, a IV Internacional se fragmentou, incapaz de resolver as divergências internas, e de responder aos novos acontecimentos da guerra e pós-guerra, no marco de unidade programática. O centralismo democrático não pôde ter vigência. A IV Internacional não chegou a funcionar como o Partido Mundial da Revolução Socialista, destinado a substituir à III Internacional, degenerada pelo estalinismo.

A evidente contradição entre prognósticos e realidade não pôde ser compreendida pelas diversas seções da IV Internacional. A esse respeito, Guillermo Lora afirmou: *“A guerra mundial destruiu a IV Internacional, ao invés de transformá-la na direção das massas desiludidas da socialdemocracia e do estalinismo. Não teve capacidade, nem vontade, de realizar uma autocrítica, após o choque entre os esquemas, os prognósticos e a realidade. Surgiram as posições revisionistas como resposta ao tremendo problema de como conquistar as massas”.* (G. Lora. *História das Quatro Internacionais*).

A crise da direção revolucionária do proletariado não foi resolvida, pelo contrário, se agravou com o desenvolvimento de correntes revisionistas, centristas e oportunistas que, na tentativa de conseguir alguma ascendência sobre as massas, foram dando todo tipo de viradas políticas, à margem dos princípios programáticos. Esses grupos se transformaram, em não poucos casos, em obstáculos para o desenvolvimento da consciência de classe na vanguarda do proletariado.

### **Os métodos da reconstrução**

Após a diáspora da IV Internacional, desenvolveu-se uma polémica em torno de quais seriam os caminhos para sua reunificação ou sua reconstrução. Os diversos agrupamentos, cisões e reagrupamentos expressam a visão particular que cada grupo formula, acerca das propostas e os métodos para enfrentar a tarefa de pôr em pé a IV Internacional, como partido mundial da revolução socialista. Somos testemunhas de até que ponto essas crises, cisões e reagrupamentos se deram, fora e distante dos princípios programáticos, marcados por

acusações e respostas sujas, manobras, cínicas falsificações e intrigas, que chegam ao ponto de dar inveja aos métodos do estalinismo.

Em linhas gerais, os métodos propostos e executados foram, desde o “entrismo”, até os “congressos de unificação”. Recentemente, Alan Woods recomendou aos seus partidários mexicanos fazerem entrismo no MORENA, o partido burguês nacionalista do presidente mexicano López Obrador. Há também o caso de outro grupo, que vêm do morenismo, que recentemente rompeu com o PSUV de Maduro na Venezuela, passando a cantar o “êxito” do seu entrismo porque, devido a esse entrismo, eles agora teriam inserção em todos os setores dos trabalhadores. Perguntamos: para defender o quê? Eles respondem: um “governo dos trabalhadores”, que não é a ditadura do proletariado, mas uma forma de “transição” para chegar a ela.

Outros, em seu momento, proclamaram que o método consistia em convocar um congresso internacional de unidade de todos os que se reivindicassem do trotskismo. Hoje, afirmam que inclusive seria suficiente se reivindicar anticapitalista, independentemente de suas diferenças, que no caminho seriam resolvidas e que, em um congresso, se decretasse a reconstituição da *Internacional dos “Trabalhadores”*. Todos esses exercícios fracassaram, invariavelmente.

Por essa via, como bem assinalou um observador, vem se produzindo “a socialdemocratização do trotskismo”, isto é, o completo abandono dos postulados marxistas, trotskistas e revolucionários, para substituí-los por fórmulas agradáveis aos ouvidos dos “eleitores” e do público pequeno-burguês.

## Mudam as condições para resolver a crise de direção proletária

As políticas anti-operárias de ajuste, implementadas pelos governos burgueses, orientadas a precarizar as condições de trabalho e a descarregar o peso da crise sobre a classe operária e as massas exploradas, vêm empurrando o proletariado a ocupar as ruas e resistir, mediante a mobilização e a ação direta. As recentes mobilizações dos operários franceses, dos chilenos em Valparaíso, dos trabalhadores na Argentina, no México, Estados Unidos, Canadá e em outras latitudes assim o indicam. O proletariado não está disposto a aceitar docilmente que a burguesia descarregue a crise sobre suas costas. Não vivemos um período de direitização das massas, pelo contrário, vivemos um período em que a tendência dominante é a agudização da luta de classes.

O proletariado, pressionado pela crise, se abre às ideias revolucionárias, vê com simpatia os agitadores que portam ideias revolucionárias, comunistas. Na América Latina e no mundo, a classe operária procura instintivamente uma saída revolucionária para a crise capitalista. O cenário se apresenta favorável ao fortalecimento e desenvolvimento das posições revolucionárias, desde que exista um núcleo do partido-programa, que lute por penetrar na classe operária de seu país.

Nos lugares onde a classe operária ocupa as ruas para enfrentar seus governos, invariavelmente, arrasta por detrás a pequena burguesia, os estudantes e intelectuais da classe média. Na ausência do proletariado, a classe média, desesperada diante do agravamento da crise, adota posições reacionárias e até pró-fascistas, convertendo-se em base de correntes direitistas e abertamente pró-imperialistas, para depois, após breve tempo, novamente oscilar para o lado do proletariado, quando os governos, a serviço do grande capital financeiro, que receberam seu apoio na véspera, atacam mais duramente as condições de vida das massas e da própria classe média.

Quase sempre, em cada arremetida do proletariado e dos oprimidos contra a burguesia e seus governos, se torna mais evidente a crise de direção revolucionária, seja pela sua ausência ou por sua debilidade e/ou inexperiência política e organizativa. O atraso da revolução proletária permite o avanço da barbárie.

O desmoronamento político dos governos burgueses nacional-reformistas arrasta consigo os estalinistas, toda a “esquerda” reformista latino-americana e, entre eles, os centristas e oportunistas, que alguma vez se reivindicaram do trotskismo.

A “tática política” dos centristas e revisionistas – que em algum momento se reivindicaram do trotskismo, e que recentemente caracterizaram como “progressistas” os governos burgueses dirigidos pelo nacional-reformismo – foi posta à prova, diante do processo político atual. Evidenciou-se que, pelo caminho do eleitoralismo, do “entrismo” e da colaboração ou “apoio crítico” aos supostos governos “populares”, não é possível pôr em pé um partido revolucionário.

## O Partido Programa

O POR boliviano tem o mérito de conseguir penetrar na classe operária do país e educá-la no marco de claros princípios revolucionários trotskistas. Um fato reconhecido, mas pouco compreendido dentro e fora do país.

Uma das questões essenciais da experiência do POR – sobre a qual Lora se debruçava sempre – foi a experiência decisiva, que definiu a história do POR, do proletariado boliviano e do próprio país, com o conjunto de circunstâncias que permitiram a aprovação das Teses de Pulacayo, no congresso mineiro, em novembro de 1946. O que significou o entroncamento do instinto comunista da classe com o marxismo-leninismo-trotskismo. Trata-se do fato de militantes trotskistas, armados com os rudimentos do método e dotados de alguma experiência prévia no esforço por penetrar e organizar as massas, terem conseguido dar forma política ao impulso comunista elementar do proletariado radicalizado”. (América Latina e as Obras Completas de Guillermo Lora).

Não há dúvida de que esse processo não pode se repetir exatamente igual em outras partes. O processo de penetração do partido revolucionário na classe operária de cada país respeitará as particularidades históricas próprias, mas, o que é inevitável é a necessidade de existir, como condição prévia, o núcleo de militantes que organizem o partido-programa, e que se proponha a penetrar na classe operária. Esta conclusão decorre da experiência, ou melhor, a redescobrimos da experiência, que nos permite compreender o sentido leninista bolchevique do partido revolucionário e sua tarefa. É absurda a polêmica que contrapõe o “trabalho nacional” ao “trabalho internacional”, um complementa o outro quando é expressão política do instinto comunista da classe.

Somente a partir do desenvolvimento destes partidos-programa, enraizados na classe operária de seu país, é possível avançar na solução real e efetiva da crise de direção revolucionária do proletariado, acertadamente identificada por Trotsky como crise da humanidade.

Os fatos confirmam que não há “atalhos” na tarefa de pôr em pé o partido revolucionário, entendido como partido-programa, capaz de dar expressão política consciente ao instinto comunista do proletariado. O desenvolvimento do programa da revolução para cada país é uma tarefa inevitável para realizar uma revolução que sepulte o capitalismo. Este programa implica o conhecimento da realidade que se pretende transformar, das particularidades nacionais, que são refrações das leis gerais do capitalismo em um contexto histórico, geográfico e cultural. A Internacional se nutre e se revitaliza a partir do desenvolvimento destes partidos-programa, desde que sejam capazes de penetrar e transformar o proletariado em seu respectivo país.

A tarefa fundamental do momento é ir ao encontro do instinto comunista do proletariado para dar-lhe forma política consciente, isto é, organizar o partido-programa, que transforme a classe operária em classe para si, capaz de tomar o poder, sepultar o capitalismo e pôr em pé a nova sociedade comunista.

*Pelo Comitê de Enlace - Ulisses*

**P**assamos, agora, a publicar os escritos de Guillermo Lora. Alguns documentos são traduzidos pela primeira vez em português. Outros já havíamos publicado, em vários momentos.

Iniciamos essa seção com considerações de Lora sobre o significado de suas Obras Completas. Em seguida, destacamos suas formulações sobre a necessidade do Partido Mundial da Revolução Socialista. Nessa parte, consta a crítica ao estalinismo e ao reformismo. Tem especial importância o posicionamento sobre o processo de restauração capitalista em Cuba e, ao seu lado, um balanço da experiência do golpe de Estado no Chile. Agregamos vários artigos, dedicados aos acontecimentos chilenos, levando em conta a necessidade de construir o partido revolucionário nesse país.

O artigo “O partido político baseado nos sindicatos” foi dedicado à questão do Partido dos Trabalhadores no Brasil. Frisamos, também, que o mesmo se passou com o artigo “A crise econômica estrutural capitalista e a revolução latino-americana”.

O breve texto “Resumo sobre como cumprir as tarefas para

penetrar no seio das massas” é exemplificativo das iniciativas de Lora em expor à militância o método de trabalho para penetrar as posições revolucionárias no proletariado.

Finalmente, fechamos essa seção com uma resposta às críticas de Nahuel Moreno ao POR. Como marxista, a polémica tem um fim prático. De tanto repetirem o mesmo ataque ao trotskismo porista, os centristas de vários matizes popularizaram as falsificações sobre os acontecimentos da Revolução Boliviana, de 1952. Inevitavelmente, se chocam com o monumental percurso do POR boliviano, exposto em quase sua totalidade pelas Obras Completas, que perfazem 70 volumes, três a mais publicados depois do falecimento de Guillermo Lora.

Para fechar esta edição especial, fazemos menção à publicação do POR da Argentina do livro A Revolução Boliviana. Devido ao espaço, editamos a apresentação, selecionando parágrafos, que, apesar de seccionados, conservam o sentido geral.

Temos um longo caminho de publicação em nossa língua sobre os escritos de Guillermo Lora. Essa é a melhor homenagem a um revolucionário.

O documento abaixo foi publicado por ocasião do primeiro tomo das Obras Completas, de Guillermo Lora.

## Lições das Obras Completas de Guillermo Lora

*Guillermo Lora, julho de 1994*

### Por que se deu esse passo excepcional na história da esquerda?

Temos de explicar porque demos esse passo – temerário em muitos aspectos -, que é excepcional no desenvolvimento do movimento revolucionário do País. Os partidos de “esquerda”, que conhecemos, tanto no marco nacional quanto internacional, quase sempre se esmeram em ocultar seus documentos e escritos do passado, a fim de não comprometer suas manobras no presente. Citemos um exemplo: quase todos que intervieram na Assembleia Popular – uma indiscutível criação do POR – e que, nesse momento, se esforçam por tirar alguma fatia desse movimento, afirmam que se tratou de um erro de juventude, e preferem ocultar toda referência a ele, a fim de não reanimar algo que lhes cause incômodo para a atual postura democratizante.

Para o marxismo-leninismo-trotskismo, a autocrítica é imprescindível, tanto no trabalho organizativo, quanto para o aperfeiçoamento programático, ou seja, para a superação teórica. O programa se resume no objetivo estratégico (em nosso caso, na revolução e ditadura proletárias). A superação teórico-política do Partido somente é possível se se confrontam criticamente as colocações feitas no passado com o desenvolvimento dos acontecimentos. Toda proposição programática é um prognóstico e, por isso, precisa que a prática diária diga se é equivocada ou acertada. Para realizar a autocrítica, precisamos que o que se disse e o que se fez esteja documentado. A militância não pode se formar devidamente à margem de tudo o que foi publicado pelo Partido e seus quadros. Alguns grupos ou partidos, que se reivindicam do marxismo-leninismo-trotskismo, carecem de um programa da revolução em seus respectivos países, o que lhes obriga a se referir unicamente às leis gerais da revolução na sociedade capitalista, passando por alto, por exemplo, sobre suas particularidades. Não têm um programa explícito, mas sua atuação cotidiana nos permite descobrir qual é o seu conteúdo de classe. A tática que empregam está determinada pelas circunstâncias do momento, e pelas respostas conjunturais que precisam dar. Não é nenhuma novidade

de que continuem, invariavelmente, no caminho do oportunismo e do reformismo. O exitismo e tudo o que se faça para alcançá-lo substitui o programa e o marxismo. O objetivo estratégico, para ser correto, deve ser a expressão da consciência de classe do proletariado, que conclui identificando-se com as leis da história. Aos oportunistas e reformistas, não é bom recordar o que disseram e fizeram no passado, pois, só vivem para o presente, e não podem compreender que sua conduta do passado se concretiza nos frutos que se colhem agora.

O POR – segundo afirmam seus críticos e admiradores – aparece com uma só linha estratégica, eixo fundamental programático. Os oportunistas e revisionistas dizem que isso está mal, porque é preciso ir mudando, conforme vai se transformando a realidade social. Deliberadamente, esquecem que continuamos vivendo no marco da ordem social capitalista, e que continuará sendo assim, enquanto não se instaure o comunismo. Mais ainda, como estamos integrados – apesar de nosso atraso e nossa extrema miséria – na economia mundial, necessariamente, temos de viver o destino do capitalismo, cujas leis gerais atuam por cima das fronteiras e das particularidades nacionais. É necessário que se tirem as lições da presença vigorosa do trotskismo na história do País, de sua superioridade programática, principista, que vem provar a validade de seu programa.

É fato que o POR cometeu inumeráveis erros em sua existência de meio século, mas há que assinalar que se tratam de erros táticos e organizativos, que têm sido constantemente superados com a ajuda da autocrítica, o que tem sido possível graças à confirmação pelo desenvolvimento histórico do programa, de seu objetivo estratégico. Na atualidade, novamente nos encontramos diante da necessidade histórica de sepultar o capitalismo, para poder arrancar o país do atraso e da miséria. Colocada a possibilidade, é preciso que o partido trabalhe a fundo para convertê-la em realidade, essa é sua tarefa histórica concreta. O cumprimento desse trabalho será facilitado mediante a assimilação da experiência, da tradição partidária.

O conhecimento da formação do pensamento do POR e da luta

que levaram os militantes mais fieis a seu programa contra o revisionismo constitui as alavancas que impulsionam a superação teórico-política. O estudo da história do POR é fundamental, sobretudo agora, em que aparece como direção insubstituível das massas, o que lhe obriga o seu fortalecimento imediato.

Na história boliviana, o POR é a única organização partidária que conseguiu identificar-se com o bolchevismo, não somente por sua ideologia e suas normas de organização (centralismo organizativo, severa disciplina, estrutura celular, etc.), mas também porque seus quadros são publicistas políticos, que converteram a polêmica em uma de suas armas mais importantes em sua luta diária.

O atraso do país, que se traduz em primitivismo cultural, tem incidência contraditória sobre o desenvolvimento político, fenômeno que não foi estudado devidamente, até o momento. É surpreendente a presença de um partido político de publicistas e polemistas de peso, preocupados com a precisão teórica e em estampar em letras grandes todas suas atividades, seus acertos e equívocos, em um país no qual os “esquerdistas” não polemizam, não leem, e consideram que isso de elaborar teorias não é mais do que um sinal de pedantismo, etc. Passemos a analisar brevemente a influência contraditória do atraso cultural sobre o processo político e a vida partidária.

a) As massas bolivianas reproduzem o atraso cultural. No entanto, são altamente politizadas e, por isso, têm conseguido transformar a história do país. A análise dessa contradição permite compreender o desenvolvimento da política.

Durante muito tempo, tanto do campo sindical quanto socialista, se partiu do suposto de que a escola e o alfabeto poderiam contribuir à libertação dos explorados e oprimidos, o que de alguma forma se aproxima das colocações da classe dominante e da igreja, interessados em domesticar os escravos modernos e os indígenas. Para muitos, foi uma surpresa que, impulsionado o alfabeto, as massas incultas se aproximassem da expressão mais avançada do marxismo, leninismo, do trotskismo, que não é outra coisa, senão as Teses de Pulacayo, documento ideológico famoso, e que continua conservando sua atualidade, como demonstram os últimos ataques do governo Goni contra os que politizam as massas, e que não seriam outros senão os trotskistas.

Foi possível um salto tão descomunal no desenvolvimento da consciência de classe (que não é outra coisa senão a política revolucionária do proletariado), porque as massas eram politicamente virgens (incultas), fato que se traduz na falta de bloqueios mentais, de esquemas teóricos socialdemocratas, anarquistas ou estalinistas, o que determinou que, de um só salto, chegassem ao ponto mais elevado do marxismo. A partir desse momento, a política revolucionária do proletariado abriu um profundo sulco para que as massas, não só radicalizassem, mas avançassem para sua libertação, que se materializará por meio da revolução e ditadura proletárias (na Bolívia, um verdadeiro governo operário-camponês).

b) A interrelação entre partido e massas, quando estas avançam a passos largos, se concretiza na pressão que estas exercem sobre a organização partidária, para que se coloque no mesmo nível, a fim de que a impulsiona para frente. É nesse momento que a incultura do

país aparece atuando como um enorme muro, que impede que esse processo se cumpra fácil e rapidamente.

O Partido, para poder atuar como alavanca impulsionadora do maior desenvolvimento da consciência de classe, deve começar assimilando criticamente a rica e impressionante obra realizada pelas massas, a fim de traduzi-la em teoria e generalizá-la. O alfabeto, a riqueza ideológica, a assimilação da experiência do movimento revolucionário internacional são auxiliares indispensáveis para a criação teórica. A partir desse momento, torna-se uma necessidade que os quadros revolucionários atuem como publicistas

As Teses de Pulacayo superam a discussão que se desenvolvia em escala nacional, acerca da caracterização do país, que, ao mesmo tempo, ajuda a assinalar os aspectos diferenciais da revolução social. Trata-se de um verdadeiro aporte ideológico, que veio do campo sindical e se projetou no seio partidário. Esse fato ocasionou uma espécie de fratura no interior do POR. Os setores conservadores não estavam de acordo com as Teses, ainda que em momento algum se atreveram a colocar a tese de forma franca, isso devido à espetacular ressonância que obteve a divulgação do documento ideológico dos mineiros.

Pela razão indicada, a superação programática do POR, à luz dos avanços conquistados com a penetração no seio das massas, se viu retardada, o que contribuiu para criar um estado de confusão ideológica e, involuntariamente, contribuiu para que o MNR inflasse suas fileiras.

O que vem a demonstrar a importância que adquire o conhecimento de tudo o que foi publicado pelo trotskismo em matéria ideológica. A publicação das Obras Completas tem o objetivo de ajudar as correntes marxistas do País a evoluir para o trotskismo. De maneira mais geral, a leitura dos volumes, que vão surgindo, permitirá compreender de que maneira o trotskismo foi se apoderando das massas, até chegar a expressar a consciência de classe do proletariado. Para surpresa de todos, diremos que esse processo se cumpriu em um período relativamente curto.

Com certo atraso, o POR conseguiu avançar no plano programático e assinalou com precisão o caminho que percorreria a

política boliviana. A partir daí, o trotskismo se colocou na vanguarda das massas, toda vez que estas se colocaram em situações de radicalização.

## O excepcional caminho percorrido pelo Partido Operário Revolucionário

O marxismo-leninismo-trotskismo boliviano realizou tarefas surpreendentes para os observadores, dentro e fora do País. Os passos percorridos marcam as profundas transformações que se deram ao longo da história dos explorados e oprimidos e, portanto, da Bolívia.

a) A penetração no seio das massas com a ajuda das Teses de Pulacayo, um documento que parte do Programa de Transição da Quarta Internacional, e que define as questões de caracterização do país e da estratégia da luta revolucionária, permitiu que o Partido Operário Revolucionário penetrasse profundamente no seio dos explorados e oprimidos, e começasse o processo de trotskização do País.

Sabemos que foi a primeira vez no mundo em que se conseguiu



“ *A publicação das Obras Completas tem o objetivo de ajudar as correntes marxistas do País a evoluir para o trotskismo. De maneira mais geral, a leitura dos volumes, que vão surgindo, permitirá compreender de que maneira o trotskismo foi se apoderando das massas, até chegar a expressar a consciência de classe do proletariado.* ”

que o programa ideológico do movimento de massas seja uma versão do programa da Quarta Internacional. As Teses de Pulacayo têm outro significado. Desde 1946, permanecem como guia, como direção das massas, quando se radicalizam e ganham as ruas, para lutar contra a opressão capitalista estrangeira, e para conquistar melhores condições de vida e de trabalho.

Às vezes, o POR aparece debilitado na ação diária, por erros táticos e organizativos cometidos, mas a tendência revolucionária trotskista permanece como força vigente. Os governos capitalistas de turno se veem obrigados a se lançar contra o fantasma porista, e a colocar a urgência de despolitizar as massas. Tudo isso volta a se repetir quando escrevemos essas linhas. Goni está desesperado para descobrir o meio (talvez por meio da Lei da Reforma Educacional) que lhe permita calar as massas constantemente sublevadas. Tudo isso explica a permanência no cenário político do Partido Operário Revolucionário, que se projeta como um gigante imbatível.

b)O nacionalismo de conteúdo burguês, em que o MNR é sua expressão mais importante, constitui, no país atrasado, que é a Bolívia, a tendência mais importante, e que tem deixado sua impressão em todo o processo político. Tomar uma posição clara diante do nacionalismo se transforma em uma obrigação irrecusável. Em outras latitudes, o estalinismo jogou esse papel.

O POR, expressão política revolucionária do proletariado, assinalou a natureza do movimentismo, no momento de maior poderio dessa corrente, e prognosticou que estava condenada a se transformar em um instrumento nas mãos do imperialismo, e que seria utilizado contra o próprio proletariado boliviano. Em outras palavras, o fracasso do esquema de desenvolvimento global e independente da economia, no marco do imperialismo – esse foi o conteúdo da política movimentista – colocou em evidência o equívoco da proposta movimentista, e ratificou a justeza da conclusão trotskista, no sentido de que o país já estava vivendo sua experiência capitalista, sob a forma do atraso e da economia combinada.

Também é preciso ter claro que o trotskismo explicou oportunamente as razões que impulsionaram o governo de Villaruel-Paz Estenssoro a ajudar na organização dos trabalhadores mineiros na FSTMB – procurando o apoio político contra o bloco formado pela oligarquia e o estalinismo – e assinalou que, assim que o proletariado começasse a caminhar com seus próprios pés, a conquistar sua independência de classe, diante de todas as manifestações dos donos do poder econômico e político, não poderia senão pressionar os donos do governo para que se deslocassem para a trincheira imperialista, única maneira de pôr a salvo a propriedade privada burguesa, diante da crescente ameaça dos trabalhadores assalariados. No terreno dos fatos, foi se comprovando que os nacionalistas começam levantando a bandeira da libertação nacional, e acabam prostrados diante do imperialismo. A profecia foi ratificada plenamente pelo desenvolvimento histórico. O partido de conteúdo capitalista acabou se convertendo em burguês empresarial. Aqueles que em 1952 combateram Patiño – o “Rei do estanho” – acabaram, em nossos dias, convertendo-se em chefe de seu partido, o Patiño de hoje, o gringo Goni Patiño.

Assim, comprovamos o cumprimento da lei geral que rege o destino dos movimentos nacionalistas de conteúdo burguês, e que foi assinalado de maneira precisa por Trotsky. O proletariado – em nosso caso, fundamentalmente mineiro – constitui a força que empurra a classe dominante nacional, a sua expressão mais avançada, para a trincheira imperialista, para converter-se, assim, na encarnação da antipátria. Foi o trotskismo, o POR, os que impulsionaram a independência de classe do proletariado, o desenvolvimento de sua consciência de classe e concluíram encarnando-as. Aqui está a transcendência histórica desse partido-programa, chamado Partido Operário Revolucionário.

c)Ao longo da história boliviana, o POR aparece como o dirigente das massas, que lutam por hastear seu próprio programa, sua estratégia particular, seus métodos de luta diferentes e opostos aos da classe dominante.

Pode-se comprovar que o trotskismo dirigiu a marcha das massas contra os governos movimentistas e nacionalistas de direita (militaristas e fascizantes), sempre afirmando a independência dos explorados e oprimidos. O combate ao nacionalismo de conteúdo burguês das mais diversas tendências foi levado adiante, como expressão da política revolucionária do proletariado, e de nenhuma maneira como manifestações da política da burguesia. Assim, se concluiu enfatizando a luta de classes, e repudiando o colaboracionismo e o reformismo das mais diferentes matizes.

Em certos momentos, os adversários viam na atitude do trotskismo uma simples pose, deliberadamente extremista, mas se tratava de uma política consequente voltada a materializar o objetivo estratégico, a revolução e ditadura proletárias, que para os “esquerdistas” parecia um radicalismo utópico, e até absurdo.

O POR atuou convencido de que, somente ganhando as massas para o programa revolucionário, é possível concluir concretizando o objetivo estratégico que se persegue, e que é uma necessidade histórica para a sociedade.

Por que o trotskismo boliviano pôde desenvolver, consequentemente, o mesmo objetivo político e, que, em última instância, ganhou admiração dos próximos e dos estranhos? Porque nasceu e se desenvolveu como programa-partido. Seu objetivo estratégico, expressão das leis que regem a vida da sociedade, o impediu de sucumbir diante do exitismo conjuntural ou confundir-se, em meio às profundas oscilações da situação política, com a ampla gama de agrupamentos reformistas-oportunistas. O POR sempre se esforçou em diferenciar-se, tanto do nacionalismo de conteúdo burguês, como dos “esquerdistas” reformistas-revisionistas, estalinistas, etc.

d)No começo dos anos 70, do presente século –mais concretamente, sob o governo burguês do general Torres, que se esgotou em seu empenho de ganhar o apoio político das massas– pôde conseguir que o Comando Político da COB e do Povo, se transformasse em Assembleia Popular, órgão de poder, que colocou a dualidade de poder. Dessa maneira, se assinalou o caminho que deve percorrer para a instauração do governo operário-camponês (ditadura do proletariado).

## **A tática frentista desenvolvida pelo Partido Operário Revolucionário**

A politicagem nacional é sinônimo de mentira, de falsificação. Outra coisa é a política que é expressão da política revolucionária do proletariado, enfim, da luta de classes. Tem como escudo a verdade e a ciência, porque é expressão das leis da história.

O POR, ao longo da história, nunca mentiu, só disse a verdade. Quando se equivocou no plano tático, reconheceu em voz alta seu erro, e o retificou radicalmente. Demonstrou ter uma moral severíssima, isso porque só fez e só faz o que permite aproximar as massas do poder, e rechaça tudo o que contribui a afastá-la de tal objetivo estratégico. Os politiquinhos rechaçam essa moral de aço, porque a consideram resultado do fanatismo, etc.

O trotskismo sabe que chegará ao poder junto com as massas vitoriosas, não por meio de um golpe de Estado, ou se juntando a um governo burguês. Isso que para muitos é uma severidade absurda, tem sido posta em prática de maneira invariável. O oportunismo barato não tem lugar em suas fileiras, e tampouco a conduta criminosa ou imoral.

Os Estatutos do POR, uma síntese das conquistas do marxismo-leninismo-trotskismo no assunto, punem com uma severidade extrema os delitos de delação (não se esqueça que o POR realiza simultanea-

mente tarefas legais e clandestinas) e de apropriação de dinheiro do Partido. Não podem permanecer nas fileiras do Partido, que contribui à libertação dos explorados e oprimidos, os delatores e ladrões.

Para o Partido, constitui uma prioridade ganhar as massas para o programa da revolução, precisamente. Esse objetivo é o que determina o caráter da tática frentista, que, em várias oportunidades, o POR soube levar à prática.

Não se trata de utilizar a impostura, a mentira, etc., de maneira deliberada e procurando que os aliados circunstanciais possam ser vítimas do engano. Rechaça a tolice de que a política frentista obriga os partidos interessados a deixar na porta seu programa, seus princípios, a sacrificar-se, a por em risco seu próprio fortalecimento, tudo para poder colocar em pé uma frente. O POR, quando se trata de ir a um acordo frentista, proclama em voz alta que luta para impor seu programa, e que se respeite o direito de criticar os aliados, toda vez que se afastem do programa da frente; estas exigências se explicam porque, com a tática frentista, se busca o fortalecimento do partido revolucionário, que se conseguirá ganhando para suas posições os militantes de outras organizações partidárias incorporadas na frente. Um dos exemplos da aplicação da tática frentista do POR foi a Frente Revolucionária Anti-imperialista, constituída como resposta ao golpe do direitista Banzer, que frustrou a Assembleia Popular.

O desenvolvimento histórico do Partido Operário Revolucionário, e sua constante superação programática e tática, aparecem com clareza no plano da tática frentista, que corresponde aplicar nos países capitalistas atrasados.

Como ocorre em todos os partidos trotskistas do mundo, a divulgação dos escritos, polêmicas, etc., produzidos em outras seções, tiveram enorme importância no seio do POR e na adoção de determinadas medidas táticas. O POR foi-se formando em meio à discussão com as correntes estalinistas, no caso em que nos interessava, contra a deformação da frente anti-imperialista pela política do Kremlin, que acabou subordinando o movimento operário e popular à burguesia. No início, era muito difícil compreender que a burocracia termidoriana, termo empregado por Trotsky, era já um canal de expressão da política burguesa internacional. No início, sobretudo, na época da aprovação das Teses de Pulacayo – durante algum tempo apareceu como o programa do partido –, foi lançada a consigna da Frente Única Proletária (FUP). Durante as eleições gerais de início de 1947 (os documentos desse caso aparecem no primeiro tomo das Obras Completas), o pacto político entre o POR e a FSTMB ostentou o rótulo de FUP.

Essa política frentista era aplicada, sobretudo, à aliança operário-camponesa, que, para os trotskistas bolivianos, sempre compreendeu a necessidade que tinha o proletariado numericamente minoritário de arrastar para sua política revolucionária a nação oprimida pelo imperialismo, os setores majoritários das massas. De maneira leviana, instintiva (estamos referindo à orientação da classe operária), lutam por aplicar a tática da frente única anti-imperialista, sob o invólucro de frente única proletária, tática própria para as grandes metrópoles capitalistas, como foi assinalada nos Quatro Primeiros Congressos da Internacional Comunista, que também o POR reconhecia como os fundamentos de seu programa.

Foi durante as discussões com o pablismo que começou a formular-se a tática da frente única anti-imperialista, e que mais tarde foi precisada – na teoria e na prática – pouco antes da constituição da FRA. Para os poristas, a COB da primeira época e a Assembleia Popular eram frentes anti-imperialistas. Podemos dizer que o POR, também nesse tema, se voltou ao leninismo. Trata-se de um dos aspectos da luta política, na qual o POR lutou para impor suas conquistas no plano internacional, por meio das discussões com algumas seções do movimento da Quarta Internacional.

## Para onde caminha atualmente o Partido Operário Revolucionário?

O POR atravessou épocas revolucionárias e também reacionárias, o que explica que apareça, ao longo de sua história, como o eixo central da luta política, com muita popularidade e quase totalmente isolado, defendendo seu programa e suas ideias, sem ser ouvido. Os trotskistas bolivianos sabem, pela própria experiência, o que é nadar a favor e contra a corrente. A existência de um claro objetivo estratégico, enfim, do programa, permitiu que os poristas assinalassem como comparecem os períodos reacionários, sem claudicar diante do oportunismo ou do reformismo, caminhos que levam à trincheira da classe dominante. Sabem que, nas etapas reacionárias, deve-se continuar trabalhando politicamente, em meio à impopularidade, para plantar, diante da indiferença de todos, a bandeira revolucionária, que se tornará em referência política, quando ocorrer o ascenso revolucionário das massas.

---

“ *A existência de um claro objetivo estratégico, enfim, do programa, permitiu que os poristas assinalassem como comparecem os períodos reacionários, sem claudicar diante do oportunismo ou do reformismo, caminhos que levam à trincheira da classe dominante.*

---

A radicalização das massas eleva o POR à crista da onda revolucionária; as massas se soldam ousadamente com sua direção política. É o que demonstra a história do Partido. Nas situações revolucionárias, ocorre uma marcada tendência para o fortalecimento partidário e que, quase sempre, se choca com as correntes conservadoras em matéria organizativa, que, muitas vezes, se traduziu em crises internas. A experiência vivida ensina que, quase sempre, por trás das diferenças organizativas, se escondem as diferenças programáticas. Os trotskistas bolivianos sabem que também as cisões são o caminho que conduz à construção e fortalecimento partidários. O programa (o atual é o quarto, no constante esforço para que o Partido se supere teórica e politicamente) constitui o eixo que permite viver e superar este processo de aproximação para a conquista do poder e o fortalecimento do Partido.

Na atualidade, voltamos a viver uma situação revolucionária, que tende a se aprofundar, a se transformar em insurrecional (falamos somente de uma tendência). Será com o trabalho partidário correto em todos os aspectos que se poderá converter a possibilidade em realidade. Isso explica porque, agora, o POR volta a se transformar em um polo da política revolucionária, que se enfrenta com a burguesia – imperialismo e o governo. No futuro imediato, os trotskistas jogarão o papel de dirigentes da luta das massas contra o capitalismo putrefato. A vitória ou a derrota das massas será de responsabilidade do POR, que volta a assinalar o caminho da vitória. Para obter a vitória, o fortalecimento político, deve ser acompanhado com a potenciação política, que, nesse momento, se concretiza na firme penetração no seio das massas.

Os materiais que aparecem nesse primeiro tomo das Obras Completas, e os que serão incluídos nos posteriores, ajudarão a compreender todo o rico processo que se viveu até agora, e a projeção futura da política porista, inseparável da evolução das massas, e da própria história da Bolívia. Entregamos ao leitor documentos que podem permitir compreender as leis da história do país, e servir-lhe como material para sua superação política e teórica.

Julho de 1994

**O documento abaixo foi escrito por ocasião da publicação do XXV volume das Obras Completas de Guillermo Lora**

# **Por que o revolucionário bolchevique é publicista? Justificativa das “Obras Completas”**

**Intelectual acadêmico ou revolucionário profissional?**

*Guillermo Lora, outubro de 1996*

É nossa obrigação explicar, justificar, a tarefa grandiosa que vem realizando-se ao reunir o material – na possível totalidade do que foi elaborado ao longo da luta em que participamos – tão diretamente vinculado à elaboração da teoria e do programa trotskista boliviano. Para nós, o Partido Operário Revolucionário, seção boliviana do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional, é, sobretudo, um partido-programa, que se concretiza em sua forma organizativa, no seu objetivo estratégico e nos métodos de luta, na tática, voltados a contribuir para a sua materialização.

A extraordinária energia aplicada na elaboração, impressão, difusão, etc., dos mais de cinquenta volumes das “Obras Completas”, cada um deles com mais de quinhentas páginas, obriga a uma justificativa convincente. Vivemos, atuamos, em meio a uma situação revolucionária, que tende a se aprofundar. Essa realidade empurra os marxista-leninista-trotskistas a concentrarem suas energias e colocá-las na luta que conduz os explorados e oprimidos a sepultar o capitalismo putrefato, e a pôr em pé a ditadura do proletariado. Tudo o que faz o revolucionário profissional está destinado a contribuir à materialização desse objetivo estratégico, que é a justificativa de sua existência e de suas atividades.

Para os marxista-leninista-trotskistas, assim o POR se qualifica, a política é a luta irreconciliável, ou melhor, a guerra entre o proletariado e a burguesia, que se concretiza na criação teórica, programática, que, em sua essência, comporta a revelação das leis do desenvolvimento e transformação da sociedade, que é a essência das ciências sociais, enfim, do materialismo histórico. Em síntese, é por isso que o bolchevique, o revolucionário profissional, se forma como instrumento consciente das leis da História.

Por tudo isso, o político revolucionário marxista é o pólo oposto e excludente do politiquero burguês, reformista, revisionista, democratizante, colaboracionista, burocrata sindical, enfim, serviçais da classe dominante, do oficialismo. O politiquero procura, basicamente, colar-se, por todos os meios, por todas as brechas, ao poder (tornando-se vereador, deputado, vice-presidente llunk’u, etc.), para ter liberdade ao seu carreirismo social, à politicagem, aos interesses econômicos, enfim, para roubar, negociar e tirar proveito da influência do narcotráfico. Inevitavelmente, o politiquero é um bicho repugnante, de couro de anta, impostor, sem vergonha e charlatão.

O politiquero é laçao da burguesia em decomposição, faz parte do excremento, no qual se afunda a classe dominante incapaz e corrupta. Há que ser embotado para prender os olhos a tanta podridão pestilenta.

Seguindo Trotsky, o revolucionário, diremos que o bolchevique, o revolucionário profissional, em oposição ao politiquero arrivista, é um punhado de nervos tensos ao extremo, e apontando obsessivamente para o objetivo, a revolução e a ditadura do proletariado. É um possesso, no sentido figurado, que persegue apaixonadamente a vitória dos explorados e oprimidos.

Retrato do bolchevique: incansável lutador que ostenta um pseudônimo – isto é, sem nome paternal, próprio – sem domicílio conhecido e

fixo, sempre sem impedimentos. Mas, totalmente integrado ao proletariado, encarnação da luta sem trégua para conquistar o comunismo.

O marxista-leninista-trotskista se forma no crisol da ação transformadora da realidade social, o que permite conhecê-la. Sua atividade diária – que tem muito da dureza do trabalho – permite conhecer e realizar o trabalho partidário no seio das massas em transformação. Aí se encontra a fonte da teoria. Para ele, não há divisão entre o trabalho manual e intelectual. O Partido Operário Revolucionário não conhece separação, especialização, entre atividades teórica e prática; o revolucionário as funde todos os dias. Por isso, é produto da fusão entre teoria e prática. A elaboração teórica se traduz no combatente revolucionário, que é, ao mesmo tempo, e por necessidade da atividade militante, um publicista.

## **Organizador das massas, combatente que empunha o fuzil, conspirador que maneja a pena**

O marxista-leninista-trotskista não é acadêmico, não anda carregado de diplomas universitários, para o elegante burguesinho aparece como um autodidata grosseiro, talvez torpe, expressão da incultura.

O revolucionário se apodera do marxismo, alta expressão do pensamento humano, que se torna seu instrumento, o método que utiliza na luta para a transformação da sociedade. Em seu empenho de transformar o País em que atua, se vê obrigado a conhecê-lo profundamente, conhecimento que leva às classes sociais e à mecânica existente entre elas.

O marxista se distingue porque sua aprendizagem do materialismo histórico se realiza no seio das massas exploradas e oprimidas, juntamente com estas no empenho de assimilar a teoria revolucionária. Ao executar a tarefa de politizar as massas, no empenho de transformá-las, de instintivas em conscientes, o militante assimila o marxismo e aprende a expressar politicamente as tendências elementares dos explorados e oprimidos, o que pressupõe exercitar o manejo do método do materialismo histórico.

Sabemos que a revolução social será feita pela nação oprimida contra o domínio imperialista, sempre que conte com a direção política do proletariado, de seu partido político, do POR. Daí se depreende que o militante bolchevique aprende a organizar, politizar e mobilizar as massas. Esta prática lhe permite formar-se devidamente como porista.

O exposto é somente um aspecto, uma faceta do marxismo-leninismo-trotskismo, pois é, além disso, um conspirador contra a ordem social imperante, contra o ordenamento jurídico (a Constituição) imperante, contra a autoridade “legal”. A subversão abre o caminho insurrecional, que exige que a luta política fale a linguagem dos fuzis. Nesse momento, coloca-se o armamento das massas e a urgência de neutralizar a capacidade de fogo das instituições coercitivas do Estado. Como resolver essa questão? Aplicando a política militar do proletariado, que consiste em ganhar o melhor das Forças Armadas e dos quartéis para o programa da revolução.

Por outro lado, os bolcheviques conspiradores têm de especializar-se na organização de piquetes partidários de defesa, devidamen-

te armados. Os revolucionários estão obrigados a assimilar toda a rica experiência das massas e do próprio Partido neste terreno.

O revolucionário bolchevique está devidamente preparado para cumprir, com eficiência, as tarefas de propagandista e agitador. Isso de acordo com o momento político em que se atua. Podemos sintetizar tudo isso afirmando que o marxista-leninista-trotskista tem de alcançar o manejo do fuzil com a mesma destreza que maneja a escrita.

Não é suficiente lançar consignas, discursos e panfletos agitativos. Simplesmente impulsionar as massas à tomada do poder significa, certamente, condená-las à morte. Não basta o impulso instintivo das massas, uma vez que por si só não é capaz de conquistar e consolidar o poder da classe operária. É nesse momento que o estado-maior (o partido como direção) do exército revolucionário tem de demonstrar capacidade para planificar a insurreição, a tomada física do poder, preparar e organizar os efetivos armados, para assegurar a sua eficácia.

Nossa própria experiência é rica em exemplos que provam que o bolchevique maneja, indistintamente, a escrita e o fuzil. Trata-se, na verdade, de uma simples variante do que é o revolucionário profissional: capacitado para desempenhar-se eficazmente em todas as atividades partidárias, desde o trabalho com as mãos, todas as operações de organização, intervenção direta nas lutas de rua e armadas, até as atividades de direção e teóricas.

Uma das causas que influencia na boa capacitação, em todas as manifestações da militância, se encontra no fato de que os revolucionários profissionais não são assim porque recebem salário pelo que fazem. No Partido Operário Revolucionário, não há remunerações para nenhuma atividade, sobretudo, pela própria direção ou pela elaboração teórica.

Reforcemos a conclusão: o militante marxista-leninista-trotskista (estamos referindo, sobretudo, ao boliviano) está capacitado para manejar da melhor maneira, tanto a escrita, como o fuzil, ambos considerados como instrumentos da luta revolucionária.

### **O proletariado, antes de tomar o poder, derrotará ideologicamente a burguesia. Instinto e consciência de classe**

O proletariado (despossuído dos meios de produção) se levanta, desde baixo, desde seu primitivismo (entre nós, os trabalhadores não sabem ler, nem escrever, etc.) e o seu objetivo histórico não é senão o sepultar o capitalismo putrefato e assentar as bases da sociedade comunista. Por que é assim?

O assalariado é a força de trabalho e, por isso, fator fundamental das forças produtivas, que, no seu desenvolvimento, levam os germes dos fenômenos sociais futuros, ou seja, encarna as leis da história.

O exposto se refere a que os operários são instrumentos inconscientes, cegos, das leis da História. O essencial para o movimento revolucionário, para a transformação radical da sociedade, está na transformação da massa operária em classe, isto é, em partido político, como dizem Marx e Engels. Acrescentamos que a consciência de classe (fator chave que permite a transformação do capitalismo em comunismo) garante e afirma a revolução social, a derrubada da burguesia do poder pelo proletariado.

A consciência de classe não brota espontaneamente no seio das massas, mas se gesta – partindo da experiência diária dos explorados – graças às ideias, o verdadeiro fermento, que levam os militantes marxista-leninista-trotskistas aos explorados e oprimidos. Aqui está o segredo da maturação política do proletariado para poder cumprir conscientemente – como partido político – sua tarefa histórica.

O militante bolchevique – aquele que maneja o fuzil e a escrita – é o dente da engrenagem indispensável desse processo fundamental de transformação da sociedade. Há que reiterar que o Partido Operá-

rio Revolucionário faz parte da história e da cultura do país, porque é o instrumento da transformação da classe operária boliviana em si para classe para si. Esse acontecimento tem deixado sua impressão indelével no processo histórico do país. Esse fator de transformação se chama “Teses de Pulacayo”, que é a aplicação da teoria da revolução permanente e da economia combinada na realidade boliviana. Os militantes poristas conseguiram transformar em teoria sua própria atividade e experiência acumulada no caldeirão da luta de classes.

O partido se transforma em direção das massas que lutam pelo poder, porque consegue expressar politicamente o que é instinto, espontaneidade, nos explorados e oprimidos. Essa é a criação teórica, processo no qual as massas constituem, com sua luta, com sua atividade diária.

### **O significado das “obras Completas” como instrumento para o avanço partidário e para a politização das massas**

Não poucos militantes bolcheviques vêm das classes sociais que não podem confundir-se com o proletariado, mas que ideologicamente se proletarizam, o que os obriga a viver e a lutar conforme o programa do POR.

Atualmente, encontramos-nos passando revista a nossas armas, objetivando lançar a próxima arremetida anti-governamental, com maior potencialidade e eficácia que no passado.

Não é estranho que o partido bolchevique boliviano seja também um partido de publicistas, o que significa que está seguindo a tradição revolucionária internacional.

É desse ponto de vista que se deve considerar a publicação das “Obras Completas”, que está próximo de chegar à metade do trabalho que nos propomos realizar, como uma contribuição para a melhor formação política da militância, para a potenciação e libertação da classe operária e de toda a nação oprimida do imperialismo. É desse ponto de vista que o que estamos fazendo é simplesmente cumprir com nossa tarefa de militantes.

As “Obras Completas” nos permitem ver desde a perspectiva histórica tudo o que foi dito e feito pelo POR e nos ajudam a assinalar a projeção política do futuro, seguramente com maior acerto que antes. Não é porque publicamos cinquenta volumes das “Obras Completas” que podemos afirmar a estupidez de que nada mais temos a fazer no campo da política e da teoria. Ao contrário, esse trabalho nos ajuda a aprofundar na criação ideológica e na luta no seio das massas.

A leitura das “Obras Completas” ajudará a compreender a extraordinária luta das massas e a contribuição dos poristas a essa luta. A epopeia que temos vivido é descomunal e impressionante, mas tem sido protagonizada pelas massas, e por nós no seio delas.

A leitura dos volumes que já circulam e dos próximos que virão a ser lançados permitirá reviver a polêmica na própria experiência e verificar quais foram os erros cometidos, e quais os acertos que merecem ser colhidos. Mas, todo esse trabalho deve ser assimilado autocriticamente.

É preciso assinalar que quase todos os erros que cometemos se referem ao campo tático e, por isso, temos conseguido superá-los com a ajuda da autocrítica. O marxismo nos tem ajudado a assinalar os objetivos estratégicos, que o desenvolvimento dos acontecimentos demonstra serem corretos. Daqui se ergue a grande fortaleza que demonstra o POR em sua vida, em sua luta diária.

Como não podia deixar de ser, trata-se de escritos polêmicos, porque são criações dessa grande polêmica, que são a luta de classes e a própria revolução. Por estarmos convencidos da correção das grandes linhas de nossa política, continuaremos avançando pelo mesmo caminho, até a vitória.

*(Extraído das Ediciones “Muela Del Diabo”,  
GuillermoLora, outubro de 1996)*

# Temos de ser os instrumentos conscientes das leis da história

Guilherme Lora, maio de 1996

## Aprendamos da experiência: por que tem sido deficiente nossa atuação no último conflito?

Várias vezes, temos constatado que o bloqueio de ruas e de estradas, pelas massas radicalizadas, nos deixava na retaguarda, ou seja, passava à nossa frente, superando o que havíamos colocado.

Curiosamente, as organizações do partido revolucionário eram desorganizadas pelo impulso das forças motrizes da revolução. A explicação é que o partido permanecia estranho às massas, o que impedia que se transformasse em sua direção política. Isso quer dizer que fechávamos o caminho para a vitória.

Duas palavras para precisar em que consiste a direção política das massas:

Os militantes revolucionários, as células atuando no seio das massas, lado a lado com os explorados e oprimidos, têm de compreender, determinar, as modificações que têm lugar na situação política, devem expressar as ideias que precisam sair dos cérebros das massas em luta. Ouvindo os de baixo, poderemos nos apropriar do impulso instintivo, germe das correntes que as acabaram arrastando.

De maneira que os revolucionários têm a possibilidade de assinalar as grandes linhas do processo político no futuro.

O militante poderá realizar esse trabalho de maneira mecânica, inconsciente? Isso não ocorre. A tarefa será cumprida pelo revolucionário profissional, que maneja o método do materialismo histórico, que é um especialista da atividade de organizar, politizar e mobilizar as massas.

O fato, agora, do impulso das massas radicalizadas não ter dissolvido a organização partidária deve ser entendido como um passo adiante, mas muito pequeno, pois, não pôde evitar que as respostas revolucionárias não tivessem sido lançadas oportunamente, com a energia e contundência necessárias.

Parece que houve uma tímida aproximação do partido aos explorados e oprimidos, e nada mais. Não se ouviu a consigna, o discurso, com a capacidade suficiente de apropriar-se das multidões, de encaminhar a luta destas para o objetivo estratégico do proletariado.

Não se pode esquecer que a colocação no sentido das ideias revolucionárias têm de apossar-se das massas, para assim poder transformar-se em força material, isto quer dizer que é o militante revolucionário, atuando em células que vivem e se reproduzem no seio dos explorados e oprimidos, que leva o programa revolucionário (objetivo estratégico e tático), as ideias marxistas, para o seio das massas, com a finalidade de encarná-las nos cérebros dos oprimidos. Abrem-se esses cérebros na luta cotidiana, expressando politicamente o que é o impulso instintivo e a luta elementar.

O fundamental está em que, dessa maneira, se tem a possibilidade de ajustar a luta das massas com as leis da história, que já atuam por meio das ações instintivas. Dessa maneira, podem-se traçar as grandes linhas do processo político do dia de amanhã.

Tudo isso não é uma repetição mecânica de algumas conclusões do materialismo histórico, mas a aprendizagem da teoria marxista em contato direto, e com a ajuda dos que produzem e são parte fundamental das forças produtivas. Não se trata de que os militantes revolucionários pensem pelos operários, mas que aprendam marxismo juntamente com eles, expressando politicamente o conteúdo do instinto e da experiência dos trabalhadores.

Aqueles que assinalam o fundamental do que ocorrerá amanhã e ajudam a responder aos problemas que emergem da própria luta de

classes, já são direção de seus companheiros de luta.

É preciso assinalar que o que estamos dizendo é, nada mais nada menos, que o processo de transformação das massas instintivas em classe consciente, política. O partido e seus militantes (agrupados em células vivas) ao atuarem sobre as massas para transformá-las, se transformam, amadurecem tanto política como organizativamente.

Cabe assinalar que o Partido Operário Revolucionário tem de preparar devidamente seus militantes para essa tarefa, por meio de suas células, que têm de viver, crescer, realizar-se, em meio aos oprimidos e explorados.

### **Uma advertência à parte:**

Quando dizemos que os militantes revolucionários, graças ao seu trabalho cotidiano no seio das massas, e à formação e politização dos trabalhadores, se transformam, quase que de maneira natural em dirigentes, realizando cotidianamente os mesmos trabalhos que o restante dos que lutam contra a opressão e a exploração, não estamos admitindo o caudilhismo, nem prestando culto à personalidade, aos piores vícios e perigos que, definitivamente, destroem a atividade revolucionária. O dirigente revolucionário é um a mais entre os oprimidos, e chega a orientar, a impulsionar, seus companheiros, pela capacidade que demonstra para assinalar com clareza os objetivos da luta e sua perspectiva.

O trabalho que se realiza em determinado setor dos explorados e oprimidos tem de ser assimilado criticamente pelas células, pelo partido e pelas próprias massas. Suas lições se incorporarão ao arsenal dos oprimidos para que, assim, possam potenciar a luta.

### **Outro aspecto de importância excepcional:**

A forma de trabalho que estamos assinalando, cujo elemento fundamental é o bom uso do método do materialismo histórico, permite aos militantes, portanto ao POR, sentir e descobrir a temperatura, o ambiente e as correntes subterrâneas imperantes em meio às massas. Sem esse elemento, é muito difícil obter a vitória na atividade revolucionária.

## Os requisitos para não separar a tática da estratégia

Tiremos a conclusão do que foi exposto acima. O militante que não descobre a temperatura reinante nas massas, que não é capaz de revelar as correntes subterrâneas que se agitam no seio delas, quase sempre se equivocará em assinalar a linha política a seguir e os métodos apropriados. É quase certo que cairá no aventureirismo se, desprendidamente, parte do pressuposto de que está em meio a uma situação explosiva, ou no derrotismo, se não tem em conta (ou não descubre) que as massas se radicalizam rapidamente. Em ambos os casos, o trabalho revolucionário será seriamente atingido.

Se se separa o objetivo estratégico (revolução e ditadura proletárias) da tática, que deve ser calibrada para que contribua à materialização da estratégia, se abandona a luta revolucionária e se cai no reformismo. Este fenômeno se dá com frequência impressionante.

É necessário assinalar com precisão o que é a finalidade estratégica. Não é o resultado de nenhuma especulação abstrata ou subjetiva, mas sim o resultado da análise da contradição fundamental que se dá na base estrutura econômica da sociedade, que determina a natureza e as particularidades dos fenômenos da superestrutura da sociedade.

A contradição fundamental na estrutura econômica é o choque entre as forças produtivas e as relações de produção, que, no plano

social, é a luta de classes entre o proletariado e a burguesia. Marx conclui que esta luta conduz à ditadura do proletariado.

Sabemos que, agora, o fator econômico (desintegração do imperialismo) está super maduro para a revolução social, para sepultar a sociedade capitalista e substituí-la pela comunista, isso em escala mundial, isto é, que nos amadurecem desde fora para esta mudança qualitativa das relações de produção. Não em vão, somos parte integrante da economia mundial, apesar de nosso atraso (pouco desenvolvimento capitalista). Não podemos escapar do fato de que estamos vivendo, no plano internacional, o parto doloroso da nova sociedade.

A transformação revolucionária não se dará mecanicamente pelo simples fato da maturação do fator econômico, mas por meio da ação dos homens divididos em diferentes classes sociais e mesmo antagônicas. O trabalho revolucionário tem de se voltar para conquistar um grande desenvolvimento da consciência da classe operária, a única revolucionária (capaz de sepultar o capitalismo e assentar as bases do comunismo).

Isso quer dizer que o trabalho fundamental, nesse momento, de maneira constante e sem pausas, é o do fortalecimento do POR, e da politização crescente das massas, que, em sua ação, mostram uma grande dose de impulso instintivo.

A revolução social não é uma operação que se impõe à sociedade madura desde fora, e como algo que vem totalmente elaborada. É na luta cotidiana das massas contra a ordem social estabelecida que se vai aproximando ou afastando da conquista do objetivo estratégico. De maneira concreta, é nesse momento que se trabalha a favor ou contra a revolução.

Isso supõe não esquecer que tem de ser a estratégia que condiciona a tática (operações prévias que devem conduzir as massas à conquista do poder) e os métodos de luta, que, para serem eficazes, devem corresponder ao grau de maturidade política das massas. Se se coloca a questão de maneira inversa, a tática acabará destruindo e substituindo a estratégia, essa é a essência do reformismo (colocar somente o que se pode conseguir, o que significa trabalhar para a manutenção indefinida do capitalismo), caminho que conduz à contrarrevolução. Os reformistas (têm como estratégia cooperar com a burguesia e seu governo de turno) argumentam, em todos os momentos, que a situação política não está madura para combater o governo e se dirigir a derrotá-lo, para pensar no socialismo, etc.

A posição revolucionária é diametralmente oposta e excludente à do reformista. Em todas as vicissitudes da luta de classes, o Partido Operário Revolucionário é a expressão política do proletariado, e o reformismo, da burguesia. Em nenhum momento, os revolucionários (a política operária) podem abandonar o objetivo estratégico, e têm de tomar essa referência obrigatória para condicionar a tática e os métodos de luta, de maneira que sempre estejam a seu serviço e a luta cotidiana não deixe de ser revolucionária. Tal é a essência das reivindicações transitórias. Em outras palavras, isto quer dizer que nos estamos referindo, em todos os momentos, aos fenômenos superestruturais da contradição que impera na estrutura econômica, o que significa que nos afirmamos como marxistas.

É por isso que a atividade partidária se converte em peça mestra da evolução da consciência de classe das massas, e da própria maturidade da direção política.

Não se pode esquecer que a maturidade da condição subjetiva para a conquista do poder é um processo que se dá todos os dias, com avanços, retrocessos e estagnação, enfim, de vitórias e de derrotas, que não cai do céu elaborada e empacotada, como prêmio de boa conduta dos reformistas.

Assinalamos a essência (seguindo o materialismo histórico) das reivindicações transitórias, que não devemos abandoná-las se so-

mos marxistas. Corresponde ao partido, às células, ensinar e educar os militantes para sua elaboração em meio ao combate.

Por que os militantes (partimos do pressuposto de que são revolucionários) caem no reformismo, assim que estoura a luta feroz e cega das massas, mas que, em suas entranhas, levam os germes da nova sociedade, da nova ordem social?

Porque perderam sua capacidade para colocar-se por cima do simples instinto dos explorados. A finalidade estratégica, que sintetiza a consciência de classe, permite revelar o verdadeiro conteúdo do instinto classista, os germes da política que se dirige à conquista do poder. É preciso revelar, expressar e impulsionar (desenvolver) esses germes. Essa transcendental tarefa somente pode ser conquistada se não se abandona o objetivo estratégico do proletariado, encarnado no programa marxista-leninista-trotskista.

### Aplicação dessa colocação na situação político-social em que vivemos

Aqui está a chave de uma correta atuação revolucionária do POR e de sua militância.

Temos de tomar a luta das massas (atualmente radicalizadas, ainda que possam ter momentos de estancamento) como um fenômeno objetivo para nós, a fim de poder observá-las à distância, e por meio dos livros ou dos esquemas subjetivos que poderíamos formular? Esse é o caminho que conduz a substituir a realidade social e política por alguns esquemas pré-estabelecidos.

Não podemos esquecer um só instante de que o papel fundamental do partido revolucionário é o de transformar as massas e torná-las conscientes, isso em meio à luta dos explorados radicalizados, que, instintivamente, caminham para a sua emancipação. O objetivo ambicioso é o de soldar as massas com a finalidade estratégica revolucionária. Dessa maneira, se evitará que a burguesia e seu governo manipulem os explorados e oprimidos, entregando-lhes casas miseráveis e algumas outras esmolas.

Isso somente se pode conquistar se os revolucionários se fundem com os explorados e oprimidos, como o fermento que transformará a luta instintiva em consciente, política. Essa transformação tem lugar em pleno combate.

Como podemos conquistar esse objetivo fundamental? No processo imprescindível de elaborar a perspectiva da luta concretizada em consignas, reivindicações, que levam as massas à conquista do poder.

Isso se alcançará se a militância porista tiver como referência invariável o objetivo estratégico, e se puder expressar as necessidades imediatas das massas em reivindicações transitórias.

Mas não se trata somente de formular consignas, mas ter a obrigação de calibrar devidamente a altura a que chegam as massas, e a temperatura de sua luta, isso a fim de assinalar os métodos de luta que se deve empregar.

Todo esse processo que se dá no seio das massas deve ser assimilado autocriticamente pelo partido (é parte das massas radicalizadas, e não estranho a elas), transformado em teoria. Tudo isso para incorporar a conquista ao arsenal dos explorados e oprimidos, e para que sirva como um elemento a mais ao avanço da materialização do objetivo estratégico.

Está aí uma das tarefas fundamentais do marxismo-leninismo-trotskismo. A generalização das conquistas (e também dos equívocos em que se cai na luta cotidiana) constitui uma forma de contribuir à politização das massas e à conquista da efetivação do objetivo estratégico, que é a estratégia do proletariado e de seu partido.

2 de maio de 1996

(Extraído de Ediciones "Muela Del Diablo", Guillermo Lora)

# A crise econômica estrutural capitalista e a revolução latino-americana

(Esquema para uma palestra aos camaradas do Brasil – SP)

*Guilherme Lora, agosto de 1990*

## 1. Algumas ideias sobre a crise capitalista

A ruidosa queda do estalinismo, em escala mundial, parece, ao menos entre aqueles que se consideram alinhados no campo da esquerda, ter obscurecido o verdadeiro significado da crise econômica estrutural do capitalismo.

Correndo o risco de parecer repetitivo, é necessário destacar que a crise, mais uma vez, comprova que as forças produtivas se desenvolveram, em escala mundial, ao ponto de colocar a urgência da revolução social, da revolução proletária, que, caso não ocorra, a humanidade será empurrada à barbárie, o que já vem acontecendo.

Os revisionistas e reformistas de todo tipo dizem, contrariando a realidade e violando o materialismo histórico, que, agora, já não se pode esperar uma revolução social. Acreditam que o capitalismo entrou em uma nova sociedade amplamente democrática, etc.

A crise cíclica é uma espécie de válvula de segurança voltada a salvar o capitalismo, por meio da gigantesca destruição de forças produtivas, paralisação de parte do aparato produtivo, desemprego massivo, fome e barbárie. É o que está se passando agora, como consequência do atraso da revolução social.

Existe uma só forma de acabar com as crises econômicas estruturais do capitalismo – sinônimo de barbárie -, que é a revolução social, que, certamente, não pode ocorrer de maneira mecânica, como um reflexo imediato do crescimento excessivo das forças produtivas. O que a dolorosa experiência vivida comprovará.

O movimento revolucionário tem de partir, necessariamente, de saber como enfrentará a crise econômica do capitalismo. A debilidade do movimento anti-imperialista no Continente – a debilidade do partido revolucionário do proletariado – dá lugar a que a crise capitalista seja resolvida à custa dos explorados. Estão dadas as condições materiais para acabar com as crises cíclicas da economia capitalista por meio da revolução social. Está aí por que o atraso na sua materialização empurra a sociedade, de conjunto, à barbárie.

## 2. Características gerais da revolução latino-americana

A história dos países do Continente, durante a época republicana, evidencia que a divisão em inúmeras repúblicas favoreceu a opressão e o saque imperialista. A efetiva defesa da soberania nacional somente pode ser concebida como uma tarefa continental.

A tese bolivariana de estruturação de um único Estado latino-americano ou de uma confederação de repúblicas, que, por sua natureza, é uma tarefa democrático-burguesa, foi postergada como consequência da poderosa pressão das tendências conservadoras, pró-feudais. Assim, passou para as mãos do proletariado – classe revolucionária por excelência, mesmo nos países capitalistas atrasados -, adquirindo, portanto, uma projeção socialista.

Um dos grandes objetivos estratégicos da revolução latino-americana é o da estruturação dos Estados Unidos Socialistas da América Latina, que emergirão como resultado da vitória das re-

voluções proletárias nos países do Continente.

O proletariado está diante de um inimigo: o capital financeiro que, por sua própria natureza, atua por cima das fronteiras nacionais, portanto, o imperialismo, que somente pode ser definitivamente derrotado no plano internacional, continental.

Amiúdam e fracassam, irremediavelmente, os projetos de cooperação regional ou continental, as imitações da Comunidade Econômica Europeia. A causa disso se encontra nos interesses do imperialismo que, para reinar, necessita da divisão continental.

Os países latino-americanos, se pretendem se impor ou arrancar algo das metrópoles do capital financeiro, têm de se unir, inclusive agora, quando estão dominados por governos burgueses.

A divisão continental se transformou em uma das causas que mantém os diferentes países no atraso, como instrumentos da política e da economia do imperialismo. Uma dramática comprovação disso se encontra na resposta que se dá à crise econômica capitalista nos diferentes países e que os condena a auxiliar as metrópoles do capital financeiro saírem do descalabro à custa do agravamento de sua própria miséria.

A imposição da economia de mercado sem atenuantes, das privatizações, da ampliação do universo tributário, do livre comércio sem limites, da abolição de todas as medidas protecionistas, do fim das subvenções à produção nacional, etc., como está ocorrendo na Argentina, Peru, Brasil, Bolívia, etc., vem sendo ditada pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), pelo Banco Mundial, enfim, pelo imperialismo. Essa é a via pela qual as potências se apoiam na economia dos países atrasados, para superar sua própria crise, para potenciar-se à custa do agravamento da miséria do entorno semicolonial.

Não se pode falar de soberania dos Estados latino-americanos, sem que estes não se unam para rechaçar a política colonialista e saqueadora do imperialismo. Esta é uma tarefa democrática burguesa. A atual classe dominante, caduca e submetida ao imperialismo – isso de uma maneira geral – já não pode se materializar plenamente e, por isso, passa para as mãos do proletariado. A soberania latino-americana se dará no marco dos Estados Unidos Socialistas do Continente.

Os países latino-americanos – que evoluem em ritmo desigual uns aos outros – são capitalistas atrasados de economia combinada. A revolução a ser realizada, que constitui uma tarefa histórica inadiável, tem de corresponder à estrutura econômica, em cujo seio a grande propriedade privada burguesa (imperialista) e a pequena parcela agrária ou propriedade artesanal impedem o desenvolvimento das forças produtivas. Assim, a revolução será combinada e concretizada pela realização da tarefa de libertação nacional e social.

Não se deve desconhecer que a revolução latino-americana ocorre no marco da economia capitalista mundial. Apesar de que todas as suas particularidades, é parte da revolução socialista internacional. Ao Continente, não é imposto, desde fora, apenas o amadurecimento das forças produtivas, mas também as leis gerais da revolução de nossa época. No entanto, sem dúvida, as revoluções se concretizam de acordo com a realidade nacional. O que

exige forjar a teoria da revolução em tal ou qual país.

Por isso, não se pode conceber a revolução sem a presença de um vigoroso partido revolucionário da classe operária, classe revolucionária por excelência no interior do capitalismo. É preciso entender esse partido como programa e como organização de quadros atuando no seio das massas. Neste plano, observam-se as maiores deficiências nos diversos países, inclusive naqueles cujos setores populares lutam com as armas nas mãos contra a classe dominante.

A revolução latino-americana está obrigada a cumprir, devidamente, as tarefas democráticas, para que a ditadura do proletariado possa transformá-las em socialistas. A revolução ocorrerá dentro das fronteiras nacionais – como consequência do desenvolvimento desigual da consciência de classe do proletariado dos diferentes países –, para se projetar, necessariamente, no cenário internacional. Não se deterá diante de nenhuma forma de opressão de classe, as superará por meio de um processo contraditório de avanços e retrocessos, de maneira que uma etapa se apoiará na anterior e a negará.

A revolução socialista é internacional por essência, pela natureza imperiosa da economia mundial. É claro que, para sua vitória e consolidação, para que possa se projetar à sociedade sem classes, ao comunismo, tem de forjar um partido revolucionário internacional, mundial, que é o Partido da Revolução Socialista Mundial. Esse partido necessariamente se assenta na herança ideológica deixada por Lênin e Trotsky. Concretamente, trata-se da IV Internacional.

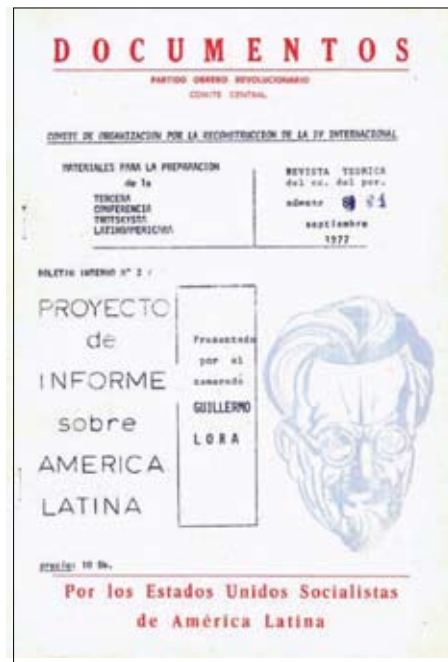
### 3. Particularidades da revolução nos distintos países latino-americanos

Assistimos ao desmoronamento dos partidos comunistas estalinizados e burocratizados. Processo que demonstra, nos fatos, que tem um conteúdo de classe burguês, assinalado pelo trotskismo há várias décadas. As organizações socialdemocratas se degeneraram ao extremo de atuar como ponta de lança do capital financeiro europeu. Assim, estão interessadas em conquistar governos nos países latino-americanos. Os reformistas e revisionistas democratizantes defendem, abertamente, o parlamentarismo e a ordem social imperante. Permanece no campo da esquerda, como referência revolucionária, não mais que o programa da IV Internacional.

O problema fundamental da revolução latino-americana, neste momento, é o do partido político. Defendemos que esse tem de ser operário e revolucionário, isto é, tem de expressar os interesses gerais, estratégicos do proletariado, em outras palavras, a revolução anticapitalista e a constituição da ditadura do proletariado, de maneira categórica e inconfundível.

Não se trata unicamente de um movimento das massas operárias, camponesas e da classe média empobrecida, mas de um movimento que expresse a política do proletariado. Onde a classe

operária está imersa e pulverizada nas frentes democráticas, que é o que acontece nos países centro-americanos, que lutam com as armas nas mãos contra o governo pró-imperialista, como no caso da Nicarágua sandinista, a política das massas é democrática, portanto, expressão dos interesses burgueses de defender a ordem social existente.



*O problema fundamental da revolução latino-americana, neste momento, é o do partido político. Defendemos que esse tem de ser operário e revolucionário, isto é, tem de expressar os interesses gerais, estratégicos do proletariado, em outras palavras, a revolução anticapitalista e a constituição da ditadura do proletariado, de maneira categórica e inconfundível.*

é isso que falta. Da mesma maneira que no Partido Trabalhista da Inglaterra, o PT brasileiro lança medidas para marginalizar os grupos pretensamente revolucionários, que procuram estruturar um outro partido da classe operária. Essa finalidade leva à proibição e impede a dupla militância, etc.

Na Argentina, a carência de um vigoroso partido trotskista obstaculiza que a experiência dos trabalhadores diante do peronismo desemboque sua organização em um partido distinto e oposto ao da burguesia. A mesma ausência impede, no Peru, que a experiência negativa do foquismo senderista contribua para fortalecer a tendência à estruturação de um partido operário revolucionário.

Não é possível impulsionar a estruturação do partido revolucionário à margem da internacional trotskista, tida como marco no qual se pode elaborar coletivamente a política revolucionária, assimilando criticamente e generalizando a experiência revolucionária internacional e nacional.

(Guillermo Lora, *La Colmena*, nº 387, 25 de agosto de 1990)

**Tarefa fundamental: reconstruir a IV Internacional**

# Assimilemos os ensinamentos da história

*Guilherme Lora – Janeiro de 1998*

Estamos diante do processo de restauração do capitalismo na ex-URSS e nos países que seguem a política estalinista contrária aos interesses históricos do proletariado e da revolução. Não há dúvida de que vivemos um gigantesco retrocesso quando, em meio à época de nascimento da nova sociedade, se retorna à velha. Isto nos obriga a assimilar devidamente seus ensinamentos.

Para alguns observadores, o que vem ocorrendo demonstraria que é inviável a sociedade sem classes e que os fatos se encarregam de provar que a ordem social capitalista corresponde à natureza humana e que, por isso mesmo, permanecerá no cérebro das pessoas de maneira eterna.

Surge a pergunta: Já não haverá revolução social, transformação qualitativa da sociedade? A resposta afirmativa nos levaria à conclusão de que a sociedade – mais que o capitalismo – está à margem da natureza e das leis dialéticas da transformação interna dos fenômenos e das coisas. Isto é inadmissível.

Os ideólogos a serviço do imperialismo nos dizem que a sociedade capitalista – contrariando as esperanças dos socialistas – vai se aperfeiçoando, superando seus aspectos negativos e avançando para a prosperidade. Esta afirmação contradiz a realidade.

O revisionismo do marxismo – citemos o caso escandaloso de Ernest Mandel – sustenta que as forças produtivas continuam desenvolvendo-se, o que equivale dizer que o capitalismo persiste em sua etapa progressiva, que o fator econômico, ou objetivo, não amadureceu ainda para tornar possível a revolução social.

De forma particular, se tem afirmado e se continua afirmando – sobretudo os estalinistas revisionistas, os reformistas democratizantes, os nacionalistas, etc. – que nos países atrasados o desenvolvimento das forças produtivas não permite colocar a revolução proletária e que corresponde unicamente materializar a revolução burguesa. Os estalinistas, da mesma maneira que os reformistas e revisionistas, partem do equívoco de considerar a economia mundial como a soma das economias nacionais e não como uma unidade superior, cujas leis atuam por cima das fronteiras nacionais, modificando os países em que penetram. Não podemos fechar os olhos diante do fato de que suportamos as consequências brutais da crise econômica e estrutural que vive o capitalismo em escala mundial. É por isso que dizemos que a revolução social está colocada na ordem do dia, o que nos impõe atuar conseqüentemente.

A crise econômica – de superprodução em um mundo de famintos, que muito pouco podem comprar – é de destruição de forças produtivas, pois se traduz na paralisia de parte do aparato produtivo e em destruição de força de trabalho (desemprego massivo). Constatamos todos os dias que o processo de desintegração do capitalismo é o caminho que conduz a humanidade à barbárie. A burguesia vem destruindo rapidamente todas as conquistas que obteve na sua etapa de ascenso. A burguesia vem empurrando abertamente os operários para que assumam a responsabilidade do funcionamento rentável das empresas, não sem antes renunciar às suas conquistas, seus salários atuais, normas jurídicas de proteção da classe operária, limitando-se a contemplar a legislação do trabalho, etc.

Os fatos com os quais nos deparamos, diariamente, demonstram que a maturidade das forças produtivas exige a materialização da revolução social e que não pode se dar de maneira mecânica, mas sim através da maturação da consciência classista do proletariado, de sua concretização em programa, em partido político, que, na Bolívia, se chama Partido Operário Revolucionário. Podemos concluir que a revolução social jamais se traduzirá em vitória se estiver ausente o partido político, prova do pouco desenvolvimento da consciência de classe.

Um dos erros iniciais do estalinismo e de outras correntes contrarrevolucionárias consiste, como temos indicado, na deformação da economia mundial como realidade unitária. Em nosso país, unicamente o trotskismo parte, para o desenvolvimento da teoria e de sua atividade diária, do convencimento de que este, com todas suas particularidades nacionais, com enorme peso do pré-capitalismo que arrasta, faz parte dessa unidade superior que é a economia capitalista, o que significa que a metrópole opressora e a semicolônia oprimida estão em interrelação dialética e que se constitui um equívoco a ideia de que a atrasada Bolívia é unilateralmente dependente da metrópole opressora norte-americana. As limitadas forças produtivas do país altiplano – marcadas pelo pouco desenvolvimento industrial – concluíram integrando-se na

economia mundial e, por isso mesmo, fazem parte deste fator fundamental objetivo, da revolução mundial extremamente madura para a sua materialização.

Resumindo. A queda internacional do estalinismo, precisamente, ensina que o capitalismo não se rejuvenesce graças à restauração da ordem social burguesa, mas que continua o processo de seu esgotamento, às vezes a um ritmo mais veloz que o da véspera,

o que impõe a urgência do cumprimento da revolução proletária.

A revolução bolchevique russa se degenerou e acabou sendo estrangulada porque o estalinismo a isolou do processo revolucionário mundial – política reacionária expressada na teoria do ‘socialismo em um só país’. A revolução social para se afirmar e se projetar para o comunismo, a sociedade sem classes, tem de necessariamente de fazer parte da revolução internacional.

Do que foi dito, se deduz que uma das grandes tarefas que se deve cumprir nesse momento é, precisamente, pôr em pé o Partido Mundial da Revolução Socialista, ou seja, a IV Internacional como expressão do marxismo-leninismo-trotskismo.

Acreditamos na urgência de reiterar que estamos falando de voltar a pôr em pé a IV Internacional baseada no Programa de Transição, redigido por León Trotsky, por considerar que é a essência do marxismo-leninismo-trotskismo de nossa época e não como um tributo ao culto da personalidade e outros desvios desse estilo. Partimos da rica experiência acumulada pelo Partido Operário Revolucionário, na Bolívia, país clássico do capitalismo atrasado, de economia combinada.

## O fundamental da IV Internacional

O Partido Mundial da Revolução Socialista, nisto consiste a IV Internacional, tem de ser um partido único e centralizado em escala mundial; os partidos nacionais – por exemplo, o POR da Bolívia – são suas seções nacionais.

O eixo organizativo tem de ser o centralismo democrático, que

---

“ (...) *uma das grandes tarefas que se deve cumprir nesse momento é, precisamente, pôr em pé o Partido Mundial da Revolução Socialista, ou seja, a IV Internacional como expressão do marxismo-leninismo-trotskismo.*

---

implica a mais ampla democracia interna, discussão nos marcos programáticos e, inclusive, direito de formar frações, tudo no plano interno, porque às massas corresponde expor uma só linha política. A disciplina deve se entender como severo cumprimento do programa e do centralismo democrático.

Se a Internacional atuar como partido único quer dizer que sua linha política – incluindo o fundamental da estratégia das seções nacionais – deve ser discutida e elaborada coletivamente. Cabe à IV Internacional assimilar criticamente todas as aquisições das seções, que devem ser generalizadas. Os trotskistas bolivianos estão vivamente interessados em que seus camaradas de todos os confins assimilem criticamente suas experiências e assim possam elevar sua politização. Para alcançar estes objetivos, é necessário garantir o direito de crítica não somente a todas as seções, mas inclusive aos militantes individualmente considerados.

As considerações anteriores pressupõem que se realize um severo balanço autocrítico de toda experiência da IV Internacional até hoje e em escala mundial, certamente cheia de desvios e equívocos.

Os trotskistas bolivianos não ocultam sua perplexidade diante do fato da IV Internacional não ter assimilado as visíveis conquistas e tampouco assinalar, mostrar as raízes de seus numerosos erros, o que fariam com que não se repetissem na atualidade e no futuro.

Os esquerdistas dos diversos e contrapostos agrupamentos mostram, à luz dos acontecimentos, quanta influência sofreram do estalinismo, que tão cinicamente se esforçou por capitalizar a seu favor o prestígio e a transcendência da revolução de Outubro. Uma das consequências disso foi a queda vertiginosa da burocracia do kremlin, que arrastou diversas correntes pretensamente esquerdistas. Este fenômeno também ocorreu na Bolívia e confirma que os líderes da esquerda terminaram se colocando por detrás da socialdemocracia ou dos setores burgueses empenhados em fazer demagogia com sua colocação do “neoliberalismo de conteúdo social”. Desta maneira, no cenário revolucionário, não ficou em pé, a não ser o trotskismo, levantando a bandeira da revolução social e da ditadura do proletariado. Quando dissemos que chegou o momento de reconstruir a IV Internacional, estamos indicando que é a necessidade histórica que obriga a classe revolucionária de nossa época a materializar a revolução social e a ditadura do proletariado. A IV Internacional deve, inadiavelmente, levantar como sua finalidade estratégica a que corresponde aos operários dos diferentes países do mundo. Para nós, como ontem, nossa consigna diz: “proletários do mundo, uni-vos!”

Sabemos perfeitamente que se não pormos de pé agora a IV Internacional – reiteramos que se trata do Partido Mundial, estruturado em torno da finalidade estratégica do proletariado – não será possível materializar a revolução social. Ainda que fosse desencadeada como resultado do impulso instinto das massas, não concluiria em vitória e na ditadura do proletariado. Neste caso, se daria o fenômeno surpreendente de que nós, presumíveis bolcheviques, contribuiríamos para que a humanidade fosse empurrada para a barbárie do capitalismo em desintegração.

Os marxistas-leninistas-trotskistas não têm nada de acadêmicos e de intelectuais profissionais, são, sobre todas as coisas, revolucionários que entregam suas vidas à tarefa de acabar com a ordem social capitalista. É claro que nos rebelamos contra o ordenamento jurídico imperante com a ajuda da violência revolucionária, contra o

governo da classe dominante, contra a sociedade capitalista em decomposição. Por isso mesmo, nosso partido, a IV Internacional, não pode menos que se organizar para desenvolver, ao mesmo tempo, atividades legais e clandestinas.

Nossos métodos de luta são próprios da revolução proletária, equivale dizer a ação direta das massas, cujo conteúdo é a violência revolucionária por ser exercida pelas massas oprimidas e exploradas. Somente ali onde imperam as ilusões democráticas, é nossa obrigação utilizar o Parlamento – mas subordinado à ação direta – e trabalhar pelo seu esgotamento, única maneira de contribuir para que os explorados e oprimidos empunhem os fuzis, que é a insurreição, único caminho que conduz à tomada do poder político.

## A Revolução Permanente a Lei da Economia Combinada

A revolução social pode se dar ali onde a evolução da consciência de classe alcançou um alto nível, e não obedecendo à localização dos países em um determinado meridiano geográfico. Na análise política, não nos guiamos por considerações chauvinistas de nenhum tipo, utilizamos o método do materialismo histórico e consideramos como partes integrantes, por exemplo, as contribuições feitas por

Trotsky. Referimo-nos de maneira particular às teorias da revolução permanente e da economia combinada. Não vamos discutir que o líder, juntamente com Lênin, da Revolução Russa de 1917 e da luta antiestalinista, desenvolveu não poucas ideias já enunciadas por Marx e outros clássicos do marxismo – o pensamento humano sempre recorre a caminhos similares.

## A Revolução Permanente

O marxismo, partindo de sua análise da economia capitalista mundial, sustenta que a revolução social e a ditadura do proletariado só podem ocorrer como fenômenos mundiais. O socialismo em um só país, apregoado pelo estalinismo, é a negação do marxismo e o rótulo utilizado para encobrir a derrota final da revolução social.

Trotsky, seguindo o marxismo clássico, diz que a revolução em todas as latitudes – incluindo os países atrasados – começa dentro das fronteiras nacionais, conseqüente com o grau de desenvolvimento da consciência da classe operária, que sempre é desigual, mas que inevitavelmente deve se fundir com a revolução internacional, única forma que tem para se fortalecer e para resolver os problemas que coloca a transformação qualitativa da sociedade. Essa transformação da revolução nacional em internacional é uma lei que parte do caráter mundial da economia capitalista, que, por isso, mesmo impera em todos os rincões do planeta.

É nos países atrasados que se distinguem por não ter superado completamente o pré-capitalismo, isto é, não ter resolvido as tarefas democráticas ou burguesas, que a ditadura do proletariado, expressão da nação oprimida e de seus problemas, se vê obrigada a cumprir as tarefas de outras classes sociais e as suas próprias, claro que não para permanecer na etapa democrático-burguesa, mas para transformá-la em socialistas, tudo como um período único da ditadura da classe operária. O desenvolvimento do processo revolucionário constará de etapas nas quais uma se apoia na anterior e a negue. Esta transformação concluirá na sociedade sem classes, ou seja, no comunismo, que, na perspectiva do desenvolvimento da humanidade, será a negação da negação.



## A Lei do Desenvolvimento Combinado

A lei mais geral da história é o desenvolvimento desigual entre os diferentes países e continentes entre si.

Em se tratando dos países atrasados, esta lei universal se concretiza na lei da economia combinada, que é a coexistência de diversos modos de produção, evidentemente que se incluindo como predominante ao modo de produção capitalista, característica imposta pela economia capitalista que domina o mundo em seu conjunto.

Não se pode dizer que nos países atrasados haja dois ou mais processos de desenvolvimento, mas apenas um só integrado por diversos modos de produção, inter-relacionados dialeticamente.

Por que o capitalismo atua como uma unidade sem ignorar os modos de produção pré-capitalistas? Esse fenômeno, para muitos estranhos e surpreendente, é consequência da particular refração das leis da economia mundial no contexto socioeconômico dos países que não tiveram a oportunidade de dar o salto qualitativo para o capitalismo plenamente desenvolvido, partindo do pré-capitalismo. Não tiveram o tempo e a possibilidade para forjar em suas entranhas a burguesia revolucionária como ocorreu em outras latitudes.

No caso particular da Bolívia, a invasão do capital financeiro, do imperialismo (interessado em explorar as riquezas minerais e, definitivamente, em subjugar politicamente o país, convertendo-o em semicolônia – governo nacional sem soberania -, imprimiu sua imagem em uma parte pequena do país) se viu obrigada, para romper os obstáculos que se opunham à sua política colonizadora, a apoiar-se na classe dominante semifeudal e dessa maneira se converteu no muro que conteve e rechaçou a maioria nacional que procurava ter acesso aos progressos alcançados pela humanidade.

A economia combinada tem sido uma imposição do exterior, como consequência da invasão do capital financeiro, como parte do processo de incorporação do país na economia mundial e da configuração das particularidades nacionais, que não tardaram em reagir contra a metrópole opressora, isto ao se abrir a perspectiva de que o proletariado minoritário, transformado em direção da nação oprimida,

pudesse concretizar a revolução social e procurar substituir a grande propriedade privada burguesa dos meios de produção – concentrada nas mãos do imperialismo e da burguesia nacional – pela social, superar toda forma de pré-capitalismo e abrir caminho para a sociedade comunista. Também nos países atrasados, sem grande desenvolvimento industrial e sem ter conhecido o que é a democracia burguesa, a classe operária é a negação do imperialismo e de seu servidor que é a burguesia nativa. A revolução social transformará o atraso em alavanca do progresso ao permitir que o país atrasado se aposse em saltos dos avanços do imperialismo e abra caminho para superar-lhe em todos os aspectos. Tudo isso se explica sempre que não se esqueça que o país atrasado e a revolução se movem no seio da economia capitalista. A necessidade histórica da revolução e as possibilidades de que se possa superar radicalmente o atraso aparecem ao mesmo tempo que amadurecem as forças produtivas em suas dimensões internacionais.

Temos assinalado alguns traços da revolução permanente na atrasada Bolívia e que já estão sendo perfilados nos momentos mais importantes da luta de classes, da atuação do proletariado que percorreu um bom trecho no desenvolvimento de sua consciência de classe. Um exemplo esclarecedor. Nos anos 70, surge no país, graças à participação decisiva do Partido Operário Revolucionário, a Assembleia Popular, organização que proclamou em voz alta a sua condição de órgão de poder das massas e de ser a concretização da frente anti-imperialista, dirigida pela política revolucionária do proletariado. A Assembleia Popular tinha consciência de que devia marchar para a conquista do poder se não quisesse ser esmagada. A direita reacionária apressou seus movimentos para desfechar o seu golpe preventivo do dia 21 de agosto de 1971. Se se busca a vitória da revolução social, essa valiosa lição deve ser devidamente assimilada pelo partido bolchevique.

Parece-nos que a IV Internacional não deve ignorar os aspectos acima apontados.

*(Extraído das Obras Completas, Guillermo Lora, vol. LXV, 1997-2001, pág. 133)*

## A Quarta Internacional

Na base das concepções programáticas do Partido Operário Revolucionário se encontram as teses de que, em nossa época de dominação da economia capitalista mundial, a revolução é proletária e internacional. O instrumento partidário, consciente, político, não pode ser outro senão o Partido Mundial da Revolução Socialista, isto é, a Internacional, organizada sobre a base do centralismo democrático. Trotsky ensinou que no período de decadência do imperialismo, foi superada a separação entre países maduros e não maduros para a revolução proletária.

É preocupação constante do POR a estruturação da Internacional marxista-leninista-trotskista, porque considera que somente dessa maneira se pode materializar seu programa e porque o visível atraso deste processo o prejudica enormemente como sua seção nacional.

A história de nosso partido não é de todo estranha à história da Quarta Internacional. A degeneração pablista, cuja consequência foi a cisão da Internacional em 1952, teve efeitos contraproducentes na Bolívia. Não só porque desenvolveu a teoria do apoio crítico ao Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), mas também porque fomentou a formação de tendências nacionalistas dentro do Partido Operário Revolucionário, que insistentemente procuravam subordinar o partido à esquerda do MNR. Um dos resquícios da tão triste experiência foi o grupo chamado POR-Combate (que desapareceu na atualidade, nota dos Editores, 1999).

*Guillermo Lora, fevereiro de 1985*

Nessa oportunidade, o Partido Operário Revolucionário declarou que não seguia nem o Secretariado Internacional (SI), dirigido por Pablo, Mandel e Franck, nem o chamado Comitê Internacional (CI), estruturado pelo SWP norte-americano, e pelo PCI francês (Partido Comunista Internacionalista).

Desde os anos 40, conhecia-se na América Latina o SWP como um partido de tendências centristas e fortemente burocratizado.

A fusão, em 1963, entre o SI e o SWP, à margem das ideias revolucionárias e de toda autocrítica da crise da Internacional, deu nascimento ao Secretariado Unificado (SU), que havia percorrido caminhos estranhos ao trotskismo. O POR repudiou as manobras de fusões entre aparatos burocratizados, à margem do trabalho de elaboração programática. O Secretariado Unificado é, política e organizativamente, frouxo e engloba as tendências mais diversas e, inclusive, as antitrotskistas.

Vivamente interessado em estruturar a Quarta Internacional, o Partido Operário Revolucionário entrou em contato e aderiu ao Comitê Internacional, que mais tarde adotou o nome de CORQUI (Comitê de Organização pela Reconstrução da IV Internacional).

Nessa organização, o POR procurou desenvolver e defender sua concepção sobre o processo revolucionário nos países atrasados, à luz dos ensinamentos de Lênin e de Trotsky, e de sua própria experi-

ência. Dois foram os pontos controvertidos, ao longo de vários anos: a) a natureza da burguesia nacional; b) a tática da frente anti-imperialista. Não se pode estranhar que, apesar da rica literatura que existe a esse respeito, os europeus resistiam em diferenciar a burguesia da nação opressora da burguesia da nação oprimida. Também puderam comprovar que não entendiam em que consiste a frente anti-imperialista, como tática que permite converter o proletariado em dirigente da nação oprimida. Não por acaso que, arbitrariamente, transformaram em seus países a frente única de classe de tática em estratégia. A ala morenista do Secretariado Unificado também combateu o Partido Operário Revolucionário nesses aspectos.

A reconstrução da Quarta Internacional não pode ocorrer fora do marco do centralismo democrático, substituindo a necessária democracia interna por métodos de controle burocrático, porque este estado de coisa impede toda formulação programática e a elaboração da linha política de maneira coletiva.

O CORQUI acabou como um pequeno movimento internacional controlado, particularmente, por meio da dupla militância, pela influente Organização Comunista Internacionalista (OCI) francesa, convertida em exportadora de ajuda econômica e de ideias nem sempre corretas. Em certo momento, tornou-se impossível defender formulações contrárias às da OCI, que deu provas de estar interessada em contar com um dócil instrumento para seus próprios fins não revolucionários. Já nesse momento, era perceptível seu desejo de entendimento e fusão com o SU. Então, o Partido Operário Revolucionário rompeu com o CORQUI, por considerá-lo um organismo atacado pelo vírus organizativo estalinista. Os acontecimentos posteriores nos deram toda razão. Opusemo-nos em se colocar contra o PO da Argentina e do grupo chileno e permitir sua expulsão sob a pressão dos franceses, por considerar que se tratava de um método indigno de uma organização que se considerava trotskista.

No início de 1979, O POR conseguiu coordenar com alguns setores latino-americanos que haviam iniciado um movimento de oposição à OCI e assim se constituiu a chamada Tendência Quarta Internacionalista (TQI), que nasceu com uma declaração em que fixava sua posição dentro do quadro do movimento trotskista internacional.

A TQI reuniu-se em La Paz, no mês de julho, na qual também participou a Liga Operária Palestina. Aprovou algumas resoluções sobre os problemas políticos do momento, como, por exemplo, sobre a revolução na Nicarágua. Nesse momento, um dos problemas fundamentais do trotskismo internacional era o avançado projeto de fusão entre o CORQUI e o SU, que somente poderia se materializar acobertando as verdadeiras divergências que haviam sido apresentadas na IV Internacional, depois do sonho da unidade pela unidade. Esta unidade foi do agrado da pequena burguesia estudantil, que se viu arrastada pela ideia de contar com uma internacional de massas, não importando a que preço. A extrema debilidade da TQI se pôs em evidência quando não pôde intervir de maneira eficaz na discussão acerca do temário do XI Congresso do SU. Os representantes de PO, apesar do compromisso feito, não elaboraram os documentos de respostas às teses fundamentais apresentadas na discussão pela maioria do SU. É inegável que essa deficiência no trabalho não podia ser superada com medidas administrativas, como a reunião de emergência que se

propuseram apressadamente. A Tendência Quarta Internacionalista continuou arrastando um dos defeitos do CORQUI: sua não submissão ao centralismo democrático, o que rapidamente degenerou em uma organização de tipo federativo.

Para o Partido Operário Revolucionário, o trabalho dentro da TQI resultou incômodo e muito pesado pela excessiva agudização da luta de classes no país, que nos impedia – ou pelo menos nos limitava – dedicar esforços ao trabalho internacional. Talvez uma solução seria procurar a estruturação da Internacional tomando como eixo os problemas da revolução boliviana; no entanto, a extrema debilidade da tendência parece que tampouco pôde permitir a valoração desta ideia.

A TQI poderia considerar-se como um importante germe de um movimento trotskista internacional, mas tudo supunha que seu trabalho seria muito débil e lento, porque teria de cumprir a tarefa imprescindível de pôr em pé uma corrente política homogênea em escala mundial. A necessária discussão dos problemas teóricos em conflito e

de interpretação dos acontecimentos cotidianos devia ser acompanhada da imprescindível elucidação dos problemas organizativos.

De maneira inesperada, a tendência unionista, que por um momento embriagou tanto o SU como o CORQUI, encontrou um grave obstáculo na revolução da Nicarágua. A inclinação tão peculiar do SWP de capitular diante do movimento nacionalista vitorioso pôs-se de novo em evidência, quando se tratou de apoiar, incondicionalmente, a frente sandinista e seu governo, inclusive quando se tratou da expulsão e prisão dos seguidores da chamada Tendência Bolchevique (Brigadas Simón Bolívar). Novamente, o problema da conduta a se observar pelo partido revolucionário diante dos movimentos nacionalistas burgueses ameaçou afundar o pablismo. Uma das emergências desse pleito foi a aproximação oportunista entre o CORQUI, tão desesperado em superar seu isolamento à custa do SU, com a Fração Bolchevique (morenismo). Foi constituído um

comitê paritário entre a OCI e a Fração Bolchevique.

Por sua vez, o SU apresentou tais condições para seu congresso que praticamente foi colocada à margem de sua organização a Fração Bolchevique. A tão acariciada unidade pareceu ter naufragou de novo. O CORQUI se uniu ao morenismo de maneira oportunista e a aventura terminou em outra cisão.

O POR tem caracterizado com nitidez o Secretariado Unificado como antitrotskista e o CORQUI como uma organização totalmente estranha aos métodos bolcheviques. A esta altura do debate, podemos comprovar que também a OCI e seus seguidores se apartaram das ideias centrais do trotskismo.

Se, até certo momento, a OCI seguiu o POR em sua caracterização do pablismo, uma vez deslumbrada com a perspectiva da unidade com o SU, começou reconhecendo que era uma corrente trotskista e revolucionária e desde então tem feito o impossível para aparar todas as divergências programáticas e principistas que tinham existido entre eles. É essa história que permite desconsiderar tanto o SU como o CORQUI como gérmens da futura Internacional, que, não resta dúvida, há que se pôr em pé.

*(Extraído do Retrato do Partido Operário Revolucionário, de Guillermo Lora, Obras Completas, tomo XLV – 1984-1985, Ediciones Masas)*



“ *A reconstrução da Quarta Internacional não pode ocorrer fora do marco do centralismo democrático, substituindo a necessária democracia interna por métodos de controle burocrático (...) que impede toda formulação programática e a elaboração da linha política de maneira coletiva.* ”

# Como estudar a derrocada do estalinismo? (marco teórico)

## De que se trata?

Os meios de comunicação e as agências de notícias, controladas pelo imperialismo, nos intoxicam, todos os dias, com informações a respeito dos acontecimentos dramáticos – quase sempre inéditos – que ocorrem veloz e torrencialmente na China, na União Soviética, em todos os países da Europa oriental e nos Partidos Comunistas de todo o mundo. É compreensível que a burguesia oculte não poucos dados e fatos, que acaba deformando o processo de derrocada do estalinismo, ao ponto de apresentá-lo como o fim do marxismo.

Se nos limitássemos unicamente registrar e relatar os fatos, a acumular as informações jornalísticas, concluiríamos sem nada compreender. Nossa tarefa consiste em descobrir, por interpretar, as leis que determinam esses estremecimentos e transformações. A finalidade não é somente a de compreender, adequadamente, o que está ocorrendo, mas também de assinalar as projeções para o futuro, suas perspectivas.

A grande questão que se coloca é a de saber se os êxitos das proposições da Perestroika levarão ao retorno dos países regidos pelos Estados Operários degenerados à economia de mercado, ao capitalismo, ao domínio da grande propriedade privada dos meios de produção; ou, contrariamente, ao retrocesso, quanto mais breve melhor, se transformará em ponto de apoio para dar um salto à frente, para a sociedade sem classes.

A propaganda imperialista e a desenvolvimento pela GUN leva a fundo seu empenho em demonstrar que já não há luta de classes e que cabe a cooperação entre todos os habitantes do país, como consequência do tremendo desenvolvimento do capitalismo, particularmente da tecnologia e da democracia formal. Daí se conclui que o marxismo está morto, que já não existem razões para sua vigência.

Diz que vivemos uma nova realidade e, curiosamente, se acrescenta que está determinada pelo ruidoso fracasso do socialismo, isto é, pela vitória e a afirmação das bondades do capitalismo. Na verdade, não se trata do advento de uma nova realidade, mas da confirmação de uma realidade bastante velha. Deteve-se a transformação da sociedade humana? Não poucos ideólogos, a serviço da classe dominante, nos dizem que os últimos fatos demonstram que o capitalismo corresponde à própria natureza do homem e daí extrai sua perenidade.

Tem uma enorme importância assinalar o marco teórico no qual se devem analisar os acontecimentos, que vêm ocorrendo no chamado bloco socialista, porque nosso interesse consiste em indicar as possíveis grandes linhas do desenvolvimento futuro dos ainda Estados operários degenerados. Compreendemos perfeitamente que está em jogo o destino da humanidade.

## Como considerar o marxismo?

Não se pode considerar como marxismo tal ou qual colocação dos clássicos de tal ou qual tendência política, o que se faz ou não em um determinado país que viveu a experiência revolucionária e

muito menos ao conjunto de consignas que se pode lançar pelos canais propagandísticos. O marxismo é, sobretudo, um método que permite contribuir ao pensamento na análise da realidade. Ensina como devem ser julgados os fenômenos. O materialismo histórico é, segundo Trotsky, a expressão consciente do inconsciente processo histórico, isto é, da tendência elementar e instintiva do proletariado para a reconstrução da sociedade sobre bases comunistas.

Não se trata de aplicar tal ou qual consigna em um determinado país, de impor-lhe um determinado modelo, mas de conhecê-lo para transformá-lo. O marxismo nos diz unicamente como conheceremos um determinado país por meio da prática revolucionária. Na sua verdadeira natureza, o marxismo permanece em pé, porque permite o conhecimento das leis do desenvolvimento e transformação da sociedade. Por isso, é uma ciência social e não por nenhuma outra razão.

A teoria que se forja com o auxílio do método marxista e as interpretações das leis da história podem conter inexatidões, erros, mas nada disso invalida o marxismo. As conclusões teóricas têm de provar seu acerto na experiência.

Por tudo isso, precisamos do método marxista para analisar devidamente o que está ocorrendo nos países onde regem os Estados operários degenerados. A importância está em que não nos limitaremos na análise do que está ocorrendo agora, mas sim assinalaremos as linhas fundamentais de seu futuro desenvolvimento.

## Não se modificou a estrutura econômica e social

Haveria algum sentido a demanda de uma nova concepção teórica – como pretendem alguns – ou do abandono de toda teoria, caso houvesse a mudança radical da estrutura econômica da sociedade, de sua base, e, portanto, de sua estrutura social.

A vitória da contrarrevolução no chamado “mundo socialista”, isto é, da grande propriedade privada, no marco da afirmação da economia mundial, será – assim o dizem os propagandistas a serviço da reação – a vitória do capitalismo, de sua estrutura econômica, analisada pela ciência, pelo materialismo histórico, do século XIX até agora.

A estrutura econômica da sociedade foi se modificando quantitativamente sob o impulso da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção – propriedade privada dos meios de produção – modificação traduzida nas inovações tecnológicas, sobretudo. O que é preciso compreender é que essas modificações, sob o capitalismo, colocam, em certo nível, as modificações qualitativas, o salto e desenvolvimento da propriedade social, que é a revolução social. Esse processo continua de pé, apesar da derrocada de todo o estalinismo, da vitória da contrarrevolução, da restauração do capitalismo. Se observamos a experiência da revolução burguesa, compreenderemos que se trata de um retrocesso, de um momento difícil, de um acidente dentro do processo de transformação do capitalismo em



comunismo. É tão certo isso que os grandes teóricos revolucionários se referiram já, quase imediatamente após a revolução de Outubro de 1917, a essa possibilidade, que não significa a derrota total e definitiva do processo de transformação radical da sociedade burguesa, mas um momentâneo retrocesso, a perda de uma batalha, mas não da guerra entre o proletariado e a burguesia, entre a revolução e a contrarrevolução.

A contradição fundamental na estrutura econômica da sociedade, agudizada ao extremo nesses dias de impressionante derrocada do estalinismo, da burocracia termidoriana, como demonstra a crise estrutural do capitalismo que atravessamos, continua se projetando, de maneira necessária, na divisão classista da sociedade, polarizada nas classes antagônicas – necessariamente em luta – que são o proletariado e a burguesia. A classe operária contemporânea – não proprietária dos meios de produção, ainda que se amplie o universo dos pequenos acionistas das grandes empresas – encarna, como ocorria já no início das forças produtivas, as leis da história sobre a inevitabilidade e definitiva destruição do capitalismo. A burguesia continua movimentando-se dentro das leis da maior concentração da riqueza e da exploração, afirmando seu predomínio mundial por cima das fronteiras nacionais. Nenhuma das classes antagônicas da sociedade foi substituída em seus papéis protagonistas por outras classes ou camadas sociais. É a persistência da contraditória estrutura econômica que determina – como algo inevitável – a luta de classes, que decide todas as transformações quantitativas e qualitativas da sociedade atual. É preciso levar em conta que estamos vivendo os dramáticos episódios da transformação do capitalismo em comunismo, os momentos difíceis e transcendentais do nascimento de um novo mundo, do parto descomunal da história. Nesse parto, está ocorrendo uma catástrofe, a nova sociedade não consegue se afirmar com seus próprios pés e pode dar lugar a que se afirme o predomínio momentâneo da velha sociedade.

É nesse sentido que se pode falar, com toda propriedade, que estamos vivendo os dias do Termidor, da reação – certamente que episódica e momentânea – dentro da revolução, do retrocesso, do retorno a certas formas do capitalismo.

### **Derrota definitiva do marxismo ou da burocracia estalinista contrarrevolucionária**

A contradição fundamental na estrutura da sociedade, a luta de classes, em certo momento, determinaram que o crescimento quantitativo das forças produtivas se transformasse em salto quantitativo, assim foi a revolução de 1917, que abriu a perspectiva segura para o comunismo.

A revolução tem suas próprias leis e avança contraditoriamente por meio de avanços e retrocessos. Uma etapa se apoia e nega a anterior, não se move em linha reta e, pode-se dizer, que as depressões, as derrotas parciais, se inscrevem de maneira necessária em seu percurso.

Em nossa época do capitalismo, do predomínio da economia mundial, do capital financeiro ou imperialismo, a revolução aparece necessariamente dentro das fronteiras nacionais, em sua forma, mas seu verdadeiro conteúdo, sua essência, é a de transformar-se em internacional. O comunismo somente pode ser universal, se estruturar como pátria universal. A ditadura do proletariado – etapa necessária e inevitável na transição do capitalismo ao comunismo – é o Estado operário, chamado a desenvolver acelerada e poderosamente as forças produtivas de maneira que possa assegurar o desaparecimento das classes e do próprio Estado como administrador dos homens – pode endurecer-se como aparato estatal chamado a processar todos os recursos da sociedade para o descomunal desenvolvimento das forças produtivas. O Estado operário, na medida em que cumpre seu destino, vai criando e afirmando as condições de seu desapare-

cimento. Não poucos desejam tudo isso em utopia e agora nos dizem que vivemos o fim do sonho milenário. Sem dúvida, fará com que o motor que explica a existência e desenvolvimento da sociedade – as forças produtivas – tornará inevitável, em certo momento, a extinção das classes sociais e, portanto, do Estado, que sempre é opressor e que sempre expressa as desigualdades sociais, como consequência das desigualdades e injustiças econômicas.

A revolução russa ficou isolada devido à derrota da primeira e poderosa onda transformadora que seguiu Outubro de 1917, o que levou o relativo fortalecimento do capitalismo mundial. Ao mesmo tempo, as dificuldades próprias da revolução russa, a quase paralisação de seu aparato produtivo, obrigou a fazer concessões ao capitalismo – isso foi a NEP –, a retificar alguns passos apressados que foram dados no plano econômico, o que permitiu o fortalecimento

---

“ *O aparato de funcionários do Partido e do Estado, a burocracia de todos os dias, se transformou em uma camarilha a serviço do inimigo de classe, do capitalismo, ligada e consolidada ao redor dos privilégios que a permitia o manejo da propriedade estatizada. Por isso, além de desenvolver uma política a serviço do imperialismo – o que a obrigou a revisar fundo a teoria marxista, bolchevique – se viu obrigada a defender as conquistas da revolução, os germes da sociedade comunista.*

---

das tendências reacionárias na pátria da ditadura do proletariado. A revolução não significa a anulação da luta de classes, ou melhor, seu destino depende das vicissitudes destas lutas.

Em seu empenho, a reação, cuja expressão mais nítida é o capitalismo monopolista, reagiu poderosamente sobre o processo revolucionário, procurando deformá-lo e destruí-lo, projetando-se em uma camada da própria classe operária revolucionária, do Partido Bolchevique, do Estado maior do exército dos trabalhadores. O aparato de funcionários do Partido e do Estado, a burocracia de todos os dias, se transformou em uma camarilha a serviço do inimigo de classe, do capitalismo, ligada e consolidada ao redor dos privilégios que a permitia o manejo da propriedade estatizada. Por isso, além de desenvolver uma política a serviço do imperialismo – o que a obrigou a revisar fundo a teoria marxista, bolchevique – se viu obrigada a defender as conquistas da revolução, os germes da sociedade comunista. Esse papel duplo, contraditório, acabou sendo superado e agora aparece como o instrumento que diretamente maneja o capitalismo para destruir os fundamentos econômicos do Estado operário. Esse é o papel que cumpre a Perestroika de Gorbachov.

O proletariado dos países do Leste europeu e de todo o mundo se quer ser livre tem de conquistar o comunismo e, para que isso seja possível, sua tarefa inadiável do momento é defender os germes econômicos da nova sociedade, que emergem do processo revolucionário – estatização dos meios de produção, economia planificada, controle estatal do comércio exterior, fazendas coletivas – impulsionar a revolução internacional, por isso tem de derrotar a burocracia e recuperar o controle estatal para a política proletária, que supõe a democracia operária e o pluripartidarismo das expressões ideológicas dos explorados.

*La Paz, 27 de janeiro de 1990 - Guillermo Lora  
(Extraído de La Colmena, nº 314, 28 de janeiro de 1990)*

Faz dois anos que Leon Trotsky foi assassinado

## Stalin é o assassino de Trotsky

Guilherme Lora, 20 de agosto de 1942

Leon Trotsky, dirigente, juntamente com Lênin, da Revolução Russa, morreu na cidade do México no dia 21 de agosto de 1940, vítima de uma agressão brutal desfechada por um assassino da GPU. Lutou contra a morte durante 26 horas, depois que o assassino, a mando de Stalin, golpeou seu cérebro com uma picareta de alpinista.

Foi sua última batalha. Mas não se entregou à morte até não ter acusado o monstro do Kremlin como planejador de seu assassinato. Não se entregou até que, em suas últimas palavras, insistiu em transmitir, antes de perder o sentido, a bandeira da IV Internacional aos homens e mulheres, por meio da qual os tinha reunido em várias partes do mundo em torno do Partido Mundial da Revolução Socialista.

“Diga a nossos amigos” – concluiu – “que estou seguro da vitória da IV Internacional. Avante!”

Enquanto caía sob os golpes mortais do assassino da GPU e quando seus Secretários, guardiães armados, se lançaram sobre o assassino, Trotsky gritou, repetidas vezes, “- deixe-o viver”. Não por bondade, mas para assegurar a possibilidade de que o assassino dessas informações adicionais, que ajudassem a condenar o Caim do Kremlin aos olhos da classe operária mundial.

A GPU de Stalin, inquestionavelmente, recorreu ao desesperado plano e obrigou a um de seus serviços a matar Trotsky. Estava claro que o assassino não teria como cometer o crime e conseguir fugir. Isso porque em maio já havia fracassado um atentado contra a vida de Trotsky.

O poder ilimitado da GPU sobre suas criaturas se manifestou quando o assassino, ao ser agarrado pelos guardas, depois do ataque, disse: “*me obrigaram a fazê-lo. Caso contrário, teriam matado minha mãe*”. Não foi possível, posteriormente, arrancar-lhe nenhuma informação sobre o paradeiro de sua mãe. Depois de recuperar a tranquilidade, passou a representar o papel que a GPU lhe havia prescrito.

Para justificar o crime de Stálin, o assassino foi instruído a dizer que tinha “rompido com Trotsky”, quando este lhe pediu que fosse à Rússia cometer “atos de sabotagem”. Uma farsa absolutamente impossível, uma vez que todo aquele que conhece a política marxista sabe que tais métodos são estranhos a Trotsky e a IV Internacional. O arsenal de Stalin se reduziu a tais argumentos absurdos, para ocultar de onde vinha a arma do assassino.

Jacques Monard – a mando da GPU-, com sua arma escondida em suas roupas, foi à casa de Trotsky às 5:30 horas da tarde, de 20 de agosto. Encontra-se com Trotsky, no pátio, perto do galinheiro, onde diz que tinha escrito um artigo e queria um conselho. Trotsky convidou Monard a ir até o escritório, sem avisar seus seguranças. A primeira indicação de que ocorria algo de ruim veio dos terríveis gritos e da violenta luta de Trotsky com o assassino. Os dois seguranças, mais próximos, correram até a cozinha que ficava próxima ao escritório de Trotsky. Deparam-se com Trotsky com o rosto banhado de sangue. Um dos guardas – José Hansen – dominou o assassino, derrubando-o com um golpe. O outro ajudou Trotsky a deitar-se sobre o piso. Aparentemente, o assassino esperava que Trotsky caísse inconsciente no primeiro golpe da picareta de alpinista. No entanto, Trotsky reagiu e lutou enquanto recebia repetidos golpes na cabeça e na garganta.

Trotsky acreditou que o primeiro golpe tinha sido um tiro, disse a Hansen: “*me feriram com o revólver. Estou seriamente ferido. Creio que desta vez é o fim*”. Hansen procurava convencer-lhe de que era uma ferida superficial. Trotsky não se deixava convencer. “Não” – disse -. “Eu sinto aqui - mostrando o coração -, que desta vez triunfaram”.

### Sua preocupação final

Trotsky, em seus últimos momentos de vida, não se preocupou com o êxito de Stálin em assassiná-lo, mas com o que deveria ser feito por aqueles a quem pediu que levassem adiante a bandeira da IV Internacional.

No hospital, perguntou a Hansen se tinha uma caderneta para anotar uma declaração que continha dois pontos: uma acusação - “*Estou perto da morte, ferido por assassino político*”; e uma conclusão: “*Diga a nossos amigos que Eu estou convicto da vitória da IV Internacional. Avante!*”

Suas últimas palavras foram as de um lutador, exortando que seus seguidores continuassem a luta. Assim era León Trotsky!

*Declaração do Partido Operário Revolucionário, divulgada de La Paz, em 20 de agosto de 1942  
(Extraído das Obras Completas, tomo I, 1942-1947, Guilherme Lora)*

## Algumas considerações sobre o reformismo

Guilherme Lora, julho de 1990

### 1. A quem nos referimos?

São muitos os partidos que se reivindicam de esquerda e até da revolução. No programa – em que aparece o objetivo estratégico, ou o objetivo último –, e que se permite identificar o que é o partido, classificá-lo como de esquerda, de direita, revolucionário ou não. Entre nós, é frequente o caso de partidos sem programa, que se movem somente com alguma plataforma eleitoral, ou uma ou outra proposta ocasional. Nesse caso, estamos obrigados a procurar em seus atos e em suas palavras os traços do objetivo.

Movemo-nos dentro da sociedade capitalista. Por isso, a referência obrigatória para saber se um partido político é ou não revolu-

cionário consiste em se se volta a destruir, conservar ou reformar a grande propriedade privada dos meios de produção. A destruição ou conservação da propriedade privada pressupõe superar a contradição fundamental que se dá na base econômica estrutural, ou melhor, se mover dentro de tal contradição. A simples reforma da grande propriedade não significa senão atenuar a mencionada contradição, que é uma forma de conservá-la.

Dentro da ampla gama da esquerda, encontramos partidos que se propõem a remendar o envelhecido traje do capitalismo, reformá-lo, para que se torne aceitável a todos, melhor do que o de agora; que revisam as colocações fundamentais – revolucionárias – do marxis-

mo. A estas tendências há que considerá-las à luz da luta de classes, que não é mais do que a expressão social da contradição fundamental que tem lugar na estrutura econômica da sociedade.

De maneira geral, chama-se esquerda a tendência política que adota posições mais extremas, mais radicais, dentro do programa de um partido, que pode ser conservador, burguês reacionário, etc. Os partidos reacionários, burgueses, nacionalistas, centristas, revolucionários, geralmente, têm em seu seio tendências de esquerda e de direita. Em outras palavras, um partido que se coloca à esquerda em relação a outro, nem sempre é revolucionário.

Nesse momento, levemos em conta os partidos que estão colocados mais à esquerda que as organizações burguesas, nacionalistas, fascistas ou democratizantes, extremamente conservadoras ou progressistas.

Na presente análise, temos o MBL, numerosos PS-1, o PCB e suas cisões, os partidos indigenistas, o Eje, os componentes da Esquerda Unida, o partido federalista, etc.

Quando a situação revolucionária tende a se modificar para uma francamente revolucionária, os centristas e reformistas vivem seu pior momento, são virtualmente pulverizados, pelo impulso das massas, pela extrema polarização da luta de classes. No entanto, voltarão a renascer uma ou outra vez. A burguesia precisa deles para poder levar adiante seu plano de destruição das tendências revolucionárias e radicais, que ameaçavam estrangular sua base estrutural, a grande propriedade privada dos meios de produção.

O reformismo, em suas múltiplas manifestações, é instrumento e ponto de apoio das classes dominantes, da burguesia. Funciona como um canal, por meio do qual a política burguesa chega até o seio das massas exploradas e oprimidas. Às vezes, torna-se imprescindível para o objetivo de submetê-las, de imobilizá-las e silenciá-las. O fascismo, a extrema direita da burguesia, utiliza o reformismo para apoiar-se, para atuar nas entranhas dos explorados e chegar ao poder; mas, depois não terá outro remédio, senão esmagar as tendências “esquerdizantes” moderadas, parlamentares e legalistas.

Constitui um exemplo o que está ocorrendo na Bolívia. A radicalização das massas, a polarização da luta política entre a reação burguesa (Gun) e o POR (política revolucionária do proletariado) dizima as fileiras do reformismo democratizante, atingindo, em maior medida, este ou aquele partido. Apesar disso, o reformismo continua servindo à reação, ao oficialismo, ao empresariado e ao imperialismo. Após a sua vitória, o fascismo se apressará em esmagar os reformistas, supondo que possam incentivar as massas, e segui-las em sua radicalização.

A luta de classes coloca a possibilidade de que essa contradição se resolva pelo caminho da vitória do movimento revolucionário, do estabelecimento da ditadura do proletariado. Não há lugar para que o reformismo possa transformar-se no eixo de uma nova sociedade. O parlamentarismo se explica como um dos elementos que garante a perpetuação do capitalismo, mas não como o instrumento que possa permitir a superação da ordem social imperante.

## 2. O que o reformismo e o revisionismo defendem

Dissemos que o reformismo procura reformar, melhorar e democratizar o capitalismo, acreditando que, assim, favorecerá a maioria da população e também ao proletariado. É gradualista porque afirma que, pouco a pouco, por meio de reformas e mais reformas, seguindo o caminho parlamentar, a sociedade capitalista mudará substancialmente de fisionomia. Se se atenua mais e mais a exploração da clas-

se operária – um dos aspectos essenciais do capitalismo – poderia chegar-se a eliminá-la. Tudo isso serve para justificar a tese de que o capitalismo como sistema social está obrigado a perpetuar-se, na condição de que vá melhorando gradualmente.

A evolução e transformação da sociedade se encarnariam nos grandes avanços da democracia formal, ao extremo de transformar em anacrônicas a luta de classes e a revolução. O revolucionário já não precisaria conspirar, mas aperfeiçoar a democracia no marco da cooperação das classes sociais, até ontem antagônicas.

Dessa forma, é claro que a ação direta das massas em múltiplas manifestações se tornaria algo anacrônico e inútil, impróprio da nova época em que se vive. O que é necessário é transformar o objetivo estratégico da luta, firme e constante, por aperfeiçoar ainda mais o parlamentarismo, por efetivar a pureza do sufrágio universal. A luta nas ruas estaria a mais, e seria prejudicial por obstaculizar o normal e favorável funcionamento do parlamento e da própria democracia.

Os reformistas falam da “democracia” em geral e se declaram partidários incondicionais da ficção jurídica de que todos são iguais diante da lei – diante do voto – e se empenham em identificar “democracia” com justiça social, com a superação da luta de classes.

Toda democracia tem sempre um conteúdo de classe. A democracia formal é a forma de governo mais elevada da burguesia. Essa democracia é para a minoria proprietária do poder econômico e político, mas é uma ditadura – cuja dureza depende do país, de seu grau de riqueza – para a maioria nacional, para os trabalhadores e para os explorados.

A democracia operária – sobre a qual se levantará a ditadura do proletariado, o governo operário-camponês –, que parte da democracia direta, e que serve de norma organizativa

aos sindicatos e às organizações de massa, será, pela primeira vez, a democracia para as massas, e a negação dela para a minoria burguesa.

Falar de democracia em abstrato é uma maneira de colocar de contrabando a democracia burguesa, ou a ditadura sobre as massas.

O revisionismo vai de braço dado com o reformismo, e um se apoia no outro. O revisionismo foge da revolução e, ao soldar-se com a democracia, com a moderação colaboracionista da socialdemocracia, acaba se submetendo ao regime social burguês, trabalhando para que sobreviva.

Chama-se, assim, porque revisa os argumentos fundamentais – revolucionários – do marxismo-leninismo-trotskyismo. Reformismo e revisionismo acabam no chamado “socialismo-democrático”. Os revisionistas também prestam tributo à democracia formal.

Desde a época dos clássicos – Marx e Engels – os revisionistas colocaram em dúvida a vigência da via insurrecional para chegar ao socialismo; desde então, se inclinaram em favor do gradualismo parlamentar. Desconheceram que a revolução é o salto de quantidade para qualidade. Assim, chegaram à defesa da pátria – das grandes metrópoles capitalistas – e do ministerialismo, ou seja, da participação dos supostos revolucionários nos governos burgueses. A II Internacional ou socialdemocracia percorreu esse caminho, para acabar como ponta de lança do capital financeiro europeu. O Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR) está dentro da Internacional Socialista.

Outros revisionistas negam a vigência científica da dialética, e consideram que Marx teve o pecado juvenil de seguir as pegadas da dialética de Hegel, como afirmou Althusser. Os revisionistas acabam, obrigatoriamente, como antidialéticos, porque, de outra maneira, não poderiam explicar como a contradição fundamental na estrutura econômica – que

socialmente reflete como luta de classes – pode levar ao gradualismo reformista, e não ao salto dialético da quantidade em qualidade.

O revisionismo-reformista, encarnado na burocracia estalinista, inventou o “socialismo em um só país”, que significou fechar a porta à premissa marxista fundamental da revolução internacional – consequência do caráter mundial da economia capitalista e do próprio proletariado – transformar a Internacional Comunista do Partido Mundial da Revolução Socialista em organização chamada a assumir a política internacional contrarrevolucionária do Kremlin. É preciso acrescentar o “descobrimto” da “revolução por etapas”, que afirma que, nos países atrasados, somente é possível a revolução democrático-burguesa, isso devido ao pouco desenvolvimento de suas forças produtivas – que supõe uma concepção antimarxista da economia mundial – e que, somente depois do amplo crescimento da industrialização, portanto do proletariado, poderá se colocar a revolução socialista. Entre uma e outra media todo um período histórico. Na revolução democrática, seria incorreto lutar pela ditadura do proletariado, somente podem formular-se variantes do governo burguês, atrás do rótulo de “popular”, “democrático”, “patriótico”, “anti-imperialista”, etc.

### A “teoria” das várias vias que conduzem ao socialismo acabam defendendo o parlamentarismo e renegando o caminho insurrecional.

A “coexistência pacífica” entre o imperialismo e socialismo, e a frente popular – descomunal deformação da frente anti-imperialista nos países atrasados -- levam ao colaboracionismo classista. A burocratização do Estado operário e do partido bolchevique significou arrancá-los das mãos da classe operária, e submetê-los aos interesses da contrarrevolução.

O reformismo revisionista estalinista culmina na Perestroika, que propõe e percorre o caminho da restauração capitalista, da imposição da democracia burguesa, da submissão e do apoio à política do imperialismo.

É explicável que os reformistas e revisionistas – desde o MBL até os partidos centristas, passando pelos PS-1, o nacionalismo, etc. – se declaram partidários de Gorbachov e formulam a “teoria” de que, nesta época de grandes mudanças, do “fim da história”, como se diz lá do Departamento de Estado dos Estados Unidos, já não é possível empunhar o marxismo – sectário, dogmático, congelado, superado pelos grandes avanços da democracia – e muito menos a insurreição, a luta nas ruas, que chegou a hora da modernização para todos e, em primeiro lugar, para os “socialistas”.

Muitos dizem que é preciso colaborar e lutar junto com os reformistas e revisionistas, a fim de ganhá-los, de transformá-los em revolucionários. Não se compreende que, entre eles e os revolucionários, há uma diferença fundamental no conteúdo de classe de seus programas. Os reformistas desenvolvem uma política burguesa de preservação da grande propriedade privada; os revolucionários, contrariamente, procuram destruir o capitalismo. Somente a desintegração do reformismo – coisa que está ocorrendo – permitirá que alguns grupos, depois de uma severa autocrítica de seus programas, cheguem à trincheira revolucionária.

Os centristas, localizados entre o reformismo e o programa revolucionário, acabam confundindo-se com o reformismo revisionista e servindo à burguesia. Devem também ser submetidos à nossa dura crítica.

*Guilhermo Lora - (Extraído de La Colmena, nº 372, de 10 de julho de 1990)*

## Causas do isolamento de Cuba

# A política do castrismo não é revolucionária

*Guilhermo Lora, agosto de 1993*

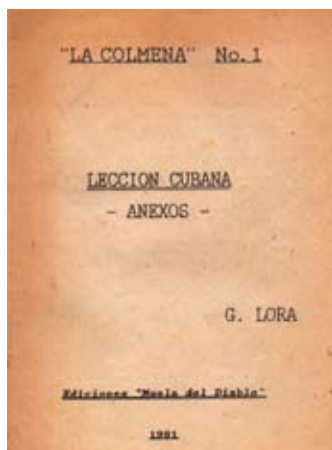
### Consequência do foquismo

Cuba se encontra tragicamente isolada, agonia sob as garras do imperialismo, que prepara cuidadosamente sua derrocada. Seu isolamento é o resultado dos graves erros, políticos cometidos pelo castrismo ao longo de sua existência. Ninguém ignora que é no campo político onde se pagam todos os equívocos.

Inicialmente, quando o castrismo pretendeu se consolidar politicamente, recorreu à tática foquista, uma deformada generalização da experiência cubana. Ao analisar essa tática, não se pode limitar a aplaudi-la, com o pretexto de que implica o sacrifício das vidas por um objetivo político.

O foquismo é uma tática equivocada porque se pratica às costas das massas, procurando substituí-las por meio de um grupo elitista muito bem apetrechado e treinado. O foquismo se entrelaça com o terrorismo individual, que pretende resolver os problemas sociais e políticos com a ajuda da eliminação física de alguns importantes personagens. A revolução social não se concretiza com assassinato de determinados líderes. Busca a destruição do poder econômico da burguesia.

A revolução é luta de classes, isto é, das massas, que são maioria, contra a minoria burguesa. A tática foquista se equivoca porque ig-



nora essa realidade.

O foquismo guevarista fracassou no Continente, afastando-se do método da revolução proletária e desconhecendo as relações de força, como se fosse uma luta entre o gato e o rato.

### Etapa estalinista do castrismo

Procurando apoio material, o castrismo se jogou, primeiro, nos braços do maoísmo e, mais tarde, da burocracia do Kremlin. Não importam as motivações materiais, o que conta, essencialmente, é a evidência de que o castrismo se tornou estalinista. Convenceu-se da possibilidade da existência do socialismo em um só país e da evidência de que nos países atrasados correspondia

aplicar a revolução por etapas.

Assim, deliberadamente, o castrismo foi trabalhando para consolidar seu isolamento do movimento revolucionário internacional. Como já é tradicional no estalinismo, Havana não fez nada para impulsionar a revolução mundial.

### Sua política atual

Não poderia ser de outra maneira, o afundamento do estalinismo internacional debilitou Cuba ao extremo. Tendo perdido o apoio da Rússia e do COMECOM, se bate na impotência. Não existindo a ajuda

econômica da Rússia, Havana dobra-se diante do “pensamento latino-americano”, e busca desesperadamente o apoio material e diplomático dos governos burgueses do continente.

Seguindo o exemplo chinês, agarra-se à tese nada leninista do “governo ditatorial de um só partido”. A ditadura do proletariado é a privação de garantias para a burguesia e seus agentes, mas ampla democracia para as massas exploradas e oprimidas sob o capitalismo. Por isso, pressupõe a presença em a atuação das expressões mais diversas do pensamento político da maioria.

O castrismo também segue as marcas de Pequim na abertura da economia de mercado, na invasão do capital financeiro, do imperialismo. Foi decretada a legalização da posse de dólares e, inclusive, se chegou a permitir que empresas estrangeiras explorem o petróleo.

Por esse caminho, em Cuba – como já ocorre na China – se acen-

tuarão as diferenças econômicas e sociais, com o surgimento de uma minoria enriquecida, inclinada ao capitalismo e uma grande massa extremamente pobre. Os setores aburguesados se converterão em canais pelos quais o capitalismo atuará, em seu empenho de pôr fim ao castrismo.

Confirmando o anterior, Castro acaba de afirmar que Cuba mudará o modelo econômico, o que significa o anúncio de que impulsionará a extremos insuspeitáveis a economia de mercado, e fará o possível para se afastar de toda forma do socialismo. Como no caso da Perestroika, afirmamos agora que a política do castrismo nada tem a ver com a estratégia e a tática revolucionárias, que constitui um caminho equivocado, que leva à derrota.

*(Extraído de “La Comena”, nº 861, agosto de 1993)*

## Lições da tragédia chilena

No Chile, triunfou um sangrento golpe fascista, protagonizado pela direita desse país. Os jornalistas de tendências mais diversas estão mergulhados na vaga discussão acerca do número de vítimas do massacre, planejado cuidadosa e friamente pelos comandos militares. O importante é assinalar claramente que, segundo palavras dos generais usurpadores do poder, se decidiu pelo fuzilamento de todos aqueles que portassem armas, que colocassem resistência ou que fossem considerados extremistas. Com sanha, perseguem-se os revolucionários, para exterminá-los fisicamente e isso de forma pública. Os jornais do continente e mesmo do Chile registram todos os dias notícias acerca da sumária execução de “extremistas” ou “comunistas”. Já sabemos que a direita de todos os rincões aplica os qualificativos de “comunistas” ou “extremistas” a todos os descontentes com o regime, a todo movimento operário.

A direita chilena inscreveu em seu programa como ponto fundamental a “extirpação do marxismo” (fuzilamento de todo esquerdistas), porque considera que assim se poderá tirar do apuro a debilitada economia. A solução fascista é simples: destruir a área social, devolver as fábricas aos empresários e abrir as portas do país à voracidade imperialista. O correspondente informa que muitos dos grandes consórcios estudam seu retorno ao território chileno, para voltar a fazer parte dos setores fundamentais da economia e decidir na política. A Democracia Cristã, depois de conquistar legalmente o poder, não poderia dar semelhante passo para trás. Destruir os avanços do “capitalismo de Estado”, para alentar a iniciativa privada, a isso se reduzem as promessas de reordenamento da economia. Para justificar semelhante retrocesso, disse que as empresas estatizadas tinham de ser financiadas pelo Banco Central e que esta era a causa fundamental da ruína econômica do Chile.

O golpe direitista no Chile fortaleceu as posições contrarrevolucionárias em todo o continente e no mundo inteiro. Não se trata somente de que os fascistas chilenos tenham sido ajudados econômica e tecnicamente pelo imperialismo norte-americano, mas também que o governo dos generais se converteu, imediatamente, em um dos agentes da política de exploração e dominação de Wall Street. As investigações no parlamento norte-americano a respeito estão destinadas a diluir-se em palavreados.

Na mesma medida, se debilitou a frente revolucionária. A derrota no Chile é nossa própria derrota e nós bolivianos já notamos como Banzer e sua camarilha se sentem mais fortes. A direita latino-americana, como instrumento da reação nacional e do imperialismo,

recebeu uma poderosa injeção. Inclusive na Argentina, onde os direitistas não tiveram outro remédio a não servoltar a seus quartéis, depois de um desgaste político tremendo, a reação castrense começou a mover-se ameaçadoramente.

O golpe reacionário afogou em sangue os movimentos operário e de esquerda. Colocou à margem da lei os partidos marxistas e demonstrou a decisão de esmagar os sindicatos por muito tempo. A violência estatal centrada sobre esses objetivos se chama fascismo.

Pinochet e companhia anunciaram sua determinação de modificar a Constituição Política do Estado dentro dos alinhamentos fascistas, dentro do corporativismo no qual estarão representados os sindicatos e as atividades econômicas, etc.

Os generais têm dito com toda clareza que permanecerão no poder todo o tempo que seja necessário, para criar um novo Estado e que não será outro senão o totalitário.

Essas transformações, inconfundivelmente reacionárias, somente puderam ser anunciadas e poderão ser iniciadas em sua realização depois da descomunal derrota sofrida pela revolução chilena, depois do esmagamento das forças de esquerda e do movimento operário.

Uma clara caracterização do novo regime facilitará a luta contra ele, luta que, obrigatoriamente, tem de empreender-se nas condições difíceis da clandestinidade.

Como consequência de todo o desenvolvimento político anterior, a direita chilena, que no primeiro momento se apresentou como um bloco homogêneo, mostra já profundas fissuras. As contradições e lutas entre os diversos grupos direitistas e pró-imperialistas se refletirão sobre a conduta futura das forças revolucionárias.

A ultradireita, apresentada pelo Partido Nacional, parece que melhor se acomoda às exigências extremas do militarismo. É já o suporte civil do governo estruturado com elementos da alta hierarquia castrense.

A Democracia Cristã, colocada em situação extremamente crítica, apesar de seu tão apregoados apego à lei, à Constituição e ao sufrágio, não tem tido a capacidade suficiente para definir com clareza sua posição de repúdio ao golpismo militar. Isso porque, em última instância, se confunde com as posições direitistas e pró-imperialistas dos generais. No entanto, assinalou seus desejos de capitalizar as vantagens do golpe e de não perder a possibilidade de converter-se em governo constitucional. Nessa medida, é possível apalpar as divergências e contradições entre o Partido Democrata Cristão e o militarismo. O dirigente do partido democrata-cristão tem dito que o

*Guillermo Lora, outubro de 1973*

governo atual é transitório e que não pode ficar vigente mais do que dois anos e que, portanto, não pode impor modificação nenhuma à Constituição, por ser esta uma atribuição própria do povo, etc..

Pode-se prever que a Democracia Cristã se esforçará em aumentar seu capital político fazendo tímidos reparos aos excessos daqueles que estão dispostos a recorrer aos militares para conter o povo chileno. Disfarçar-se-á com roupagem democrática para capitalizar o descontentamento, que, necessariamente, provoca as arbitrariedades do oficialismo. Abriga a esperança de que a ilegalidade dos partidos marxistas a permita converter-se em direção das massas exploradas, essa é uma ilusão que logo se esfumará.



“ *A classe operária e os revolucionários têm de chegar ao convencimento da impossibilidade de transformar a atual sociedade em socialista dentro dos moldes da lei e do Estado burguês. A via chilena fracassou catastroficamente e seu fracasso foi marcado pelo golpe dos fascistas uniformizados.* ”

No polo da esquerda, o MIR está seguro que chegou sua hora, em que pese que, durante o golpe militar e imediatamente depois, demonstrou a ineficácia de seus métodos foquistas de luta. Presunçosamente, os miristas disseram, até o cansaço, que seriam eles os que impediriam o triunfo de um golpe de Estado. Se durante o período de legalidade conseguiram aproximar-se das massas e penetrar em alguma medida no seu seio, nas novas circunstâncias políticas retornarão a sua forma clássica de organização e de luta: pequenos grupos de gente armada, atuando às costas das massas e com a intensão de substituí-las.

Grandes setores do heterogêneo e depreciado Partido Socialista, girando ao redor do MIR, se converteram no canteiro de onde se extraíam seus ativistas. O futuro imediato estará coberto de ações terroristas e de foquismo nas zonas agrárias, apesar da severidade com que serão tratados pelos militares. Assim, o MIR fará o seu retorno a seu verdadeiro eixo: a utilização da violência não revolucionária. Este ativismo suicida contribuirá a desorientar as massas e a submergi-las na inatividade momentânea. A verdade é que, por esses caminhos tortuosos, não poderá construir-se o partido revolucionário.

O Partido Comunista voltará a viver a vida da ilegalidade e vegetará ali, esperando que novamente renasça o sol da legalidade. Demonstrou até a saciedade seu direitismo e sua condição contrarrevolucionária. A severa crítica dos acontecimentos chilenos pode contribuir para orientar as bases comunistas contra sua direção burocratizada.

A imprensa e o rádio de todo o mundo estão dominados, pelo menos no momento, pelo impressionante aparato publicitário estalinista, que, desgraçadamente, se limita a lançar palavras e palavras que impedem de ver as verdadeiras causas da descomunal tragédia chilena. O estalinismo reduz a uma simplicidade todo o problema:

os golpistas, apoiados pelo imperialismo, cometeram o crime de destruir pela força um Presidente saído das eleições democráticas e limpas – a democracia foi ultrajada.

A tese anterior nos levaria à conclusão de que toda democracia e a vontade popular não são nada diante de uma espada desembainhada. Aqueles que, tão teimosamente, se apegam às fórmulas e à democracia formal, estão organicamente incapacitados para poder explicar as causas da derrota chilena.

A classe operária e os revolucionários têm de chegar ao convencimento da impossibilidade de transformar a atual sociedade em socialista dentro dos moldes da lei e do Estado burguês. A via chilena fracassou catastroficamente e seu fracasso foi marcado pelo golpe dos fascistas uniformizados.

O colaboracionismo classista, convertido em coluna vertebral do frente-populismo da Unidade Popular, conduz invariavelmente à derrota, isso porque são incapazes de destruir econômica e politicamente a direita e os setores ultrarreacionários.

O governo Allende, colocado em difícil situação pela investida multitudinária direitista e pela incapacidade de apoiar-se decididamente na mobilização revolucionária das massas, não encontrou outra saída senão apoiar-se mais e mais na alta hierarquia castrense; assim, se converteu em seu prisioneiro e permitiu que os generais se transformassem nos árbitros da política. Estavam dadas as condições para que o exército pudesse destruir o Presidente Constitucional, quando achasse que momento havia chegado, e esse momento chegou em 11 de setembro de 1973.

A primeira e maior lição da tragédia chilena, por ser a tragédia das massas e do proletariado, deve ser tomada muito a sério. A “via chilena”, isto é, a tentativa de fabricar uma sociedade socialista com ajuda das leis e do Estado burgueses conduz, inevitavelmente, a trágicas derrotas. A Frente Popular e o colaboracionismo classista do estalinismo não destruíram a reação, mas sim permitiram o fortalecimento crescente das tendências fascistas.

Para alcançar o socialismo, não há senão a via revolucionária, isto é, a revolução feita pelas massas e que permite a destruição das bases econômicas da burguesia, a estatização dos meios de produção (algo diferente do simples capitalismo de Estado, dirigido por governos burgueses ou pequeno-burgueses) e a planificação da economia.

O fortalecimento do MIR ocasionou sérios prejuízos à revolução chilena e esse fortalecimento se deveu e se deverá, no futuro próximo, à virtual ausência de um partido revolucionário da classe operária no Chile. Forjar esse partido implica ajudar as massas a passar politicamente por cima de suas direções tradicionais: o Partido Comunista e o Partido Socialista. Isto só pode se alcançar se se realizar uma severa crítica da experiência chilena, se se assinalar com toda clareza as causas da derrota, se se colocar às claras a verdadeira natureza do aventureirismo mirista, do colaboracionismo do estalinismo e do centrismo do Partido Socialista.

No momento da queda de Allende, se mostrou com toda sua dimensão a inutilidade do aventureirismo mirista e do “pacifismo” oportunista do estalinismo. Allende, em seu desespero, havia convocado as massas para que ocupassem as fábricas. Mas não ordenou a greve geral política contra o golpismo. Um dirigente trabalhista estalinista teve o cinismo de pedir a calma e a cooperação com os novos amos da situação. A greve política, no caso de estourar e permanecer, teria de projetar-se para a insurreição e para a tomada do poder pelo proletariado, conforme ensina a amarga experiência uruguaia e a boliviana, que em outubro de 1970 derrotou o triunvirato militar. Nada disso ocorreu e os franco-atiradores, que só podem ter importância como elemento auxiliar, ficaram suspensos no vazio. Não esteve presente o partido revolucionário capaz de assinalar o caminho correto.

A luta no Chile contra o golpismo é muito dura, mas não impossível. Os revolucionários têm de aprender a trabalhar na clandestinidade e realizar suas tarefas frente a uma classe operária dispersa e desmoralizada. Não em vão, o governo considerado como seu se quebrou e suas velhas direções se afundaram, que para ela era a encarnação da direção revolucionária.

A luta contra o golpismo tem de realizar-se muito longe do aventureirismo irresponsável do Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR), que está convencido de que uma potente bomba equivale a todo o poder revolucionário – por algum tempo adormecido – das massas. Contrariamente, deverá realizar um paciente trabalho de formação dos primeiros quadros do partido revolucionário, que só pode forjar-se no marco de uma severa discussão ideológica, de elaboração

do programa da revolução chilena. Por outro lado, deverá pacientemente realizar um silencioso trabalho de capacitação no seio das massas, para ajudá-las a defender suas conquistas mais elementares, as garantias democráticas mais simples. É partindo dessa luta que se poderá estancar o retrocesso das massas, concentrá-las de novo e ajudá-las a incorporar-se muito lentamente para a nova ofensiva. Fazendo a revolução em nosso próprio país, ajudaremos eficazmente a revolução chilena. Forjando o movimento trotskista latino-americano e analisando profunda e criticamente as causas do fracasso chileno, ajudaremos a estruturar o partido revolucionário do Chile.

*La Paz, outubro de 1973*

*(Extraído das Obras Completas de Guillermo Lora, tomo 29, 1973)*

**Chile:**

## A Revolução no marco da lei conduz ao golpe militar

*Guillermo Lora, outubro de 1973*

Dói-nos a derrocada do governo da Unidade Popular (UP) e o trágico desaparecimento do socialismo de Allende. Isso porque em um país latino-americano trinhou o golpe fascista contrarrevolucionário, o que significa um revés para o movimento revolucionário chileno, latino-americano e mundial. Temos plena consciência de que a derrota no Chile repercutirá em nosso país, dando maior expressão aos reacionários, internos. Já em 1891, Balmaceda se suicidou como último e inútil protesto contra um golpe reacionário.

Sustentávamos, invariavelmente, que a “via chilena” não poderia resultar senão na vitória da contrarrevolução. Salvo no caso em que tivesse ocorrido o surpreendente fenômeno do surgimento de uma direção proletária, capaz de conduzir os explorados além dos estreitos limites impostos por essa variante de frente popular, que se chama Unidade Popular, da frouxidão e conservadorismo do Partido Comunista e da heterogeneidade e centrismo do Partido Socialista. Nossa análise e nossas advertências foram confirmadas, desgraçadamente, de maneira trágica.

No momento em que Allende ganhava os votos da Democracia Cristã, lúcida direção da reação chilena, na condição de respeitar a legalidade, a Constituição feita pela burguesia, a integridade do exército, do ensino, isto é, do aparato estatal burguês, estava cavando sua própria sepultura e outorgando uma vitória antecipada à contrarrevolução. A essa capitulação se chamou a via chilena: realizar a revolução dentro da lei burguesa e mantendo intocado o aparato estatal da direita. O Chile viveu horas dramáticas protagonizadas por um governo “revolucionário e socialista”, impotente frente ao parlamento, à Controladoria e outros pontos-chaves manejados espertamente pela direita. Vimos os “socialistas” chilenos debaterem-se manietados pelo colossal aparato publicitário, devidamente aceito pela direita economicamente poderosa e pelos dólares norte-americanos.

A revolução chilena só poderia ser salva se se conseguisse mobilizar profundamente as massas exploradas e, para isso, fazia falta um partido revolucionário e não essa cova de direitistas medrosos, que é o Partido Comunista Chileno. Isso é o que não quis e não pôde fazer Allende, que, nos últimos tempos, em que pese sua militância socialista, aparecia como cabeça de ponte do estalinismo no seio de

seu próprio partido. O PCCH podia consentir tudo, menos levar a classe operária à revolução, que abrisse a perspectiva socialista. Seu grito de guerra foi e é “rumo ao socialismo com ajuda da lei burguesa”. O estalinismo e Allende desenvolveram e esgotaram a tática de conquistar amplo entendimento com a burguesia representada pela Democracia Cristã (que mantém o controle das duas Câmaras legislativas). Quando surgiram dificuldades por obra da direita, Allende e o Partido Comunista recorreram à classe operária para pedir-lhe pronunciamentos, mas não a convocaram para que varresse do cenário a burguesia e os agentes do imperialismo. Contentavam-se em denunciar, mas não atuaram contra a base econômica dos inimigos do Chile e de sua revolução. Em todo o momento, preferiram abandonar-se nos braços do exército (das forças tradicionais constitucionais, mas que se esquecem da Constituição, quando sua classe está

em grave perigo). Convertendo-o, paulatinamente, em árbitro da situação política. Um exército todo poderoso - sem o necessário contrapeso de uma classe operária organizada, mobilizada e armada para impor a sua vontade (essa vontade, temiam mortalmente Allende e o Partido Comunista, não em vão Allende declarou nos primeiros dias de seu governo que sua missão era evitar a ditadura do proletariado) - tinha em suas mãos a possibilidade de “destruir” o Presidente da República, quando o achasse conveniente e quando obtivesse unidade de ação nesse sentido.

A lição é clara: o reformismo, pacifismo e colaboracionismo classista, frente-populista, do estalinismo conduziram diretamente à derrota da revolução. Se Allende pôde se manter tanto tempo no poder foi graças ao leal e sacrificado apoio da classe operária, que, por um momento, acreditou que o governo da Unidade Popular era seu próprio governo.

Em certo momento de sua existência, o governo da UP acreditou ter descoberto, em seu modelo, uma via distinta e mais acertada que a da Assembleia Popular, posta em prática na Bolívia. Temos dito que o golpe preventivo gorila para impedir a chegada do proletariado ao poder teve de esmagar a Assembleia Popular. No Chile, o governo da Unidade Popular e sua via pacífica abriram o caminho para tornar possível o golpe militar contrarrevolucionário. Esse desgraçado de-

---

“*A lição é clara: o reformismo, pacifismo e colaboracionismo classista, frente-populista, do estalinismo conduziram diretamente à derrota da revolução. Se Allende pôde se manter tanto tempo no poder, foi graças ao leal e sacrificado apoio da classe operária, que, por um momento, acreditou que o governo da Unidade Popular era seu próprio governo.*”

---

senlace deve incorporar-se como dolorosa lição e ser devidamente aproveitada pelo proletariado chileno e mundial: não há possibilidade de transformar a sociedade atual dentro da lei e do Estado burgueses. A revolução deve se desfazer de todos esses velhos trastes.

A derrota do reformismo no Chile poderá, desgraçadamente, fortalecer essa tendência aventureira e não revolucionária que é o MIR, isso porque no país vizinho a vanguarda revolucionária é muito débil. Contudo, o futuro é seu, sempre que se saiba tirar as devidas conclusões da derrota sofrida e educar dentro delas seus quadros jovens e mesmo a classe trabalhadora.

Observando o firme deslocamento da classe média para a direita (triumfo persistente dos democratas cristãos nas universidades, colégios, etc.), a deterioração da economia que inflava a influência do Partido Democrata Cristão e, inclusive, da ultradireita (PN), a pre-

ponderância crescente do exército que favorecia a reação, sustentávamos, não faz muito, que a burguesia procurava derrotar “legalmente” (eleitoralmente) a UP e que, por isso, a empurrava para um plebiscito ou a se chocar com os organismos do aparato estatal. Nos últimos momentos, produziram-se variantes políticas importantes: a greve de caminhoneiros e de setores da classe média levou à instabilidade econômica e social para a beira do abismo, o que ameaçava traduzir-se em graves levantes das massas; a penetração da esquerda no exército apareceu diante da hierarquia militar como um grave perigo.

A esses fatores é necessário acrescentar a unidade obtida pelas Forças Armadas em torno do objetivo golpista e se terá à vista os fatores que introduziram uma brusca variante nos planos da burguesia.

*La Paz, outubro de 1973*

*Extraído das Obras Completas, Guillermo Lora, tomo XXIX*

## O estalinismo e a experiência chilena

*Guillermo Lora, 1973*

### Surprende a posição estalinista?

Acabamos de ler que a direção do Partido Comunista italiano – o maior, depois do soviético – tirou suas próprias conclusões da trágica experiência chilena. A Unidade Popular (UP) caiu – segundo esses “comunistas” – por ser muito extremista e por não ter sabido aplicar devidamente a política dos aliados, o que significaria esquecer as lições de Lênin. Uma parte da responsabilidade



“ *O PC empurrou o Presidente para os braços dos chefes uniformizados. Nessa nova situação política, já não podia funcionar o entendimento UP-PDC e, mesmo no hipotético caso de se concretizar, teria sido sepultado pelo golpe fascista.* ”

da derrota corresponderia à ultraesquerda, não somente à representada pelo MIR, mas também pela esquerda do MAPU – cujo fracionamento foi obra do PC – e às numerosas frações radicais do centrista Partido Socialista, por seu conhecido aventureirismo e por ter pressionado o governo Allende para que adotasse medidas precipitadas e inconvenientes, que o empurraram para o sectarismo. Partindo dessas falsas premissas, chega à desvairada conclusão de que o êxito da política da UP – construir o socialismo dentro do ordenamento jurídico e do Estado burgueses – dependia do entendimento político com a Democracia Cristã, não de um pacto circunstancial, mas de um compromisso de grande alcance.

Essa conclusão, totalmente estranha ao marxismo, não é de nenhuma maneira surpreendente, tratando-se de um partido estalinista, cuja missão consiste em evitar, por todos os meios, a

revolução dirigida pelo proletariado. Na realidade, o Partido Comunista Chileno orientou sua atividade de acordo com a política preconizada pelos “comunistas” europeus, outra coisa é que as condições políticas de seu país não tivessem permitido materializar sua aliança com a Democracia Cristã. Ramiro Tomic, cérebro da ala esquerdista do PDC, acaba de expor a mesma teoria.

O que sucedeu no Chile é uma amarga e dura experiência; e os partidos políticos tiram lições diversas de acordo com a sua própria natureza, determinada pelos interesses de classes sociais distintas, e até opostas. O PC da Itália, adotando um ar inconfundivelmente professoral, não se cansa de pontificar sobre a necessidade de selar um acordo político duradouro com a Democracia Cristã, o que permitiria constituir uma frente inclusive mais ampla que a popular, a fim de evitar o surgimento de um governo totalitário e brutal, como o que agora impera no país vizinho. Essa tese significa, nada mais nada menos, a anulação da luta de classes a fim de colocar a salvo a “democracia”. Não deve se ocultar o fato de que essa “democracia” se assenta na exploração das massas trabalhadoras, que são a maioria nacional em todos os países de estrutura capitalista, por uma insignificante minoria que monopoliza em suas mãos os meios de produção. Perguntamos: por acaso o PC não tem a missão fundamental de libertar o proletariado e lutar para que esta classe, representada por seu partido político, instaure sua ditadura? O entendimento do PC com a Democracia Cristã, em qualquer lugar do mundo, só pode se concretizar partindo da manutenção dos privilégios capitalistas, consagrando a intangibilidade da propriedade privada e perpetuando a exploração e escravidão do assalariado.

Os que vivem na Argentina estão informados de que o envelhecido Perón, desmentindo seu radicalismo burguês de um quarto de século, levantou a necessidade de forjar a unidade nacional (entendimento com os partidos, que não são mais do que correia de transmissão dos interesses imperialistas, como o Partido Radical), para que o justicialismo não tenha a mesma sorte que a de Allende.

### O PC, a Democracia Cristã Chilena

A Unidade Popular se organizou sobre a base de uma plataforma eleitoral, confeccionada para impressionar e atrair uma vasta classe média chilena, que, por suas condições materiais de vida, sua cultura e sua educação política, cumpre a função de amortecedora da luta de classes. Essa plataforma significou o abandono

dos programas dos partidos aliados em prol do colaboracionismo classista. No entanto, à Unidade Popular (UP) faltava a presença da Democracia Cristã, para chegar a ser uma perfeita frente popular e poder repetir a lamentável experiência do regime de Aguirre Cerda. De maneira natural, o PC se colocou à direita do acordo e, desde o primeiro momento, propôs a necessidade do entendimento e cooperação política com a burguesia, tanto por meio de suas expressões políticas como militares, o que supostamente permitiria neutralizar o imperialismo norte-americano, coisa muito diferente da luta pela libertação nacional. A Democracia Cristã, clara expressão da burguesia e que apresenta diferenças de matiz com os grupos fascistas e também com a reação, não foi estranha às solicitações “comunistas”. Não foram razões de princípio que impediram a conclusão do pretendido entendimento UP-PDC, mas fatores políticos puramente conjunturais. Não se

deve esquecer que Allende iniciou fazendo descomunais concessões à burguesia – referentes à Constituição, ao parlamento, a intangibilidade do exército, da escola, etc. – e, depois, em suas numerosas oscilações, buscou desesperadamente, a todo momento impulsionado pelo PC, agarrar-se na tábua social-cristã. Esse último, atuando em um cenário político dominado pelo rápido deslocamento da classe média para a direita e por frequentes fraturas da frente operária, como resultado da ação dos opositores burgueses. Foi se acrescentando mais e mais exigências, até torná-las deliberadamente inaceitáveis: atuava assim porque tinha a certeza de que acabaria deslocando eleitoralmente a UP do poder. Esta solução direitista do problema político era a que melhor se acomodava aos interesses direitistas da burguesia nacional e imperialistas. O senador Kennedy continuou sustentando esse critério, mas as modificações na situação chilena concluíram convertendo-o em não viáveis. Essas modificações se perfilaram desde as últimas eleições que deram à UP 40% dos votos, o que vinha contrariar as esperanças opositoras de conseguir os dois terços do Poder Legislativo, que permitiriam destituir “constitucionalmente” o Presidente. As câmaras

somente puderam eliminar, sucessiva e gradualmente, os ministros de Estado a partir do momento em que as massas exploradas tenderam a superar politicamente suas velhas direções, o que lhes permitiria atuar revolucionariamente contra o capitalismo – ocupação de fábrica, solução dos problemas pela ação direta, constituição de milícias operárias, formação dos cordões industriais, impacto da ação e propaganda ultraesquerdista nas Forças Armadas, etc. A via social cristã foi se fechando para dar lugar à resposta puramente golpista. O ingrediente maior, nesse terreno, foi dado pelo próprio Allende, que, em seu desespero e em sua incapacidade para se apoiar em uma profunda mobilização das massas, foi convertendo o exército e os generais em árbitros da política chilena. O PC empurrou o Presidente para os braços dos chefes uniformizados. Nessa nova situação política, já não podia funcionar o entendimento UP-PDC e, mesmo no hipotético caso

de se concretizar, teria sido sepultado pelo golpe fascista.

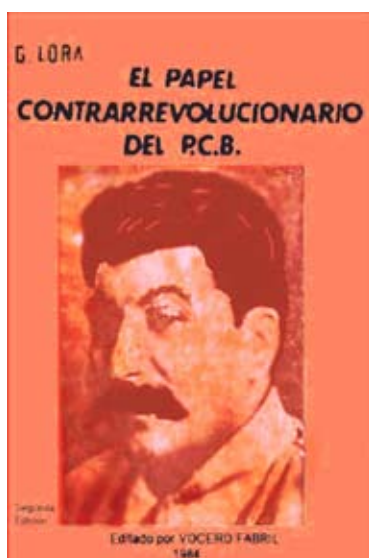
## Somente a ditadura do proletariado poderia acabar com o golpismo

Não é nenhuma descoberta dizer que o golpe militar constituiu um rude ataque ao processo revolucionário chileno e latino-americano e que prejudicou seriamente as massas exploradas. Tampouco tem maior significado o descomunal lamento que se levanta em escala internacional pelo ocorrido. No plano político, é preciso dizer por que caiu a UP, queda que estava escrita desde o momento em que chegou ao poder eleitoralmente, como consequência de um processo de ascenso das massas e que a reação pretendia, com relativo êxito, estrangulá-lo do alto da cúpula governamental. A chamada via chilena – transformação pacífica da atual sociedade em socialista, sempre colocando a salvo a propriedade privada e as leis burguesas – estava condenada ao fracasso, à tragédia para a maioria nacional. Se o fracasso ocorresse devido ao golpe militar, em vez do processo eleitoral, é algo de segunda ordem, determinado pelas particulares circunstâncias políticas.

A UP e PC dentro dela – o partido mais poderoso e melhor organizado em um conglomerado por demais amorfo – não tomaram a suficiente decisão de destruir o funcionamento econômico da contrarrevolução, da burguesia chilena, apenas tocaram em alguns interesses imperialistas. O reformismo se chocou seriamente com todo o aparato intacto da reação e não pôde derrubá-lo. A natural e a inevitável deterioração econômica e a tentativa de jogar suas consequências sobre os poderosos, juntamente com a virada à direita da classe média, assinalaram os limites a partir dos quais era inevitável a derrubada de Allende.

A derrota do governo da UP foi, fundamentalmente, consequência da mesma política governamental. Desde o momento em que Allende utilizou todos seus recursos para conter a mobilização das massas, para fechá-las dentro de um reformismo e colaboracionismo de classes e evitar, assim, a estruturação da ditadura do proletariado, estava trabalhando com afã pela sua própria ruína.

Somente a classe operária no poder, que iniciaria com a nacionalização dos meios de produção e ruptura da dependência diante do imperialismo, teria conseguido destruir o poderio econômico da reação. O problema não era o de ser complacente e de submeter-se à Democracia Cristã, mas acabar com a classe cujos interesses representa este partido político. A burguesia e o imperialismo têm de ser esmagados, porque se permanecerem em pé, continuam conspirando, para acabar com o governo que diz servir aos explorados, mas que de alguma forma limitam seus privilégios ou pretendem pôr em ordem o caos de cunho capitalista da economia. Para o cumprimento dessa tarefa, a UP frente populista estava ultrapassada, e fazia falta a construção de um poderoso partido revolucionário do proletariado, que não é certamente o PC do Chile e de outras latitudes.



“ *O entendimento do PC com a Democracia Cristã, em qualquer lugar do mundo, só pode se concretizar partindo da manutenção dos privilégios capitalistas, consagrando a intangibilidade da propriedade privada e perpetuando a exploração e escravidão do assalariado.* ”

**A atitude do PC boliviano**

O Partido Comunista boliviano, que no passado recente teve uma profunda oscilação para a esquerda – isto na época da Assembleia Popular – vinha-se deslocando progressivamente para posições direitistas tradicionais do estalinismo em geral, atuando assim sob a poderosa pressão do Partido Comunista chileno, particularmente.

O estalinismo altiplano chegou à conclusão de que defender a política independente e revolucionária do proletariado e propor um governo operário e camponês – em lugar da consigna democrática de “governo popular anti-imperialista” – conduziria

ao aventureirismo ultrista de esquerda e prepara, desde agora, uma tragédia semelhante à chilena. Publicamente, expressou seu desejo de apontar algum conspirador militar e deu passos firmes no campo da constituição de uma frente política com os nacionalistas do Movimento Revolucionário de Esquerda e do PRIN. Essa política antioperária e antimarxista, que foi dirigida a destruir a Frente Revolucionária de Esquerda (FRA), constituída como frente conduzida pela classe operária, se complementaria com a Democracia Cristã, oposição legal e tolerada pela reação boliviana.

*Outubro de 1973 - Extraído das Obras Completas, Guillermo Lora, tomo XXIX, 1973, Ediciones Masas*

**CHILE**

*Guillermo Lora, 1974*



No Chile, o governo da Unidade Popular foi uma variante, com pequenos atenuantes, da Frente Popular, em cujo seio o Partido Comunista jogou um papel importante, graças a seu aparelho e sua organização. O presidente Allende concluiu convertendo-se em cabeça de ponte do estalinismo em seu próprio partido, o Partido Socialista, um aglomerado amorfo de tendências mais diversas e sem organicidade.

Como em todos os países, onde não existe uma verdadeira direção revolucionária, a ultraesquerda foquista, portanto, revisionista do marxismo, atinge notoriedade. Às vezes, atuou como um bom auxiliar da direita. A crise de direção do proletariado, que ainda se encontra preso aos Partidos Comunistas e Socialistas, se expressou e se expressa, com trágica agudeza, no fato de que é a ultraesquerda foquista que pretende barrar (atuando, simultaneamente, do exterior e do interior do Partido Socialista e de outras organizações menores) as tendências moderadas e pró-direitistas, manejadas pelo Partido Comunista, que, na América Latina, joga o papel de olheiro de Moscou, encarregado de evitar que seus irmãos menores sejam arrastados pela tentação das posições revolucionárias.

O estalinismo mundial, em seu afã de salvar a ordem burguesa, se empenha obstinadamente em reeditar a trágica experiência chilena: em Portugal, o tão desejado “compromisso histórico” com o Partido Socialista e, na Itália, com a Democracia Cristã, esgota todos os recursos para conter as massas e submeter o proletariado à burguesia.

“ *Somente o proletariado vitorioso e dono do poder podia destruir os fundamentos econômicos da contrarrevolução e eliminar do horizonte a besta fascista.* ”

Aqueles que se entregaram aos braços da Unidade Popular não fizeram outra coisa que dar apoio a um ensaio governamental que encarnou a quinta essência da frente popular da teoria estalinista, acerca das possibilidades de transformação pacífica do capitalismo ao socialismo e das numerosas vias que conduzem a

uma sociedade sem classes. A pretendida revolução, dentro do marco do ordenamento jurídico e do Estado burgueses, concluiu como um vulgar reformismo, que, com dificuldade, se deslocou dentro dos limites que “legalmente” lhe impôs o Poder Legislativo, controlado pela oposição formada pelo Partido Democrata Cristão e pelo Partido Nacional, e pela Controladoria, abrindo as comportas para o fascismo.

Somente o proletariado vitorioso e dono do poder podia destruir os fundamentos econômicos da contrarrevolução e eliminar do horizonte a besta fascista. A Unidade Popular cobriu com um emplastro, colocado à força, na democracia burguesa, com todas as misérias imagináveis de um país latino-americano. Para alcançar seu objetivo, começou - para contar com os votos democrata-cristãos - fazendo concessões fundamentais à direita, como a de manter intocada a estrutura constitucional, a natureza do exército (produto de uma sociedade de classe), o ensino e a imprensa, isto é, conscientemente ignorou que se tratava de um governo sem poder efetivo.

O governo Allende não tinha mais do que duas saídas: 1) mobilizar profundamente as massas para varrer o poder econômico burguês e os meios fundamentais da sociedade, como a impren-

sa, a educação e mesmo o exército. O que teria acelerado a quebra dos partidos Comunistas e Socialistas e, por sua vez, acelerado o processo de formação de um autêntico partido operário revolucionário; 2) ou sobreviver fazendo concessões à direita e ao exército até a chegada das eleições presidenciais, pelas quais a Democracia Cristã retomaria o controle do aparato estatal ou, então, um golpe militar fascista. O Partido Comunista e Allende escolheram o segundo caminho, sem se importarem que sua experiência passasse para a história como um vazio do tipo trabalhista da Inglaterra ou como o caminho que conduz ao fascismo e não à sociedade sem classes.

O fracassado golpe militar do mês de julho de 1973 demonstrou que, nesse momento, o verdadeiro comando da burguesia chilena era o PDC, que considerava que a quartelada frustrada somente ajudaria à causa da UP, ao obrigar os operários, inclusive os setores que começaram a se diferenciar de suas direções políticas tradicionais, a se concentrarem torno do governo para defendê-lo da ameaça do fascismo. Trabalhou aferrando-se à última possibilidade democrática de deslocar a UP, afanosamente para ampliar a brecha já aberta entre setores trabalhistas e o governo de Allende, a fim de ter assegurada a vitória na próxima eleição presidencial ou, no caso de um plebiscito, conforme determinavam as leis vigentes. O exército falou até o cansaço de suas fortes tradições institucionalistas, de seu dever de velar pela vigência e respeito à Constituição. Da mesma maneira que respaldou a UP vitoriosa nas eleições, o fará e com maior satisfação, ao PDC eleitoralmente triunfante. Em certo momento da tensão da luta de classes, o PCCH pressionou para incorporar elementos militares representativos no gabinete, era uma manobra destinada a neutralizar o ataque furioso da direita e também lhe fazer concessão: os militares, como expressão das Forças Armadas, representam os interesses gerais da burguesia, expressos no ordenamento jurídico, isso se demonstrou, sobretudo, porque a Democracia Cristã viu com simpatia essas designações e declarou que os militares eram a garantia e o respeito aos princípios democráticos. Os militares frearam os possíveis avanços da Unidade Popular para a esquerda e não puderam impedir a conspiração que vinha de seu flanco direito. Depois de fracassado o golpe do quartel, Allende novamente chamou os militares, mas as exigências destes eram inaceitáveis. O exército procurou, por sua vez, dissolver os grupos ultra-esquerdistas e desarmá-los, e nisso coincidiu plenamente com o Partido Comunista.

A incapacidade do governo Allende para sufocar a direita e arrancá-la de seu covil foi empurrando-o, cada vez mais, a abandonar nas mãos do exército e este se levantou como o muro intransponível oposto ao reformismo de Allende. A presença do exército obrigou a UP a acantonar internamente a sua esquerda (a ruptura do MAPU e a virtual exclusão do governo de seu setor radical, operação dirigida pelo estalinismo) e a fazer concessões cada vez maiores à direita, aplainando o caminho para o golpe militar. O estalinismo coadjuvou com os fascistas no desarmamento ideológico e material da classe operária.

Os planos da burguesia e do exército “institucionalista” se modificaram radicalmente, quando a greve dos caminhoneiros, de comerciantes e de setores profissionais da classe média agudizaram de forma extrema a situação econômica e social, levando-a à beira do abismo, quando as massas se tornaram ameaçadoras para os interesses da burguesia, quando a hierarquia militar considerou que a penetração da esquerda no seio do exército se tornava perigosa. Todos esses fatores, acrescidos da unidade alcançada entre todas as armas dos quartéis por trás



“ *A incapacidade do governo Allende para sufocar a direita e arrancá-la de seu covil foi empurrando-o, cada vez mais, a abandonar nas mãos do exército e este se levantou como o muro intransponível oposto ao reformismo de Allende. A presença do exército obrigou a UP a acantonar internamente a sua esquerda (a ruptura do MAPU e a virtual exclusão do governo de seu setor radical, operação dirigida pelo estalinismo) e a fazer concessões cada vez maiores à direita, aplainando o caminho para o golpe militar. O estalinismo coadjuvou com os fascistas no desarmamento ideológico e material da classe operária.*

do objetivo golpista, determinaram que a rebelião armada sangrenta e cruel substituísse os métodos da oposição democrática. O exército, considerando que sua classe corria sério perigo, não teve a menor preocupação em violentar a Constituição e desprezar o Parlamento e outras antiguidades, coisa que, desgraçadamente, não supôs fazer Allende em seu devido tempo. O golpe de Estado militar e fascista de 11 de setembro de 1973 sufocou em sangue as massas chilenas e instaurou um regime de força, que acabou com todas as liberdades democráticas e sindicais. A resistência heroica dos explorados veio a demonstrar, desgraçadamente, muito tarde, que as massas amadureciam rapidamente para tomar o destino do Chile em suas mãos. Assimilar a rica experiência das lutas das massas, a criação dos embriões de poder operário e de canais de mobilização, como foram os cordões industriais, constitui um dever elementar. A política revolucionária deve partir da clara compreensão de que a ausência de uma direção revolucionária impossibilitou que a contradição existente entre as tendências instintivas do proletariado e de suas organizações de massa com a linha direitista de suas direções tradicionais saltasse para o primeiro plano e se elevasse.

No Chile, a severa crítica à via pacífica, à natureza e limitações do governo da UP, aos partidos Socialista e Comunista deve servir para aglutinar as camadas mais avançadas da classe operária em um partido revolucionário, sem o qual não se pode falar da revolução.

*(Extraído das Obras Completas, Guillermo Lora, tomo XXX, 1974, Ediciones Masas)*

# O partido político baseado nos sindicatos

## (guia para uma exposição aos camaradas do Brasil)

Guillermo Lora, 6 de novembro de 1990

### 1. O sindicato pode jogar o papel de direção revolucionária da classe?

O antigo sindicalismo revolucionário afirmava que a classe operária não precisava de partido político para fazer a revolução e instaurar a ditadura do proletariado. Que todas as tarefas podiam e deviam ser cumpridas pelos sindicatos. Essa tendência estava influenciada pelo sindicalismo “amarelo”.

Na Bolívia e em outros países, se defendeu, e ainda se defende, que os sindicatos podem, perfeitamente, substituir os partidos, particularmente nas épocas em que estes últimos atravessam profundas crises, divisões, etc.

Em certos momentos da revolução de 1952 e nos anos posteriores, se justificava a consigna de “todo o poder à COB”, que resumia a luta revolucionária antimovimentista. Tal política seria viável se o partido revolucionário tivesse a possibilidade de dirigir, politicamente, a mobilização das massas, através da COB.

“*Os sindicatos concentram as massas operárias, mas não expressam seus interesses gerais, seu objetivo estratégico. (...) O exposto assinala porque o sindicato não é a direção política revolucionária da classe operária.*”

Em nenhum momento, quis dizer-se que a COB – nesse momento organismo de poder mais do que organização sindical – devia cumprir o papel do partido político, e ninguém ignorava que, em seu seio, diversas organizações partidárias lutavam para conseguir a hegemonia. Não obstante, no desenvolvimento posterior, não faltaram os que sustentavam que a poderosa COB concentrava a maturidade subjetiva – consciência de classe – do processo revolucionário. E, agora, inclusive quando a COB está debilitada, não deixam de ouvir vozes que persistem, teimosamente, em tal desvio.

A teoria e a experiência nos ensinam que, nem os organismos de poder, nem os sindicatos, por mais poderosos e radicalizados que sejam, têm capacidade para jogar o papel de partido revolucionário.

O sindicato é uma frente única de classe, e a tão peculiar COB é uma frente anti-imperialista. Em seu seio, não se pode impor o centralismo democrático, a não ser a simples democracia interna. Por sua natureza, toleram-se as correntes mais diversas de pensamento operário e popular. Já temos indicado que sua orientação e conduta dependem das tendências políticas que reúnem forças em seu seio.

Nos sindicatos e na COB, como demonstra a experiência diária, o problema continua sendo o de como expressar a política revolucionária do proletariado. É necessário observar que, com muita frequência, sindicato e a COB seguem os alinhamentos da política burguesa, do colaboracionismo classista, do parlamentarismo, etc.

Distintamente, o partido é ideologicamente homogêneo – ao menos em se tratando da estratégia e dos fundamentos do marxismo –, as divergências referem-se às questões táticas, de concretização, em cada momento, das leis gerais da revolução, expressas no programa. No partido, se ingressa expressando conformidade com o seu programa e com seus estatutos. Para os membros dos sindicatos, basta que os operários estejam em uma empresa.

O sindicalismo boliviano é altamente politizado; e as diferentes correntes políticas têm de entender isso, para dissipar a ideia de que as posições programáticas e a ciência social brotam espontaneamente no seio das massas – têm expressado e expressam suas propostas em teses sindicais, mais políticas que sindicais. As Teses de Pulacayo, a bíblia do movimento operário, é o resultado da atividade e do pensamento do POR.

A adoção de um programa, consequência do predomínio ideológico de uma determinada tendência partidária, não quer dizer que os sindicatos seguirão, invariavelmente e para sempre, essa orientação. O mais frequente é que as direções politicamente contrárias ao programa levam aos sindicatos por caminhos estranhos.

Os sindicatos concentram as massas operárias, mas não expressam seus interesses gerais, seu objetivo estratégico. Não abarcam unicamente a vanguarda, mas também as camadas atrasadas, que são a maioria. O exposto assinala porque o sindicato não é a direção política revolucionária da classe operária.

A adoção de um programa, consequência do predomínio ideológico de uma determinada tendência partidária, não quer dizer que os sindicatos seguirão, invariavelmente e para sempre, essa orientação. O mais frequente é que as direções politicamente contrárias ao programa levam aos sindicatos por caminhos estranhos.

### 2. O partido baseado nos sindicatos

O Partido Trabalhista na Inglaterra é o exemplo do partido político baseado nos sindicatos, o que significa que estes se integram à organização partidária. Não é necessário assinalar que, por esta razão, adquire importância eleitoral, porém, não revolucionária. Não expressa o objetivo estratégico do proletariado, é democratizante e eleitoreiro. Até certo ponto, é tolerante com tendências que discordam de seus objetivos, e os permite atuar até certo ponto em seu seio.

Grande parte das massas está no Partido Trabalhista, porém, como massa, que ainda não tem conseguido estruturar-se como classe, como organização, com um programa anticapitalista. Muitas dessas características se dão nos partidos dos trabalhadores e, para os latinos, um bom exemplo é o Partido dos Trabalhadores (PT), do Brasil.

Não está baseado nos sindicatos, porém, surgiu porque os trabalhadores queriam se organizar de maneira independente da burguesia e dos seus partidos políticos. Não se deve acreditar que nele se sintetiza a história do movimento operário e socialista no Brasil. A quebra do estalinismo, da socialdemocracia e do anarquismo, a ausência de um poderoso movimento revolucionário trotskista, a transformação do proletariado de sedimentação imigratória, etc., permitiu o surgimento do PT, como expressão das grandes mobilizações massivas, da impressionante concentração do proletariado, resultado da elevada acumulação de capital.

A necessidade ou não de um partido dos trabalhadores depende do grau de evolução política das massas. O baixo nível dessa evolução, no Brasil, tornou necessário o PT, como primeiro degrau no caminho da independência política das massas da classe

dominante e de seus partidos. Na Bolívia, não foi preciso passar pelo Partido dos Trabalhadores, ou por um baseado nos sindicatos, se lutou para que as massas se organizassem em seu partido revolucionário, para superar as ilusões e frustrações, como o nacionalismo e o estalinismo. Durante os anos de 1940, o POR conseguiu penetrar vigorosamente no seio das massas, e se tornou uma referência obrigatória para a maioria nacional oprimida. Impõe-se estudar o grande peso que tem o trotskismo na cultura boliviana e as surpreendentes causas deste fenômeno.

Trotsky, em suas discussões com seus camaradas norte-americanos, se referiu à atualidade da estruturação do partido trabalhista nos Estados Unidos, da Liga do Trabalho não partidária, movimento político da CIO nos sindicatos, que, segundo Trotsky, em certo sentido, demonstrava as tendências, portanto, a ação política independente, volta à constituição de um partido.

Deve-se compreender, em tal situação, que se trata de um primeiro passo que percorrerão as massas, no sentido da estruturação de um partido revolucionário, que tenha por estratégia a ditadura do proletariado. A tática que adotam os revolucionários, diante de um partido dos trabalhadores, vem desse objetivo e das características que mostra esse partido.

A Liga do Trabalho e o Partido de Trabalhadores e Chacareiros de Mineápolis se consideravam independentes, mas apoiavam, eleitoralmente, o Partido Democrata – da burguesia imperialista – e a Roosevelt, que aparecia como progressista e amigo dos trabalhadores e necessitados. Não esqueçamos que Roosevelt desenvolveu, aos países latino-americanos, uma diplomacia “fraternal, de cooperação”, como diziam alguns, mas que não era mais do que um atraente rótulo para converter em confortável a política colonizadora própria da metrópole do capital financeiro.

Trotsky considerou, então, que podiam apresentar-se três tipos de partidos trabalhistas: 1) *“um partido oportunista, disperso, descentralizado; 2) um partido oportunista, porém, suficientemente centralizado, dirigido por mentirosos e carreiristas; 3) um partido revolucionário, centralizado, onde os trotskistas seriam a direção. Não esperamos que apareça um tipo claro e puro”*.

Parte-se do princípio, da convicção, de que corresponde – dada à extrema debilidade do núcleo revolucionário e das enormes dificuldades para penetrar nas massas – participar no partido trabalhista com a finalidade concreta de construir o partido revolucionário.

Desde que a estrutura de tal partido permita a atuação em seu seio da tendência revolucionária de maneira aberta, como fração, será melhor e mais fácil o trabalho. No entanto, como acontece agora no PT, a direção pode também agir para eliminar as correntes revolucionárias, proibir a dupla militância. Neste caso, deve-se realizar o entrismo clandestino, com o objetivo de criar uma forte corrente interna com projeção a tirá-la, em determinado momento, do partido trabalhista e fortalecer o núcleo revolucionário. Não se pode descartar por princípio a possibilidade de que

o Partido dos Trabalhadores se converta em revolucionário e os trotskistas se convertam em direção, ainda que essa variante seja pouco provável.

### 3. Programa e necessidade do pólo aglutinador

Tem de entender-se que falamos do partido-programa, isolado e com poucas possibilidades de conseguir que as massas venham até ele, que utilize o partido dos trabalhadores, ou aquele baseado nos sindicatos, para fortalecer-se e converter-se na verdadeira direção dos explorados, a fim de levá-los rumo à conquista do poder.

Tem-se comprovado, em numerosas oportunidades, que os grupos que ingressam nos partidos de trabalhadores acabam por dissolverem-se em seu seio, o que equivale a perder a possibilidade de construir o partido revolucionário. Parece que algo semelhante tem ocorrido com os lambertistas, dentro do PT do Brasil. Trata-se da consequência da falta de um programa revolucionário devidamente elaborado e de pouca formação doutrinária e política dos quadros que militam no Partido dos Trabalhadores. Dirão-nos que o problema do programa já está resolvido com a existência do Manifesto Comunista, dos documentos dos primeiros anos da Internacional Comunista, ou do Programa de Transição. Não é correta essa posição. A tarefa consiste em concretizar as leis gerais da revolução em nossa época, que expressam esses

documentos numa determinada realidade. Corresponde estudar, especificamente, cada país – sua economia, sua história, suas classes sociais, etc. – quanto à determinação concreta de sua estrutura econômica, suas particularidades nacionais. A resposta aos problemas emergentes dessa realidade será o programa, que tem de começar caracterizando com precisão o país, ponto de partida para poder assinalar a natureza da revolução a ser dirigida pelo proletariado. Procurar-se-á transformar o Partido dos Trabalhadores com este programa, aglutinar as correntes afins aos objetivos revolucionários.

O trabalho entrista, para surtir bons efeitos, deve contar com um núcleo muito bem organizado no interior do Partido dos Trabalhadores, que conte com uma imprensa (jornal), e que atue como ponto de referência para as tendências revolucionárias, que venham a aparecer naquele partido.

A impaciência e o desespero políticos resultam em um trabalho entrista deficiente, que pode acabar frustrando os propósitos de utilizar o Partido dos Trabalhadores no processo de formação do partido revolucionário. Voltamos a assinalar que o partido revolucionário é aquele que expressa o objetivo estratégico da classe operária, a ditadura do proletariado.

Com certeza que o Partido dos Trabalhadores se apresentará como democratizante, falando de independência política da classe operária, porém, sem se atrever a assinalar que o caminho de sua libertação passa pela ditadura do proletariado.

*(extraído da Colmena, nº 390, 6 de novembro de 1990)*



# Resumo sobre como cumprir as tarefas para penetrar no seio das massas. Organizá-las e educá-las politicamente

Guillermo Lora, junho de 1995

## Usar o jornal como instrumento para penetrar no seio das massas, e ganhar politicamente os novos militantes

Partimos do convencimento de que o partido marxista-leninista-trotskista é a expressão da consciência de classe, do programa, da estratégia, enfim, da política revolucionária do proletariado. Dessa forma, o partido é a força imprescindível que pode assegurar a vitória na luta de classes, no processo revolucionário.

As ideias revolucionárias (o programa) se transformam em força material quando penetram no seio das massas e se assenhoram delas. Essa tarefa é cumprida pelo partido, pelos militantes revolucionários – organizadores e profissionais.

Neste momento de situação revolucionária, a tarefa de maior transcendência é a de penetrar no seio das massas, em geral, para organizá-las, politizá-las e mobilizá-las. Todo esse processo se resume na conclusão de que o partido do proletariado deve atuar como direção política da nação oprimida pelo imperialismo.

Os militantes estão organizados por células (sobretudo nas células por empresa) e ali aprendem a penetrar no seio das massas, organizá-las e politizá-las. Nessa tarefa, o militante utiliza como seu instrumento mais eficaz, o jornal partidário.

Na célula, estuda o conteúdo do jornal (também o elabora, o divulga e o financia) e a maneira em que deve ser popularizado, explicado, isso de acordo com o setor em que se intervém. Divulgando, elaborando e explicando, o militante faz novos contatos, os politiza e os transforma em militantes.

## Agrupar os simpatizantes para transformá-los em militantes-organizadores, e estruturá-los em células

Com a ajuda do jornal, ganhamos politicamente novos militantes, que

têm de ser organizados para que o militante os forme teórica e politicamente. A célula-mãe discutirá e ensinará de que maneira serão politizados (explicar marxismo, o programa partidário, a linha política) os novos militantes. As explicações devem atrair e entusiasmar os ouvintes, e não cansá-los ou dispersá-los. Isso se aprende progressivamente, superando de maneira constante os erros que se cometem.

Os que amadurecem para se transformar em militantes serão organizados celularmente, porque é esta a organização que permite ao partido atuar no seio das massas e que conclui dirigindo-as.

Todo militante novo deve ser já um organizador, e deve guiar-se pelo princípio de que se aprende marxismo e política ensinando aos novos militantes. Todo militante deve ser formado como organizador e guiado para pôr em pé outras células, desde o primeiro momento.

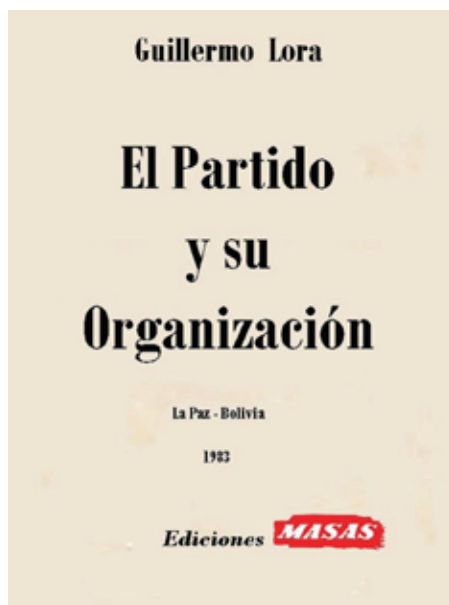
O militante continuará estudando e aprofundando o marxismo junto aos trabalhadores na luta, procurando expressar politicamente o que é o impulso instintivo das massas.

## A maneira de educar teórica e politicamente os novos militantes. Aprender marxismo junto aos trabalhadores, para expressar politicamente o que é o instinto das massas

A assimilação do conteúdo do jornal e dos documentos partidários ajuda o militante e a célula (este trabalho deve ser coletivo) a assimilar a experiência e os ensinamentos da luta das massas. É preciso aprender a generalizar esta aprendizagem, a guiar-se pela regra de aprender ensinando. O militante não é somente o ativista treinado nos trabalhos manuais, mas sim aquele que tem de dominar a teoria, e se transformar em propagandista, agitador e organizador.

(Extraído de “La Colmena”, nº

1238, junho de 1995)



“*Todo militante novo deve ser já um organizador, e deve guiar-se pelo princípio de que se aprende marxismo e política ensinando aos novos militantes. Todo militante deve ser formado como organizador e guiado para pôr em pé outras células, desde o primeiro momento. O militante continuará estudando e aprofundando o marxismo junto aos trabalhadores na luta, procurando expressar politicamente o que é o impulso instintivo das massas*”

Neste documento Guillermo Lora refuta as críticas do argentino Nahuel Moreno.

## O argentino Moreno e as raízes de sua incompreensão da revolução boliviana

Guillermo Lora, 7 de janeiro de 1995

### Limitações deste trabalho

As notas críticas a seguir se referem a menos de oito páginas do livro de Ernesto González e outros, intitulado “O trotskismo operário e internacionalista na Argentina”. De alguma forma, a revolução boliviana foi pedra de toque das concepções do morenismo, que gastou muito dinheiro, e mobilizou vários de seus militantes, com o objetivo de pôr em pé seu próprio partido em terras altiplanas, fracassando em toda a linha.

Em seu afã existista, em sua trajetória errática, e em seu aventureirismo, é preciso acrescentar a total incompreensão de Moreno sobre a revolução permanente como transparece em suas curiosas colocações sobre a revolução boliviana, e de toda sua história.

Um breve trecho do capítulo quinto do livro a que nos referimos proporciona o testemunho acerca das premissas que refletem a incompreensão morenista do processo da revolução boliviana. Abundam razões para que limitemos nossa análise a essa parte do livro de González.

Ninguém ignora que Moreno realizou um amplo trabalho internacional, e acabou pondo em pé sua própria organização nesse terreno. Certamente, seus seguidores nos dirão que assim cumpriu a missão de trotskista. Sem a intenção de aborrecer, dizemos que com essa atitude atordoou o cosmopolitismo da Argentina e, mais precisamente, o de Buenos Aires.

Os morenistas e outras seitas que se pretendem “trotskistas” procuram nos esmagar com a denúncia de que os poristas bolivianos são “nacionalistas”, portanto, contrários ao internacionalismo proletário e à própria IV Internacional. Essa colocação não passa de esquematismo simplista.

Respondemos de nossa parte que vivemos grande parte da experiência da IV Internacional, e suportamos as consequências negativas de sua quase total inexistência como marco da elaboração coletiva da política revolucionária nos diferentes países. Moreno e seus seguidores são um bom exemplo de que o esquematismo subjetivista é incapaz de compreender o processo revolucionário, pois, para livrar-se dos obstáculos, seria preciso apreender as leis da história da sociedade boliviana.

De início, percebe-se uma leviandade excessiva na análise. Moreno se lança contra Michel Pablo por suas opiniões e decisões sobre a questão boliviana, mas se percebe a ausência da análise sobre a conduta desenvolvida pelo POR, cujos dirigentes e seus escritos estavam longe de ser pablistas. As divergências entre esses protagonistas eram evidentes e numerosas. Ignorar essa realidade é uma enorme leviandade para um analista do processo revolucionário, bem como limitar-se a poucas citações de segunda mão, no que se refere ao que faziam e escreviam os poristas.

Novamente, diremos que está ausente a explicação de uma questão de importância capital: a razão pela qual a IV Internacional não pôde assimilar criticamente o que se fez na Bolívia – não se deve esquecer de que se trata de uma rica experiência –, este fenômeno negativo se repetiu posteriormente.

Às vezes exaltaram alguns êxitos do POR, mas nada mais. Não

assimilaram criticamente as conquistas, e tampouco se explica por que o trotskismo boliviano incipiente pôde derrotar outras correntes políticas consideradas de esquerda, entre elas o morenismo. Parece que se transformou em norma o fato de fracassar os múltiplos esforços que fizeram por organizar grupos revisionistas do trotskismo.

Um de nossos críticos norte-americanos se esforçou por justificar seus equívocos, ao julgar o POR com o argumento de que sempre careceu de informação de primeira mão sobre o movimento revolucionário boliviano. A discussão nos interessa, e é por isso que estamos lançando as “Obras Completas”, onde se incluem os escritos sobre a formação de nosso pensamento, e de nossa própria experiência no seio das massas. Esperamos que a polêmica posterior tenha por base os materiais de primeira mão.

Estamos convencidos de que assimilar autocriticamente o que se fez na Bolívia, os erros que se cometeram, etc., fortalece o movimento trotskista internacional, caminho que nos potencia como protagonistas da revolução.

### “A maior, perfeita e clássica revolução operária”

O pablismo, da mesma maneira que tantos outros grupos pretensamente trotskistas, são exististas ao extremo, o que lhes empurra a exibir suas supostas ou reais vitórias, mas não fazem

“O pablismo, da mesma maneira que tantos outros grupos pretensamente trotskistas, é existista ao extremo, o que lhe empurra a exibir suas supostas ou reais vitórias, mas não faz nada para elaborar a política revolucionária das diferentes seções. O morenismo caiu no mesmo vício.”

nada para elaborar a política revolucionária das diferentes seções. O morenismo caiu no mesmo vício.

Na página 197 de “O trotskismo operário...”, se apresenta o balanço de Moreno e dos autores do volume citado sobre a revolução boliviana. Tudo se reduz a conclusões em torno de algumas citações extraídas do livro “Bolívia, a revolução derrotada”, de Liborio Justo, cujo mérito está em ter acumulado algum material de primeira mão, ainda que sua conclusão seja errônea. Os balanços apresentados denunciam o pensamento político e o programa de seus autores, desnudando o baixíssimo nível em que se moviam. A incompreensão do que acontecia domina as análises, se assim podemos chamá-las.

Até a aprovação das “Teses de Pulacayo” (1946), e a constituição do Bloco Mineiro Parlamentar – apresentados pela direção da IV Internacional – o Partido Operário Revolucionário/ Bolívia não participou de nenhum congresso da IV Internacional, não elaborou em seu seio sua política, e tudo se limitou ao ocasional contato por carta, ou a leitura espaçada de suas publicações. Ninguém disse que a este fato se deveram muitos dos erros cometi-

dos pelo POR. Mas, também houve acertos, e tampouco se explicou porque ocorreram em meio a este isolamento estragador.

O balanço de Moreno, nomeado com propósito indisfarçável, diz: “...Na Bolívia se deu a maior, perfeita e clássica revolução operária desse século, com uma forte influência da Internacional”. Esta avaliação existista é surpreendente para quem cumpria as tarefas da direção de organizações trotskistas. Ernesto González e seus cooperadores acrescentam, referindo-se ao período de 1952: “o trotskismo era muito forte. Tinha se tornado direção de grande prestígio político no movimento operário e no povo boliviano.

Em novembro de 1946, reuniram-se os delegados mineiros da Bolívia, e aprovaram as célebres teses conhecidas com o nome da cidade mineira de Pulacayo, elaboradas pelos trotskistas do POR, e aprovadas contra o voto do MNR e do estalinismo... Esse programa e, especialmente, os pontos contrários ao exército, e favoráveis ao armamento dos trabalhadores..., eram o eixo da propaganda dos trotskistas e das organizações mineiras, até que se produziu a revolução de 1952, quando se criaram as célebres milícias.

Uma consequência do colossal triunfo trotskista entre os trabalhadores mineiros foi a constituição do bloco ou frente operária para as eleições de 1946...

O MNR ocupou o governo, com V. Paz como presidente. Mas, quem dominava toda a Bolívia eram as milícias operárias e camponesas. Depois de 11 de abril de 1952, a maioria (delas) estava dirigida pelos trotskistas...”

Tal apreciação – posterior aos acontecimentos – não é exata, é forçada para demonstrar que o POR/Bolívia dominava a situação política e arrastava atrás de si a maioria da classe operária, pelo menos. As apreciações de Moreno, sobretudo, e também de seus seguidores mais próximos resultam inexplicáveis, quando se referem a acontecimentos político-históricos muito divulgados, como foram as jornadas de abril de 1952. Parece-nos que foram deliberadamente exageradas, para demonstrar que Michel Pablo se apartava do trotskismo, ao aconselhar o apoio do POR/Bolívia ao MNR no poder, ainda que não feita de maneira franca.

O que mais estranha é que não se diz nada sobre as diferenças do POR/Bolívia com a política traçada pela direção da IV Internacional, isto quando o morenismo argentino pugnava por ser reconhecido como “seção argentina”, e por deslocar desse cargo o posadismo, uma espécie de caricatura política.

Atrevemo-nos a afirmar que Moreno conhecia o fato inoculável de que o POR e a direção da IV Internacional julgavam de maneira distinta os acontecimentos bolivianos. O secretário geral porista disse publicamente, na capital francesa, no dia seguinte da vitória popular de 9 de abril (levou a opinião dos bolivianos e a contrapôs à oficial da direção da IV Internacional):

“Que o POR/Bolívia tinha como linha política lutar pelo poder arrancando o controle do MNR sobre as massas operárias, a classe média e, conseqüentemente, sobre as nacionalidades nativas”. Esta posição não agradou ninguém da IV Internacional, que curiosamente partia do pressuposto de que já éramos a maioria (acreditavam ter as provas nas Teses de Pulacayo e no Bloco Mineiro Parlamentar), sobretudo no seio da COB, a força mais poderosa nesse momento.

Esquecia-se do desenvolvimento do processo revolucionário. Como tantas vezes, a realidade é arbitrariamente substituída por esquemas subjetivos, esquece-se a realidade objetiva e se a substitui por bons desejos. Os observadores – os historiadores, os políticos – caem nesses excessos, e por isso se lhes escapam as leis do desenvolvimento e transformação da sociedade boliviana. Há que concluir que não são marxistas e, por isso, caem com tanta frequência no aventureirismo e no reformismo, que sempre levam às trincheiras da burguesia.

Nos primeiros momentos do esmagamento do aparato estatal feudal-burguês, o imperialismo norte-americano está convencido de que o MNR, particularmente alguns de seus líderes, eram comunistas, que estavam dispostos a impor ao país o radicalismo das “Teses de Pulacayo”.

A reação feudal-burguesa partia da certeza de que os Estados Unidos não permitiriam aos comunistas do MNR consolidar-se no poder, e que a nação oprimida estava obrigada a recuperar a “democracia” – temos afirmado que na Bolívia nunca existiu e não existe, nem existirá – para devolver a ela o manejo do aparato governamental. A experiência ensinará que ao imperialismo interessa converter em seu instrumento um partido capaz de encabrestar as massas. É por isso que acabou apoiando o movimentismo, prestando-lhe suporte econômico, etc. O MNR se constituiu nesse momento na melhor variante para Washington.

Nos primeiros momentos, um dos fatos de maior importância foi o boicote e a ofensiva vigorosa do imperialismo. O POR, fiel ao marxismo, ao pensamento de Trotsky, rechaçou a intervenção imperialista no país, e por estar impossibilitado de tomar o poder – isso porque não era a direção das massas – não lançou a consigna de derrubada do MNR. Esse repúdio à ingerência norte-americana implicava a defesa da soberania nacional, e se converteu em um fator que não debilitava o governo, combatido sem cessar pelos trotskistas. Reiteramos que, para nós, essa conduta era correta, era a resposta revolucionária a uma determinada situação. As massas, dando-nos razão, fortaleceram o governo movimentista.



Nos primeiros momentos, um dos fatos de maior importância foi o boicote e a ofensiva vigorosa do imperialismo. O POR, fiel ao marxismo, ao pensamento de Trotsky, rechaçou a intervenção imperialista no país, e por estar impossibilitado de tomar o poder – isso porque não era a direção das massas – não lançou a consigna de derrubada do MNR. Esse repúdio à ingerência norte-americana implicava a defesa da soberania nacional, e se converteu em um fator que não debilitava o governo, combatido sem cessar pelos trotskistas. Reiteramos que, para nós, essa conduta era correta, era a resposta revolucionária a uma determinada situação. As massas, dando-nos razão, fortaleceram o governo movimentista.

### “Os erros mais grosseiros do morenismo”

Há que perguntar se o ocorrido em 1952 foi “a (revolução proletária) maior, perfeita e clássica no nosso século...”. Esta afirmação é um absurdo antimarxista da primeira à última palavra.

Qual seria a revolução “maior, perfeita e clássica” de nossa época? Aquela de presença e predomínio revolucionário do proletariado. Essa seria uma revolução social que materializaria a finalidade estratégica da ditadura do proletariado, na Bolívia um perfeito governo operário e camponês.

A “revolução clássica” é aquela que deve ser tomada como referência, se se quer como modelo a se imitar. Tratando-se da revolução de 1952, não há que imitá-la, mas superá-la, até convertê-la em social, cujo ponto culminante é a ditadura do proletariado.

O argumento do morenismo para justificar sua arrojada caracterização da revolução de 1952 é extremamente débil. Limita-se à colocação de que o POR era a direção das massas, que virtualmente tinha cercado o movimentismo. Nada disso é exato.

O POR que chega a 1952 era um partido muito jovem, que inicia sua penetração no seio das massas, particularmente, do proletariado mineiro. Fundado em 1935, suportou um quinquênio de enquistamento e, com dificuldade, pôde se aclimatar no país. As conquistas importantes assinaladas pelo morenismo ocorreram praticamente às costas da então IV Internacional.

Excepcionalmente, pela primeira vez no mundo, a atividade dos trotskistas poristas se traduziu em adoção pelos sindicatos de um programa ideológico, que é uma versão do Programa de Transição e, ao mesmo tempo, contribuiu para a caracterização do país, e para a fixação do objetivo estratégico, e dos métodos de luta próprios do proletariado.

As “Teses de Pulacayo” impulsionaram o desenvolvimento político das massas, e continuam tendo vigência, depois de meio século de sua aprovação. Isso ocorre porque sua essência continua atuando através das massas. É um exemplo de como a ideologia da classe, sua essência, corresponde às leis históricas.

Necessariamente, surge a pergunta: para que a revolução seja perfeita, grande e clássica, é suficiente um programa ideológico? Os programas – por mais importantes que sejam – podem flutuar nas nuvens, se não forem traduzidos em organização dos explorados, em tradição. Isso se deu com o primeiro programa do POR. O marxismo ensina que as ideias ganham força material se se implantarem nas massas, o que quer dizer que os militantes revolucionários penetram em seu seio e se constituem em sua direção.

Não foi por acaso que, tendo começado pela declaração sindical, passamos – quase imperceptivelmente – a referirmo-nos ao programa partidário.

É estranho que não se diga que as “Teses de Pulacayo” contêm respostas ao programa do POR, mas a particularidade, ou por acaso anormalidade, foi que se as elaborou (pelos ativistas sindicais e operários de base), e inevitavelmente se as voltou para o Partido. Durante há algum tempo, para as pessoas da rua, as Teses eram o programa do POR e da FSTMB.

Essa realidade não foi uma vantagem, mas uma anormalidade, que não correspondia à interrelação que existe entre as massas e o partido político. É o Partido, armado do programa, da finalidade estratégica – elaborado coletivamente pela militância – que leva as ideias até o seio das massas, para transformá-las, particularmente a sua vanguarda. Isso é imprescindível para a transformação qualitativa do instinto em consciência de classe, em política.

O processo de transformação da classe pelo Partido permite que esta o transforme, o que exige a politização das massas. Cabe ao partido – se se pretende converter-se em direção das massas, manter essa condição, e evitar que estas a esmaguem, e até o empurrem para a direita – transformar seu programa, e colocar-se à altura da evolução das massas. Tudo isso supõe condicionar a evolução da política às mudanças da situação em que se vive, em grande medida definida pela ação e atitude das massas.

O que se passou na Bolívia foi muito diferente. Ninguém duvida que o POR transformou a classe operária – este é seu acerto, seu capital –, mas, demorou muitíssimo em se transformar programaticamente para atuar como verdadeira direção dos explorados e oprimidos, particularmente nas jornadas de 1952. Não pudemos precisar com exatidão como se devia atuar, que consignas levantar para dirigir as massas para o poder.

Não é mecanicamente que o Partido responde às exigências das massas em luta, o faz por meio do aperfeiçoamento de seu programa e da atividade da militância na batalha. Se isso não ocorre, são as massas que pugnam a passarem por cima do Partido, e o empurram para um lado. Não pode permanecer indefinidamente o vazio do posto da vanguarda. Se isto acontece, aqueles que lutam se agarram a qualquer um, e lhe atribuem todas as virtudes concebíveis. É preciso concluir que o enorme atraso na transformação do programa deixou vazio o posto da

direção revolucionária, não pôde colocar-se à frente das massas e, por isso, não as conduziu à tomada do poder. Os mineiros e os operários de fábrica destruíram o Estado feudal-burguês e o exército, mas entregaram o poder político em uma bandeja de prata ao MNR (na atualidade, está no poder e é dirigido pelo novo Patiño, que é o Goni). Uma frustração que, em grande medida, se deveu ao que era o POR com partido. Não se pode dissimular que o Partido que transformou a classe, concluiu (nas jornadas de abril) como um obstáculo para a instauração do governo operário e camponês ou ditadura do proletariado.

Nossos críticos poderão encontrar documentos acerca desse processo, que aparecem nas “Obras Completas”, e esperamos que suas críticas estejam fundamentadas no verdadeiro pensamento e ação dos trotskistas bolivianos.

Quando se elaboram as “Teses de Pulacayo”, a velha guarda porista, que continuava sendo a direção, não estava de acordo com esse documento, o criticava em parte e o sabotava. Um pouco mais tarde, aquele que se passava de Secretário Geral redigiu uma tese francamente movimentista.

O POR era uma pequena minoria na COB, mas a honestidade dos delegados operários do MNR lhe permitiu impor alguns documentos importantes, sobre a terra, a nacionalização das minas, etc. As “Teses de Pulacayo” foram programa da COB até 1954, quando se aprovou um documento movimentista, e começou a sua burocratização, passagem obrigatória para sua estatização.

Os comentaristas não dizem nada sobre o “co-governo MNR-COB”, que assim foi denominado em razão da integração nele dos movimentistas obreristas, que eram os lechinistas. Era obrigatório atuar nesse marco, que definia a dualidade de poderes. Por isso, o POR defendeu o monopólio operário do governo, como um possível passo para a ditadura do proletariado.

(Extraído das “Obras Completas”,  
Guillermo Lora, tomo LXIII, 1995-1996, pág.35)



“  
As “Teses de Pulacayo”  
foram o programa da COB até  
1954, quando se aprovou  
um documento movimentista  
e começou a sua burocratização,  
passagem obrigatória  
para sua estatização.”

## Publicado o livro “A Revolução Boliviana”, de Guillermo Lora, na Argentina

*Como parte da campanha dos 10 anos do falecimento de Guillermo Lora, o Partido Operário Revolucionário da Argentina decidiu publicar a obra “A Revolução Boliviana”. Extraímos algumas passagens da apresentação das “Edições Proletárias Juan Yañez”.*

Há 10 anos, aos 87 anos, falecia o histórico dirigente revolucionário Guillermo Lora. O proletariado, não somente boliviano, mas também mundial, havia perdido um quadro excepcional. Sua rica atividade militante (tanto teórica quanto prática) foi um fiel reflexo de sua estreita e precoce vinculação com as bandeiras históricas do socialismo. Sua perseverante e tenaz luta por se formar como militante revolucionário e, portanto, como ferramenta histórica dos explorados, na luta por acabar com o regime capitalista de produção, não fraquejou sequer nos episódios mais adversos de seu extenso trabalho militante. Temos, então, diante de nós, em uma primeira aproximação, uma das obras imprescindíveis, como a daqueles que empregam o máximo de suas energias na luta revolucionária.

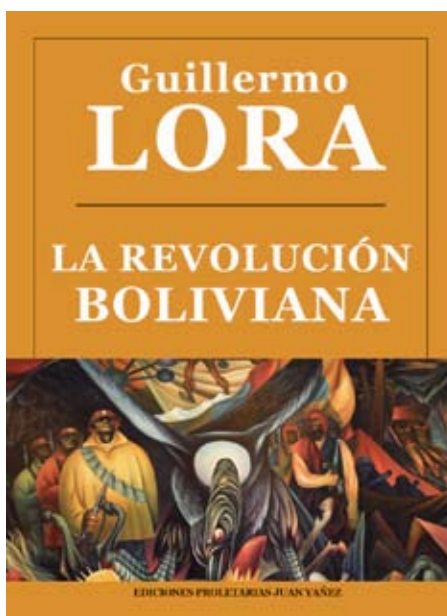
Basta lançar a vista à copiosa quantidade de trabalhos teóricos, para notar que não estamos diante da presença de uma obra passageira de um valioso militante. Os 69 tomos de suas Obras Completas nos expõem um quadro do militante que toma seriamente o trabalho de materializar teoricamente uma extraordinária quantidade de experiências da luta de classes. Entendemos Guillermo Lora como a imagem do quadro revolucionário, que combina dialeticamente a atividade prática com a teorização permanente.

\*\*\*

Consequentemente ao acima exposto, a decisão de começar a editar seus principais escritos tem duas vertentes que se interrelacionam permanentemente. Por um lado, não podemos desconhecer a profunda marca que dei-

xou na militância revolucionária internacional, e a partir daí “aproveitar” (...) o décimo aniversário de seu falecimento para lhe render uma forma de homenagem colocando ao alcance muitas de suas obras. (...)

Devemos, no entanto, introduzir um segundo aspecto, a fim de esclarecer outro motivo, mais importante, que nos toca. Guillermo Lora, e com ele o POR, no momento em que contribuíram ao campo revolucionário com extraordinárias lições, que mantêm atualidade, se tornaram alvo de uma dura perseguição, que perdura há muito tempo.



“ Queremos deixar bem claro, com a publicação deste trabalho, que a batalha do trotskismo diante do revisionismo centrista não se dá nos termos históricos-acadêmicos, mas políticos e programáticos.

\*\*\*

Os dirigentes e correntes que pretendam passar por cima da história do POR, deformando, recortando, ignorando e ocultando-a, fazem um enorme favor à classe dominante mundial. É o próprio processo de reconstrução

da IV Internacional que coloca na ordem do dia a necessidade de retomar as principais conquistas do POR: a Assembleia Popular de 1971, a crítica ao foquismo pequeno-burguês, a batalha ideológica contra o nacionalismo burguês, a reivindicação da tática da frente única anti-imperialista, a imediata posição revolucionária diante da Revolução Cubana, a pertinente crítica ao processo de restauração capitalista e à Perestroika, ou os ensinamentos da grandiosa Revolução de 1952, texto com o qual damos início na Argentina a esta edição das Obras Escolhidas do camarada Guillermo Lora, há 10 anos de seu falecimento.

\*\*\*

A razão histórica está com o POR. Queremos deixar bem claro, com a publicação deste trabalho, que a batalha do trotskismo diante do revisionismo centrista não se dá nos termos históricos-acadêmicos, mas políticos e programáticos. É a própria incapacidade dessas organizações para reconhecer as conquistas do trotskismo na Bolívia que nos obriga a realizar um sistemático trabalho de clarear, de quando em quando, de conjunto, as tergiversações, distorções, falsificações, ocultamentos e calúnias, com as quais os revisionistas adversários adornam seus materiais.

\*\*\*

Damos início, com este livro, à reprodução de destacados escritos de nosso querido camarada, tendo a certeza de seu real valor na formação de militantes profissionais. Insistimos para que sejam lidos e estudados pela ampla camada de oprimidos, que começou a caminhar (...) pela senda da luta pelo fim de toda forma de opressão, por uma sociedade sem explorados nem exploradores, pela sociedade comunista, isto é, pelas bandeiras históricas do socialismo revolucionário.

Abril de 2019